



Cyberbullying – Um manual de formação de pais.

***Jäger, T., Stelter, C., Amado, J., Matos, A. & Pessoa, T.
(Ed.) (2012)***

Módulo 0	4
Resumo	5
Introdução.....	6
Objetivos e resultados esperados.....	6
Orientações e ferramentas para planificar, desenvolver e avaliar a formação	7
Antes de trabalhar com pais	8
Quando se trabalha com os pais.....	18
Depois de trabalhar com os pais – avaliação da formação	23
Conclusão.....	27
Referência	28
Módulo 1	31
Resumo	32
Introdução.....	33
Objetivos da aprendizagem	34
Novos media e desafios atuais	34
Web 2.0: das redes estáticas para as redes dinâmicas	45
Relação entre o fascínio pela Internet e as tarefas de desenvolvimento durante a adolescência	53
Os perigos e os riscos na Internet.....	67
Conclusão.....	75
Referência	76
Módulo 2	78
Resumo	80
Introdução.....	81
Objetivos e resultados da aprendizagem	82
Síntese do conhecimento e do pensamento atuais	85
Alguns dados sobre o cyberbullying	96

Fatores que podem contribuir para as experiências de cyberbullying	99
Os efeitos do cyberbullying	100
Como lidar com o cyberbullying	103
Conclusão.....	107
Recursos.....	108
Referências	118
Módulo 3	124
Resumo	125
Introdução.....	128
Objetivos e resultados esperados de aprendizagem.....	129
Síntese do pensamento e do conhecimento atuais	130
A – Para compreender a posição dos pais e as suas preocupações.....	130
B – Para identificar os efeitos do cyberbullying: “Como hei-de saber?”	133
C – Intervenção	139
D – O que podem fazer os pais para prevenir o cyberbullying?.....	155
Atividades	165
Referências	176
Leitura adicional e outros materiais	177

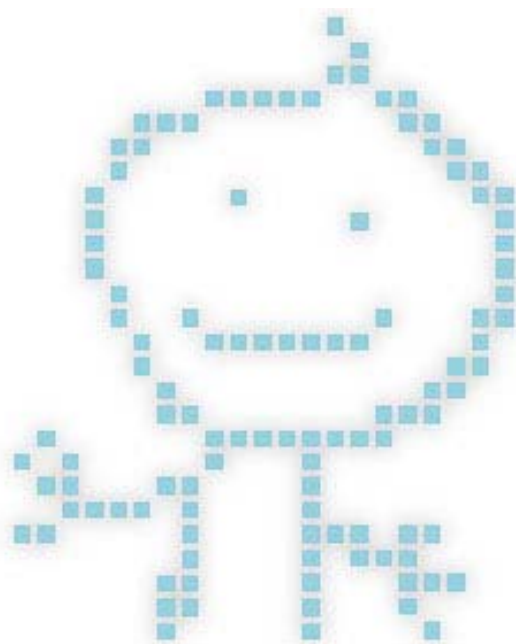


Módulo Introdutório

Trabalhar com pais: princípios e estratégias de formação

João Amado, Armanda Matos & Teresa Pessoa

Universidade de Coimbra (Portugal)



Resumo

- Os pais têm diversas necessidades, experiências e dúvidas em termos de conhecimento e de destrezas para lidar com o problema do cyberbullying.
- Consequentemente, um curso sobre o cyberbullying para pais deve ser bem preparado, estruturado e desenvolvido em ordem a responder a certas necessidades e a ser eficaz.
- Uma importante etapa, antes de começar a trabalhar com pais no tópico do cyberbullying é a análise das suas necessidades e expectativas relativamente a esta temática e a este curso.
- A utilização de recursos, tais como casos e imagens na formação deverá favorecer uma aprendizagem interativa.
- A avaliação da formação é essencial para confirmar até que ponto ela produziu os resultados desejados.

Introdução

O problema do cyberbullying, abordado neste curso de formação para pais, constitui uma temática multifacetada. Considerando a complexidade e a novidade deste assunto, os pais têm diversas necessidades, experiências e dúvidas, em termos de conhecimento e de destrezas, para lidar com o problema.

Por consequência, qualquer curso de formação que tenha como objetivo equipar os pais com destrezas e estratégias necessárias para ajudar os seus filhos a lidar com os riscos e perigos dos novos media, e particularmente com o problema do cyberbullying, deve ser bem planificado, estruturado e desenvolvido de modo a corresponder às suas necessidades e a ser eficaz.

Este módulo oferece algumas orientações sobre como usar o manual, de modo a obedecer às exigências de um curso de formação eficaz. Para além disso, propomos alguns princípios, estratégias e ferramentas para preparar, implementar e avaliar a formação.

Objetivos e resultados esperados

Este módulo tem como objetivo apetrechá-lo de uma informação abrangente para planificar e desenvolver um curso de formação destinado a pais, sobre o cyberbullying.

Os objetivos específicos do módulo são:

- Providenciar algumas orientações acerca de como usar o manual de formação.
- Sublinhar alguns princípios que podem guiá-lo ao trabalhar com pais acerca do cyberbullying.
- Sugerir algumas linhas e ferramentas para ajudá-lo a avaliar as necessidades de formação dos pais relacionadas com o cyberbullying.
- Sugerir algumas linhas e ferramentas para ajudá-lo a avaliar as expectativas dos pais relativamente ao curso de formação.
- Oferecer sugestões acerca do modo como incrementar as suas destrezas de comunicação para trabalhar com pais.
- Recomendar algumas estratégias para trabalhar com pais usando imagens e casos.
- Sugerir algumas orientações e ferramentas para avaliar a formação.

Orientações e ferramentas para planificar, desenvolver e avaliar a formação.

Princípios da formação

Quando se trabalha com pais no tópico do cybebullying (com o objetivo de se desenvolver competências, de mudar atitudes, representações, valores e crenças) é importante fundamentar a formação em princípios pedagogicamente eficazes.

- A aprendizagem dos pais e as mudanças desejadas devem resultar de uma motivação intrínseca⁽¹⁾.
- O formador deve criar um clima propício a que os pais se sintam livres para exprimir a sua opinião e reações, sem receio de estar errados.
- Antes de iniciar, deve estar consciente das necessidades e expectativas dos pais, de modo a que a formação vá ao encontro das suas carências em termos de conhecimento, emoções e atitudes.
- O desenvolvimento de uma formação deve apoiar-se em diversas atividades que promovam o envolvimento emocional, intelectual e físico dos pais.
- O conhecimento e a experiência dos pais torna-os importantes recursos para a aprendizagem, se lhes permitir falar acerca disso mesmo com os parceiros, nas atividades de aprendizagem^(2, 3). Quando se aborda o problema do cyberbullying e os riscos associados ao uso das TIC, a experiência deles enquanto pais deveria ser reconhecida e utilizada como exemplos sobre cuja base se deve construir o novo conhecimento⁽⁴⁾.
- Embora seja importante considerar a experiência pessoal dos pais e usá-la na formação, deve ter-se cuidado e respeitar a privacidade de que necessitam. No seu grupo de formandos pode haver pais com diferentes experiências – pais com crianças que foram vítimas de cyberbullying e pais com filhos que tiveram um papel ativo numa situação de bullying – desse modo, os seus diferentes sentimentos, interesses e sensibilidade devem ser tidos em conta.
- É importante dar aos pais suficiente tempo para trabalharem e reestruturarem a sua experiência prévia e o conhecimento acumulado. Pode facilitar este trabalho, oferecendo-lhes a oportunidade para observar, partilhar, escutar exemplos e explicações que os ajudem a completar ou a reestruturar as suas conceções prévias.
- É importante que exemplifique com a sua própria prática, enquanto formador, o conjunto de competências interpessoais consideradas importantes na relação entre pais e crianças (abertura, escuta ativa, empatia, etc.)^(5, 6).

Antes de trabalhar com pais

Análise de necessidades

Implementar um curso de formação eficaz acerca do cyberbullying requiere um plano cuidadoso e implica diferentes e complexas tarefas. Uma importante etapa, antes de começar a trabalhar com pais no tópico do cyberbullying, é a análise das suas necessidades relativamente a esta temática. Considerando que o objetivo principal, ao trabalhar com pais, é equipá-los com destrezas e estratégias necessárias na ajuda aos filhos para lidarem com os riscos e perigos dos novos media e, particularmente, com o problema do cyberbullying, é importante identificar o desfasamento entre os conhecimentos e destrezas atuais dos pais e as competências que eles desejavelmente precisam de desenvolver.

No seu grupo de formandos é natural que tenha pais com diferentes formações, possibilidades e fraquezas. Por consequência, a análise de necessidades constitui-se como uma oportunidade para identificar as diferentes carências dos pais, definir prioridades e tomar decisões que poderão beneficiar todo o grupo. Em ordem a ajudá-lo a avaliar as necessidades dos formandos, descreveremos brevemente algumas atividades e recursos que pode aplicar ^(7, 8).

Recurso 0.1 – Conhecimento dos pais acerca dos novos media oferece-lhe um questionário que ajuda a obter uma visão geral do conhecimento dos participantes e do seu nível de experiência em termos de novos media.

Atividade 0.1 - ‘Nível de conhecimento dos pais acerca do cyberbullying’ e Atividade 0.2 - ‘O que sei eu acerca do cyberbullying?’. Estas atividades foram pensadas para o ajudar a avaliar o que os pais já sabem sobre o cyberbullying e, também, para facilitar a reflexão sobre as suas necessidades em termos de conhecimentos e habilidades para lidar com esse problema. Pode escolher de entre estas duas atividades, a que considera mais adequada às suas condições de formação e oportunidades específicas.

Recurso 0.1 – Conhecimento dos pais acerca dos novos media

Objectivo:

Para abordar o tema do cyberbullying com os pais, e para ajudá-los a desenvolver habilidades adequadas para lidar com os riscos do mundo digital, deve estar ciente do seu conhecimento e nível de experiência em termos de novos media. O questionário, que a seguir apresentamos, está desenhado para lhe permitir fazer uma primeira ideia sobre o conhecimento e nível de experiência dos pais relacionada com as TIC. Os resultados podem ajudá-lo a decidir como usar o "Módulo 1 - Introdução aos Novos Media", endereçando questões tais como: Que temas do Módulo 1 devem ser discutidos com mais detalhes? Ou, com que conteúdos os pais já estão familiarizados? Como é que pode garantir que o seu grupo de pais sabe o básico da Internet e das TIC, fundamental para continuar a tratar o problema do cyberbullying?

Procedimento:

Sugerimos que envie o questionário aos pais antes do curso. No caso de não poder enviá-lo você pode utilizar as perguntas como diretrizes para uma discussão em grupo no início das atividades.

Questionário "Conhecimento dos pais acerca dos novos media"

1. Com que frequência usa a Internet (assinale um X):

	Sempre	Muitas vezes	Às vezes	Raramente	Never
1.1 Para comunicar com os outros?	☐	☐	☐	☐	☐
1.2 Para procurar informação?	☐	☐	☐	☐	☐
1.3 Para procurar ajuda e orientação?	☐	☐	☐	☐	☐
1.4 Para publicar e partilhar fotos, vídeos, etc.?	☐	☐	☐	☐	☐
1.5 Com outro propósito?	☐	☐	☐	☐	☐
Por favor explicite _____					

2. Com que frequência usa o telemóvel (assinale um X):

	Sempre	Muitas	Às vezes	Raramente	Never
--	--------	--------	----------	-----------	-------

		vezes			
2.1 Para fazer chamadas?	☐	☐	☐	☐	☐
2.2 Para enviar mensagens de texto?	☐	☐	☐	☐	☐
2.3 Para enviar fotos ou vídeos?	☐	☐	☐	☐	☐
2.4 Para aceder à internet?	☐	☐	☐	☐	☐
2.5 Com outro propósito?	☐	☐	☐	☐	☐
Por favor explicite _____					
3. Por favor, tente avaliar o seu conhecimento sobre os seguintes aspetos relacionados com a utilização da Internet.					
	Muito boa	Boa	Aceitável	Pobre	Very poor
3.1 As funcionalidades básicas da Internet, isto é, como está estruturada e como funciona	☐	☐	☐	☐	☐
3.2 Os diferentes modos de usar a Internet, por ex., para pesquisas, para obtenção e recuperação da informação	☐	☐	☐	☐	☐
3.3 Diferentes modos de usar a Internet para comunicar e interagir com os outros utilizadores	☐	☐	☐	☐	☐
3.4) Diferentes serviços oferecidos pela Internet (redes sociais, sites de partilha de vídeos, salas de chat, mensagens instantâneas)	☐	☐	☐	☐	☐
3.5 O papel da internet no desenvolvimento dos jovens	☐	☐	☐	☐	☐
3.6 Os riscos e os perigos da Internet em termos de exposição a conteúdos nocivos	☐	☐	☐	☐	☐
3.7 Os riscos e perigos envolvidos na comunicação e interação com outras pessoas na Internet	☐	☐	☐	☐	☐

Atividade 0.1 -- Nível de conhecimento dos pais acerca do cyberbullying

Objetivo

Esta atividade foi planeada para avaliar o nível de conhecimentos dos pais acerca do cyberbullying. Ajudá-lo-á a identificar as diferentes necessidades dos pais, a estabelecer prioridades e a tomar decisões relativamente ao uso do “Módulo 2: Introdução ao cyberbullying”, que beneficiarão todo o grupo.

Recurso

Não são necessários recursos adicionais.

Procedimento

É pedido aos pais que, em pequenos grupos, escrevam num bocado de papel tudo o que sabem acerca do cyberbullying; posteriormente, cada grupo deve partilhar a informação com os outros, e entregar o papel ao formador.

Atividade 0.2 - 'O que sei eu acerca do cyberbullying?'

Objetivo

Esta atividade foi planeada para avaliar o nível de conhecimentos dos pais acerca do cyberbullying. Ajudá-lo-á a identificar as diferentes necessidades dos pais, a estabelecer prioridades e a tomar decisões relativamente ao uso do "Módulo 2: Introdução ao cyberbullying", que beneficiarão todo o grupo.

Procedimento

Peça aos pais para responderem ao questionário "O que sei eu acerca do cyberbullying?" Pode enviar o questionário aos pais antes do curso ou utilizar as questões como orientações para uma discussão de grupo no início da sessão. Se enviar o questionário aos pais antes da sessão, analise as respostas e planifique o desenvolvimento do curso de acordo com as necessidades identificadas. Se utilizar as questões no início da sessão, utilize a discussão entre os pais para formar uma conceção inicial acerca do que eles sabem sobre o cyberbullying, bem como para promover a sua reflexão crítica acerca das suas necessidades relacionadas com este tema.

Questionário 'O que sei eu acerca do cyberbullying?'

Por favor, diga em que medida concorda com as seguintes afirmações. Coloque um círculo de 1-5, em que 1 significa que discorda fortemente e 5 significa que concorda fortemente.

	Discordo			Concordo	
	fortemente			fortemente	
a) Tenho uma ideia clara acerca do que é o cyberbullying....	1	2	3	4	5
b) Estou familiarizado/a com os métodos utilizados no cyberbullying.....	1	2	3	4	5
c) Estou consciente do impacto que o cyberbullying pode ter nas crianças e nos jovens.....	1	2	3	4	5

d)	Estou familiarizado/a com os sinais e sintomas do cyberbullying.....	1	2	3	4	5
e)	Estou consciente do que eu devo fazer para prevenir que o/a meu/minha filho/a venha a estar envolvida em cyberbullying.....	1	2	3	4	5
f)	Sei como ajudar o/a meu/minha filho/a se ele/a estiver a ser vítima de cyberbullying.....	1	2	3	4	5
g)	Sei o que fazer se o/a meu/minha filho/a estiver a vitimizar outros.....	1	2	3	4	5
h)	Estou confiante e confortável em relação à minha capacidade de orientar o/a meu/minha filho/a para um uso responsável das TIC.....	1	2	3	4	5
i)	Sei a quem devo pedir ajuda, se o/a meu/minha filho/a estiver envolvido numa situação de cyberbullying.....	1	2	3	4	5

Uma verificação rápida, antes de iniciar a formação

Um passo importante, antes de iniciar a formação, é garantir que todas as condições e recursos estão bem organizados e preparados. Deve verificar, entre outros aspetos relevantes, se as instalações estão arrumadas de forma adequada, se o acesso à Internet está garantido, se todos os pais foram informados a tempo sobre o horário e local das sessões de formação. Pode usar a lista seguinte para verificar se as condições e os recursos estão preparados para a formação. Ao planear as sessões, pode adicionar a esta lista outros tópicos que considere essencial verificar antes de começar a formação.

Checklist

Use a seguinte lista para verificar se estão presentes todas as condições necessárias para iniciar a formação.

- Os pais foram informados atempadamente sobre a localização, horário e duração das sessões de formação;
- Os recursos humanos estão preparados e coordenados em relação às suas tarefas;
- O material técnico está pronto e funciona bem;
- O acesso à Internet está garantido e a funcionar bem;
- A instalação está organizada de uma maneira adequada à aprendizagem;
- A disposição da sala e a luz estão apropriadas / adaptadas à visualização de vídeos;
- Todos os documentos (questionários, narrativas, etc.) a distribuir aos pais estão impressos e prontos a serem usados.

Avaliação das expectativas

Outro passo importante, antes de começar a trabalhar com os pais sobre o tema do cyberbullying, é a avaliação de suas expectativas não só relativamente a esta temática mas, também, em relação ao curso em geral, ou seja, o projeto do curso, o papel dos formadores, as atividades e a dinâmica do curso, se os pais possuem confiança suficiente para falar sobre o tipo de problemas relacionados com o cyberbullying. É importante identificar as lacunas entre as expectativas dos pais e as expectativas do formador, relativas à conceção e desenvolvimento da formação.

Ainda que um objetivo importante do curso seja o de dar informações sobre o cyberbullying, um dos maiores desafios que se coloca é o de criar condições que confirmem aos pais a confiança necessária para compartilharem problemas reais e cotidianos. A fim de ajudar a avaliar as expectativas dos pais relativamente à formação proporcionada no curso sobre cyberbullying, sugerimos que aplique a Atividade 3.

A fim de o ajudar a avaliar as expectativas dos pais relacionadas com o curso sobre cyberbullying, sugerimos que use a Atividade 0.3 - 'O que espera deste curso?'.

Atividade 0.3 - 'O que espero deste curso?'

Objetivo

Esta atividade foi concebida para avaliar o nível de expectativas dos pais sobre o curso. Ela irá ajudá-lo a identificar as diferentes expectativas dos pais e a definir prioridades.

Procedimento

Peça aos pais para responderem ao questionário "O que eu espero com este curso?". Pode enviar o questionário para os pais antes do curso ou utilizar as perguntas como diretrizes para um grupo de discussão no início da sessão. Se enviar o questionário para os pais antes do curso, analise as suas respostas e planeje o desenvolvimento do curso de acordo com as expectativas identificadas. Se usar as perguntas no início da sessão, aproveite a discussão dos pais para fazer uma primeira avaliação do que eles esperam do curso, e também para facilitar a sua reflexão crítica sobre expectativas.

"O que espera deste curso?"

1. Por favor confirme o quanto concorda com cada uma das seguintes afirmações. Para isso faça um círculo em torno do 1 - 5 sendo que 1 significa que discorda fortemente e 5 que concorda fortemente.

		Discordo			Concordo
		Fortemente			Fortemente
a) A formação de forma geral irá valer a pena	1	2	3	4	5
b) A instituição/grupo que promove a formação inspira confiança	1	2	3	4	5
c) A localização do curso é a adequada	1	2	3	4	5
d) A duração do curso é a desejável	1	2	3	4	5
e) Os objetivos definidos são importantes	1	2	3	4	5

f) Os conteúdos definidos são pertinentes	1	2	3	4	5
g) Eu espero aprender mais sobre cyberbullying	1	2	3	4	5
h) Ficarei mais preparada para ajudar o(s) meu(s) filho/a(s)	1	2	3	4	5
i) Eu espero que a formação esteja bem organizada	1	2	3	4	5
j) Eu espero que os formadores sejam especialistas no assunto	1	2	3	4	5
k) Eu espero que formadores utilizem bem métodos apresentação	1	2	3	4	5
l) Eu espero que os recursos sejam apropriados à aprendizagem ...	1	2	3	4	5
m) Eu espero que as atividades me ajudem a compreender melhor as diversas situações	1	2	3	4	5
n) Aplicarei o que irei aprender na educação da minha família	1	2	3	4	5
o) Aplicarei o que irei aprender no modo como irei comunicar com o(s) meu(s) filho/a(s)	1	2	3	4	5

2. As três coisas principais que gostaria de aprender neste curso:

2.1 _____

2.2 _____

2.3 _____

Quando se trabalha com os pais

Competências de comunicação

A comunicação eficaz é uma habilidade essencial se estiver a trabalhar em conjunto com pais no sentido de os ajudar. Por esta razão, damos-lhe algumas dicas para o ajudar a fortalecer e melhorar o seu desempenho nesta área⁽⁹⁻¹¹⁾:

- Ouça atentamente;
- Não oriente demasiado;
- Esteja consciente de suas expressões faciais e postura, ou seja, mostre-se calmo, não reaja à situação e aos problemas de forma exagerada;
- Permita que os pais manifestem opiniões, sentimentos e dúvidas, sem os interromper com perguntas, críticas ou conselhos;
- Mostre interesse fazendo perguntas quando o interlocutor se cala;
- Evite uma abordagem moralista ou excessivamente dramática;
- Faça declarações reflexivas e valide o ponto de vista dos pais;
- Demonstre empatia, de modo a que os pais sintam que entende seus sentimentos e pensamentos;
- Nunca subestime os sentimentos de outra pessoa;
- Use uma linguagem clara e explícita a fim de evitar mal-entendidos na comunicação e de fazer com que todos entendam a mensagem que deseja transmitir.

Utilização de casos e imagens

Os recursos e os métodos a serem utilizados no desenvolvimento de atividades de formação para os pais devem favorecer o seu envolvimento e uma aprendizagem interativa. Neste sentido é necessário saber como utilizá-los adequadamente e de uma maneira bem fundamentada. Iremos fornecer-lhe algumas orientações sobre dois tipos de recursos que são particularmente úteis na abordagem ao problema do cyberbullying, e, portanto, podem ser muito úteis para uma formação eficaz dos pais sobre o tema. Estes recursos são os casos e as imagens (cartoons, vídeos, etc.)

A formação com casos

Um caso ⁽¹²⁻¹⁵⁾:

- é uma situação real com toda a sua complexidade
- gera controvérsia
- é uma narrativa aberta com tensões e desafios .
- uma narrativa que descreve o que conduziu ao acontecimento, as suas consequências e como os participantes se sentiram e o que pensaram
- pode ser uma cena de um filme, um capítulo de um livro, uma imagem, uma história.

Porquê usar casos ou narrativas na formação?

- Um caso é uma história, uma das “formas humanas básicas de experienciar o mundo” ⁽¹⁶⁾
- Permite que os conceitos e as práticas permaneçam interligados
- Evita o excesso de simplificação
- Permite o desenvolvimento do pensamento crítico

Como usar os casos na formação:

a) **Storytelling** – contar uma história inevitavelmente implica ‘tomar uma posição moral’

Histórias e casos são considerados aqui:

- como exemplos, ou ilustrações de teorias e competências
- como conhecimento e contexto

O leitor ou ouvinte de um caso ou história constrói uma interpretação ou sentido trazendo ‘a sua experiência para a narrativa’ ⁽¹⁷⁾.

Objetivos:

- mudar atitudes, sentimentos e comportamentos
- promover o pensamento crítico

Atividades:

- Seleção do caso – porque é importante trabalhar com casos adequados
- Leitura individual e reflexão através de questões abertas
- Análise colaborativa e discussão - brainstorming, role-playing, forums, etc.
- Síntese final – poderá ser uma matriz que permita uma leitura crítica do caso

b) Storywriting – ou escrever casos e histórias. Usando esta estratégia, pais e mães têm um papel duplamente ativo na medida em que não só observam a realidade, mas também escrevem sobre o que percebem serem dilemas reais no âmbito do cyberbullying.

- Escrever um caso leva o sujeito a refletir sobre a sua própria experiência de cyberbullying;
- Escrever uma história significa aprender a ouvir e a compreender contextos

Objetivos:

- Dar aos sujeitos o tempo e a distância emocional necessária para analisar as práticas
- Compreender a prática e a experiência do cyberbullying ‘de uma perspetiva interna’ | “from the insider’s perspective”
- Influenciar atitudes, sentimentos e comportamentos
- Promover o pensamento crítico

Atividades: ⁽¹⁸⁾:

- Experiência inicial: ouvir, observar ou participar num episódio ou série de acontecimentos;
- Experiência reflexiva: os episódios originais são desenvolvidos numa narrativa escrita. O papel do formador é criar condições favoráveis a que os sujeitos selecionem episódios significativos para posteriores análises
- Experiência de discussão colaborativa: o caso continua a desenvolver-se mediante diálogo e rascunhos sucessivos. Os escritores estão envolvidos numa pesquisa reflexiva sobre a experiência. O formador coordena a pesquisa e define condições para mudanças positivas em aspetos que precisem de maior clarificação
- Experiência partilhada: Procura-se a construção da partilha de experiências através do feedback de outros educadores de modo a que os casos se tornem parte da comunidade

Formar com imagens

A utilização de imagens¹ (e.g. cartoons, vídeos, etc.) na formação sobre o cyberbullying acarreta muitos benefícios, relacionados com o seu poder de representar a realidade de um modo que apela à sensibilidade e às emoções dos pais.

Entre outras vantagens, a utilização de imagens, fixas ou em movimento, em atividades de formação de pais promove:

- a motivação e o envolvimento dos pais;
- o diálogo / debate de um tópico, conducente à construção de conhecimentos;
- a interacção entre pais e formadores;
- o diálogo interno dos pais, durante a análise das imagens.

De forma a rentabilizar estas potencialidades na formação de pais sobre a temática do cyberbullying, a utilização das imagens deve ser baseada em alguns princípios e procedimentos metodológicos. Fotografias, desenhos animados ou vídeos só por si não trazem benefícios, a não ser que sejam submetidos à análise, debate e reflexão, no contexto de actividades que sejam planificadas de modo a alcançar um conjunto de objectivos definidos de forma clara. Por isso, iremos delinear alguns princípios essenciais e apresentar algumas orientações metodológicas eventualmente úteis, para que se aproveitem da melhor forma estes recursos no trabalho de formação de pais.

Alguns princípios

- O trabalho de observação, análise, decodificação, e estruturação deve ser efetuado pelos pais.
- O formador deve assumir um papel criativo e de orientação, propiciador da construção do conhecimento pelos formandos.
- O formador deve criar um contexto que permita aos formandos integrarem a informação audiovisual na sua própria experiência, de forma a convertê-la numa aprendizagem significativa.

¹ O conceito de imagem que iremos aqui utilizar inclui imagens fixas (p. ex. revistas, fotografias) e imagens em movimento (programas de televisão, vídeos, etc.)⁽¹⁹⁻²²⁾.

Metodologia

Recursos como cartoons, vídeos, etc., não devem ser entendidos como substitutos do seu papel de formador, mas como um meio para promover o envolvimento/a participação dos pais na sua própria aprendizagem, através da sua acção catalisadora enquanto formador. Assim, a utilização de imagens na formação deve basear-se numa metodologia ativa e reflexiva.

Antes da sessão de formação: Antes de se utilizar qualquer recurso visual ou audiovisual (ex. fotografias, notícias, vídeos) deve estudar-se cuidadosamente o documento e analisar os seus elementos e o conteúdo que aborda, de modo a identificar os aspetos em que os pais terão que se centrar.

Na preparação da atividade, é necessário responder a algumas questões ⁽²³⁾:

- Quais são os objectivos que pretende alcançar com a utilização deste recurso?
- Como deve estar organizado o espaço para a utilização apropriada do recurso?
- Quanto tempo tem disponível para a realização da tarefa?
- Deverá o recurso (fotos, vídeo, banda desenhada ou outro documento audiovisual) ser visionado na íntegra ou devem-se seleccionar algumas cenas/imagens para serem trabalhadas?

É necessário preparar o espaço e a disposição dos pais, organizar e preparar o equipamento (som, luz, etc.). Antes de mostrar as imagens, é importante descrever brevemente o tipo de documento que será utilizado e o assunto que aborda, de modo a envolver e a motivar os pais.

Durante a visualização: deve prestar atenção e mostrar interesse, pois é desta forma que quer que os pais se comportem. Sugerimos que aproveite a oportunidade para observar as reacções e atitudes dos pais e o seu nível de interesse durante a visualização das imagens ⁽²⁴⁾.

Depois da visualização: Para garantir que a utilização de fotos, vídeos, etc. resulte numa aprendizagem significativa, é essencial adoptar uma abordagem compreensiva. Esta abordagem consiste na análise e discussão das imagens por etapas sequenciais, começando por se centrar nas suas componentes emocionais e sensoriais e introduzindo progressivamente elementos mais racionais/cognitivos ⁽²⁴⁻²⁶⁾.

Este processo de análise e discussão de imagens começa com um **primeiro passo** que visa promover a livre expressão de reacções e opiniões dos pais e a interacção entre os mesmos. Ao começar num nível mais sensorial e emocional, consegue-se tirar partido da riqueza das imagens e da sua capacidade de apelar à razão, à sensibilidade e às emoções.

Um **segundo passo** consiste em promover o debate entre os pais, e a sua reflexão crítica sobre o tópico do cyberbullying, com base nas reações e questões levantadas pelas imagens. Encorajar o confronto de pontos de vista e de argumentos constitui uma oportunidade para os pais encontrarem explicações racionais, compararem perspectivas, interpretações e soluções. Deverá ter especial cuidado no sentido de evitar dar explicações ou respostas sem ter dado oportunidade aos pais de se expressarem. No caso de imagens narrativas, evite fazer juízos de valor, dizendo que comportamento está correcto ou errado – deixe que os pais expressem as suas opiniões e cheguem a uma conclusão através do confronto de ideias.

Um **terceiro e último passo** visa permitir que os pais resumam a informação, ideias, e perspectivas discutidas, de modo a convertê-las em conhecimentos e experiências significativos. Esta fase deve possibilitar aos pais que integrem o conhecimento/ideias apresentadas nas imagens e esta integração deve ser mediada pela sua própria experiência. Desta forma, as imagens permitem que os pais se envolvam no processo de construção do seu conhecimento.

Depois de trabalhar com os pais – avaliação da formação

A avaliação é, muitas vezes, a característica mais esquecida de qualquer prática educativa. No entanto, é essencial, e constitui uma ferramenta para determinar se a formação produziu realmente os resultados desejados, e para estimular uma reorientação do processo.

Atividade 0.4 - ‘A avaliação da aprendizagem e da satisfação’ foi planeada para o ajudar a avaliar a satisfação e a aprendizagem dos pais.

Atividade 0.4 – Avaliação da aprendizagem e da satisfação

Objetivo

Esta atividade destina-se a avaliar a aprendizagem e a satisfação dos pais com o curso

Procedimento

- a) Pede-se aos pais para responderem ao questionário “Avaliação da aprendizagem e da satisfação”
- b) Depois de responderem ao questionário, convidam-se os pais a partilhar com todo o grupo a opinião acerca do modo como o curso respondeu às suas necessidades e dúvidas de modo a poderem ajudar os seus filhos a lidar com os riscos e perigos dos novos media e, muito especialmente, com o problema do cybebullying.

Questionário “Avaliação da aprendizagem e da satisfação”

1ª PARTE

Por favor indique em que grau concorda com as seguintes afirmações. Faça um círculo sobre um dos números de 1 a 5, e em que o número 1 indica que você discorda completamente, ao passo que o número 5 significa que está completamente de acordo.

Discordo	Concordo
Completam/	completam/

1. Estou mais consciente acerca de:

- | | | | | | | |
|--|-------|---|---|---|---|---|
| a) Conceito e tipos de cyberbullying | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| b) Causas e fatores relacionados com o cyberbullying | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| c) Sinais e sintomas do cyberbullying | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

d) Relação entre o contexto familiar e o cyberbullying	1	2	3	4	5
e) A Importância da monitorização familiar e da supervisão das crianças	1	2	3	4	5
f) O que posso fazer para prevenir o cyberbullying	1	2	3	4	5
g) O que devo fazer se o meu filho for vítima	1	2	3	4	5
h) O que devo fazer se o meu filho for agressor	1	2	3	4	5
i) Os aspetos legais relacionados com o cybebullying	1	2	3	4	5

2ª PARTE

1. Por favor indique em que grau concorda com as seguintes afirmações. Faça um círculo sobre um dos números de 1 a 5, e em que o número 1 indica que você discorda completamente, ao passo que o número 5 significa que está completamente de acordo.

	Discordo			Concordo	
	Completam/			completam/	
j) O curso de formação geral valeu a pena	1	2	3	4	5
k) A instituição/grupo que promoveu a formação era de confiança	1	2	3	4	5
l) A localização foi apropriada	1	2	3	4	5
m) A duração foi adequada	1	2	3	4	5
n) Os objetivos foram alcançados	1	2	3	4	5
o) Os conteúdos foram significativos e bem dirigidos	1	2	3	4	5
p) A formação foi bem organizada	1	2	3	4	5
q) Os formadores eram peritos na matéria	1	2	3	4	5
r) Os formadores foram eficazes no desenvolvimento da formação	1	2	3	4	5

- | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|
| s) As instalações eram apropriadas para promover a aprendizagem | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| t) Os recursos eram apropriados para facilitar a aprendizagem | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| u) As atividades ajudaram-me a entender melhor as diferentes situações | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| v) As atividades estimularam a partilha entre os formandos | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| w) As atividades foram válidas no sentido de me ajudarem a aplicar os conhecimentos na relação com o meu filho | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| x) Aplicarei o que aprendi na educação do meu filho | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| y) Recomendarei este curso aos meus amigos | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

Para melhorar este curso de formação eu sugiro: _____

Conclusão

Este módulo tem como objetivo demonstrar a importância de planificar a formação, nomeadamente no que diz respeito à avaliação das necessidades, à necessidade de considerar as expectativas dos pais e de avaliar o curso. Além disso, destacamos neste módulo a relevância, ao abordar um tema como o cyberbullying, de promover experiências de aprendizagem baseadas no uso criativo de recursos como casos e imagens. De acordo com isso, o módulo oferece um conjunto de princípios e algumas orientações para ajudá-lo a melhorar as suas habilidades de comunicação, e para criar um uso apropriado de estratégias e recursos pedagógicos no curso de formação. Oferece, ainda, um conjunto de ferramentas que podem ser utilizadas para avaliar as necessidades dos pais, as suas expectativas, bem como os resultados da formação, em termos de aprendizagem e de satisfação.

Referências

1. Alan Chapman/Businessballs (2010). Training or learning?
<http://www.businessballs.com/training.htm>
2. Merriam, S. B., Caffarella, R. S., & Baumgartner, L. M. (2007). Learning in adulthood: A comprehensive guide. San Francisco: Jossey-Bass.
3. Knowles, M. S. (1980). The modern practice of adult education: From pedagogy to andragogy (2nd Edition.). New York: Cambridge Books
4. Stevens, I. (2010). Social Pedagogy and its links to Holding the Space.
http://www.actionforchildren.org.uk/media/52170/holding_the_space_and_its_links_to_social_pedagogy.pdf
5. Centers for Disease Control and Prevention (2009). Parent Training Programs: Insight for Practitioners. Atlanta (GA): Centers for Disease Control.
http://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/Parent_Training_Brief-a.pdf
6. Gordon, T. (2000). Parent effectiveness training. New York: Three Rivers Press
7. Hesketh, E. A., & Laidlaw, J. M. (2010). Needs assessment.
http://www.nes.scot.nhs.uk/nes_resources/ti/NeedsAssessment.pdf
8. Witkin, B. R., & Altschuld, J. W. (1995). Planning and conducting needs assessments: A practical guide. California: Sage Publications.
9. Coll, C., Martín, E., Mauri, T., Miras, M., Onrubia, J., Sole, I., & Zabala, A. (2001). O construtivismo na sala de aula: Novas perspectivas para a acção pedagógica. Porto: Asa.
10. Heath, M. A., & Sheen, D. (2005). School-based crisis intervention: Preparing all personnel to assist. New York: The Guilford Press.
11. Webster-Stratton, C. (1992). The incredible years: A trouble-shooting guide for parents of children aged 3-8. Ontario: Umbrella Press.
12. Spiro, R. J., & Jehng, J. C. (1990). Cognitive flexibility and hypertext: Theory and technology for the nonlinear and multidimensional traversal of complex subject matter. In D. Nix, & R. J. Spiro (Eds), Cognition, education, and multimedia: Exploring Ideas in High Technology (pp. 163-205). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
13. Garner, J. (2003). Models and methods of case-based teaching.
http://cet.usc.edu/resources/teaching_learning/docs/case-based.pdf.
14. Merseeth, K. (1996). Foreword I. In J. Colbert, P. Desberg & K. Trimble (Eds), The case for education: Contemporary approaches for using Case Methods (p. vii). Boston: Allyn and Bacon.

15. Shulman, J., & Colbert, J. A. (Eds) (1988). The intern teacher casebook. Oregon: Far West Laboratory for Educational Research and Development, ERIC Clearinghouse on Educational Management & ERIC Clearinghouse on Teacher Education.
16. Clandinin, D. (1992). Narrative and story in teacher education. In T. Russell & H. Munby (Eds.), Teachers and teaching: from classroom to reflection (pp. 124-137). London: Falmer Press.
17. Sykes, G. (1996). Foreword III. In J. Colbert, T. Kimberley, & P. Desberg (Eds.). The case for Education-contemporary approaches for using case methods (p. xi). Massachusetts: Allyn & Bacon.
18. Shulman, J. (1991). Revealing the mysteries of teacher-written cases: Opening the black box, Journal of Teacher Education, 42(4).
19. Aparici, R., & García-Matilla, A. (1998). Lectura de Imágenes (3rd Edition). Madrid: Ediciones de La Torre.
20. Pró, M. (2003). Aprender com imagens. Incidência y uso de la imagen en las estrategias de aprendizaje. Barcelona: Paidós.
21. Lester, P. M. (2000). Visual communication: Images with messages (2nd Edition). Belmont: Wadsworth.
22. Fozza, J.-C., Garat, A.-M., & Parfait, F. (2003). Petite fabrique de l'image. Paris: Éditions Magnard.
23. Napolitano, M. (2008). Como usar o cinema na sala de aula. S. Paulo: Editora Contexto.
24. Ferrés, J. (1997). Vídeo y educación. Barcelona: Paidós.
25. García, T. F., & Martín, V. R. (2001). Medios de comunicación y educación. In T. F. García & Rico, A. G. (Coords.), Medios de comunicación, sociedad y educación. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha.
26. Bartolomé, A. R. (2000). Nuevas tecnologías en la aula: Guía de supervivencia. Barcelona: Graó.

Websites úteis

- Queen's University Centre for Teaching and Learning: <http://www.queensu.ca/ctl/goodpractice/index.html>
- International Bureau of Education: <http://www.ibe.unesco.org/en/services/publications.html>
- Kids Development: <http://www.kidsdevelopment.co.uk/VygotskySocioCulturalTheory.html>
- Developing the teaching instinct: http://www.nes.scot.nhs.uk/nes_resources/ti/units.pdf.
- Key skill assessment: communication: <http://openlearn.open.ac.uk/course/view.php?id=2960>

- Bloom's taxonomy - learning domains:
<http://www.businessballs.com/bloomstaxonomyoflearningdomains.htm>
- Exploring children's learning:
<http://openlearn.open.ac.uk/mod/oucontent/view.php?id=397489>
- Training and learning development: <http://www.businessballs.com/traindev.htm>
- Learning and teaching: <http://www.learningandteaching.info/learning/about.htm>
- Principles and methods of training: <http://www.fao.org/docrep/w8088e/w8088e03.htm>
- Training or learning?: <http://www.businessballs.com/training.htm>
- Experiential learning: http://www.businessballs.com/experiential_learning.htm
- Case Method Website: <http://www.soc.ucsb.edu/projects/casemethod/teaching.html>
- Using Cases in Teaching: <http://tlt.its.psu.edu/suggestions/cases/>
- Storytelling Activities & Language Arts Lesson Ideas:
<http://www.storyarts.org/lessonplans/index.html>
- Storytelling: <http://downloads.cas.psu.edu/4H/StoryTelling.pdf>
- Case studies in Science Videos:
<http://ublib.buffalo.edu/libraries/projects/cases/teaching/videos/video.html>
- JISC Digital Media: <http://www.jiscdigitalmedia.ac.uk/>
- Images in education: <http://drscavanaugh.org/digitalcamera/images-in-education.htm>
- Digital video in the classroom: <http://techintegration.cciu.org/Digital%20Video/index.html>



CT4P 510162-LLP-1-2010-1-DE-GRUNDTVIG-GMP

This project has been founded with support from the European Commission. This communication reflects the views only of the authors, and the Commission cannot be held responsible for any use which may be made of the information contained therein.





Módulo 1

Introdução aos novos meios de comunicação

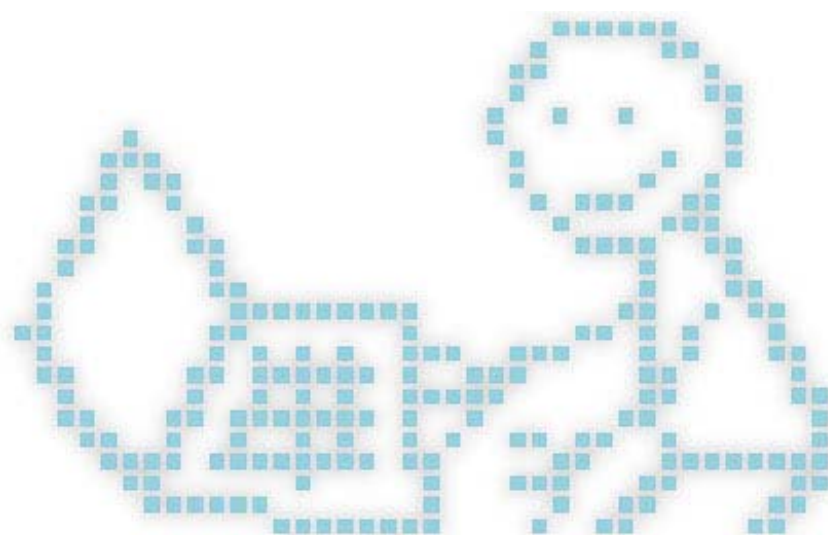
⁽¹⁾Isabell Tatsch, Birgit Kimmel, Eva Borries, Stefanie Rack,

⁽²⁾Thomas Jäger & ⁽³⁾Øystein Samnøen

⁽¹⁾Landeszentrale für Medien und Kommunikation Rheinland-Pfalz/EU-
Initiative-Klicksafe (Germany)

⁽²⁾Zentrum für empirische pädagogische Forschung, Universität Koblenz-Landau
(Germany)

⁽³⁾Kids and Media (Norway)



Resumo

- É impensável o mundo de hoje sem os novos media, especialmente sem Internet. Tornaram-se companhias constantes, particularmente para os jovens – também chamados *nativos digitais* – e influenciam o desenvolvimento das crianças e jovens por todo o mundo
- A Internet tem continuado a desenvolver-se num ritmo acelerado durante a sua breve história com implicações no comportamento dos seus utilizadores. A chamada ‘Web 2.0’ é a ‘nova geração da Word Wide Web’. O termo refere-se a serviços baseados na Internet (weblogs, wikis, redes sociais ou podcasts)
- Para muitos jovens, a Internet e as múltiplas possibilidades de comunicação que oferece tornou-se uma ferramenta do quotidiano. Os adultos tendem a diferenciar a vida real do mundo *online*, ao passo que os jovens veem frequentemente o ciberespaço como uma parte muito significativa da sua realidade.
- As aplicações sociais da Web, especialmente as redes sociais, oferecem aos jovens espaços de ação e experimentação. A natureza destes espaços preenche as necessidades específicas desta fase particular de vida. Os jovens usam estas oportunidades para fazerem face aos desafios que encontram no seu desenvolvimento, acima de tudo, na construção das suas próprias identidades.
- Não obstante a Internet proporcionar aos jovens fantásticas oportunidades de comunicação, aprendizagem e entretenimento, os adolescentes podem também experimentar situações desagradáveis que acompanham estas novas áreas de experiências. Conteúdos, comércio, contactos e comportamentos são áreas importantes de risco que hoje os jovens podem encontrar. É, por isso, vital aumentar a sensibilização para os riscos e desafios que os novos media apresentam e promover a e-literacia.

Introdução

Recentemente, a Internet tornou-se uma realidade muito importante do nosso quotidiano. Utilizamos-a num ampla variedade de contextos e ambientes, por exemplo no trabalho, escola ou universidade, em espaços públicos e em casa. Utilizamos a Internet para procurar informação, comunicar e para interagir com outras pessoas, procurar ajuda ou conselho, jogos, compras *online* ou ver vídeos, filmes e séries televisivas, ouvir rádio ou *podcasts*, planear o nosso dia a dia e muito mais.

Muito mais de metade dos europeus está neste momento *online*, embora haja diferenças significativas entre os índices de cada um dos países (p.ex. em 2008: Moldávia 20%, Noruega 91%). Os jovens europeus entre os 9 e os 16 anos utilizam a Internet com mais frequência. 93% dos jovens europeus ligam-se à *net* pelo menos uma vez por semana e 60% todos os dias ou quase¹. Os jovens europeus utilizam a Internet com mais frequência na escola (63%) ou em casa (62%), 49% dos rapazes e raparigas navegam nos seus próprios quartos e 38% em outras divisões da casa. De acordo com o projeto “EU Kids Online”, 85% dos jovens entre os 9 e os 16 anos utilizam a Internet para trabalhos escolares – o que diz bem da importância da Internet no contexto educativo – 83% dedicam-se a jogos, 76% veem artigos disponibilizados por outros utilizadores na rede e 62% comunicam através das redes sociais e de mensagens instantâneas². Pode também haver diferenças significativas nos padrões de uso dentro de cada país. A idade em que as crianças começam a utilizar a Internet vem diminuindo de forma constante. De acordo com o projeto “EU Kids Online”, um terço das crianças entre os 9 e os 10 anos já se liga à *net* diariamente⁽⁴⁾.

O fenómeno Internet passou a acompanhar as crianças de todo o mundo ao longo do seu crescimento e desenvolvimento. O projeto “EU Kids Online⁽⁵⁾” investigou a relação entre a utilização da Internet pelos pais e filhos, tornando notório que na maioria dos países, especialmente em países da Europa de Leste como a Roménia, a Bulgária, a Polónia, a Lituânia e também na Turquia, as crianças utilizam a Internet com mais frequência do que os pais³. Daqui se pode concluir que, comparativamente com os pais, essas crianças têm vantagem no que diz respeito a conhecimentos e competências. Mesmo que os pais não tenham de ser especialistas nos media é necessário que dominem um certo número de conhecimentos na área com vista a conversar com os seus filhos de forma fundamentada. Este módulo pretende ajudar os pais nessa pesquisa de informação sobre os novos media e a ajudá-los a orientar as crianças na compreensão do ciberespaço.

¹ EU Kids online www.eukidsonline.net.

² EU Kids Online p. 33

³ EU Kids Online, p. 32

Objetivos da aprendizagem

O objetivo deste módulo é proporcionar aos participantes uma percepção do panorama dos novos meios de comunicação e destacar a influência que os meios de comunicação modernos têm na vida das pessoas em geral e dos jovens em particular.

Os objetivos específicos da aprendizagem nesta secção são os seguintes:

- Consciencializar sobre a importância dos (novos) media, tanto na própria vida do quotidiano como da geração vindoura.
- Delinear e debater as profundas mudanças causadas pelo crescimento da Web 2.0 e dos novos meios de comunicação.
- Demonstrar e debater a influência dos novos meios de comunicação, em especial para o crescimento e desenvolvimento dos jovens, e as oportunidades que eles representam para o desenvolvimento das suas próprias identidades.
- Debater os riscos dos novos meios de comunicação.

Novos media e desafios atuais

Mudanças nas condições sociais devidas ao desenvolvimento da tecnologia e dos meios de comunicação

Os jovens de hoje crescem num ambiente tecnológico, mediático e social diferente da geração dos pais. Em 2001, Marc Prensky chamou aos membros desta geração jovem os “nativos digitais”, por oposição aos “imigrantes digitais” (que é como o autor descreve a geração dos pais)⁽⁶⁾.

Esses jovens vivenciaram desde sempre os meios de comunicação como parte integrante do seu quotidiano. Os meios de comunicação moldam as suas vidas e desde muito cedo que os assumiram como algo de completamente natural. A ‘companhia diária’ não está mais restringida aos media clássicos como os jornais, a TV e o telefone. A Internet, em particular, tem um papel fundamental na vida dos jovens de hoje.

Os novos meios de comunicação são media que capacitam as pessoas a comunicar de novas formas usando as tecnologias mais recentemente desenvolvidas. Contudo os novos media deverão ser compreendidos num determinado contexto histórico, uma vez que a televisão e o rádio também já

foram considerados como novos media. Hoje em dia o termo é habitualmente compreendido com referência às tecnologias baseadas na informação, ou sua transferência, em suporte digital. Por exemplo, emails, a World Wide Web, a televisão digital ou o MP3 são ainda hoje considerados novos media. A definição mais restrita é utilizada para serviços que são usados via Internet ⁽⁷⁾. Os novos meios de comunicação ajudam a integrar um conjunto diferente de media que podem ser usados de forma interativa. Este processo é conhecido como convergência dos media. Por exemplo: pode-se conversar num chat e enviar imagens ao mesmo tempo , telefonar via Internet e vermo-nos uns aos outros em video ou usar um telefone para aceder à Internet. Estes avanços tecnológicos estão deixando, por outro lado, as suas marcas na geração dos *nativos digitais* e nas suas competências de utilização dos media. Eles parecem sentir-se completamente à vontade a utilizar vários meios de comunicação em simultâneo, aprendem rapidamente a utilizar os programas, e interagem uns com os outros com a maior destreza.



*Não, não vieste em attachment!
Vieste de parto*

Fonte: <http://20sec.tumblr.com>

Se considerarmos as mudanças tecnológicas no mundo nas quais os jovens estão atualmente crescendo e se desenvolvendo não é difícil entender que os adolescentes frequentemente percebam a sua realidade pessoal como um continuum entre o mundo *offline* e o mundo *online*, enquanto os adultos diferenciam estes aspetos muito bem.

“Mediatização” é a palavra usada para descrever o processo pelo qual os meios de comunicação continuam a ganhar importância e a entrar no nosso quotidiano. Este processo molda aquilo que se entende por ser jovem, ao mesmo tempo que produz alterações nessa fase do desenvolvimento. Cria novos desafios, não só para vós, enquanto pais e professores, mas também para os próprios jovens.

Esses desafios são visíveis, por exemplo, na recém conquistada “liberdade” oferecida aos vossos filhos pela Internet – a oportunidade de testar os limites longe do olhar vigilante dos pais. Ali as lojas não têm horários de abertura. E como não há controlo de identidade à entrada, a idade deixou de ser uma barreira na Internet. O que é que isto significa para os jovens? Significa, entre outras coisas, que deparam com menos restrições e uma menor proteção do que aquilo a que estavam acostumados. Os pais necessitam de desenvolver um novo tipo de “vigilância”: os vossos filhos podem estar em perigo, mesmo no seu próprio quarto, em casa. Há que estar atento!

À primeira vista parece haver um abismo entre os *nativos digitais* e os *imigrantes digitais*. As pessoas que cresceram num mundo diferente deste, com os novos media, sentem que lutam contra a velocidade vertiginosa do desenvolvimento dos novos meios de comunicação, e colmatar esta lacuna ou distância parece algo impossível. Este módulo dirige-se precisamente a este grupo. Mostra que embora tenham mudado as condições de socialização dos adolescentes e os desafios que os pais enfrentam, não se trata de barreiras intransponíveis entre gerações.

Uma visão geral sobre os motivos e necessidades associadas à utilização dos novos meios de comunicação servirá como introdução a este tópico. A investigação sobre a biografia dos media mostra que os meios de comunicação têm uma importante função na construção da identidade e na biografia. Hoje, contudo, os destinatários não são mais vistos como consumidores passivos- têm um papel ativo na manipulação dos media. Os adolescentes são também destinatários ativos para quem os media preenchem funções específicas, e o modo como usam os meios de comunicação é influenciado por diversos fatores. Os resultados da investigação sugerem que as crianças têm tendências relativas a determinados tópicos dos media. Eles selecionam os meios de comunicação de acordo com os seus interesses e, sobretudo, o tipo de conteúdo que esteja relacionado com as situações do seu dia a dia⁽⁸⁾. As tarefas e os problemas específicos do desenvolvimento das crianças assim como as suas questões internas orientadoras⁽⁹⁾ têm um papel decisivo.

Nas gerações anteriores os media restringiam-se fundamentalmente à televisão, rádio ou cinema. Hoje a Internet é o meio de comunicação mais importante que determina o mundo dos jovens. Para cada geração, contudo, as necessidades e os motivos subjacentes à utilização dos media é semelhante. A reflexão sobre o nosso percurso biográfico relativamente à utilização dos meios de comunicação ajuda a compreender a atual cultural mediática e a experiência que os jovens hoje vivem através dela. Esta reflexão promoverá uma melhor compreensão entre gerações.

Atividade 1.1 - 'Auto- reflexão: viagem biográfica pelos media

Objetivo de aprendizagem

Refletir sobre a sua própria biografia através dos media pode ajudar a aceder à atual cultura mediática. Ao mesmo tempo pode ajudar-nos a ter uma melhor compreensão das preferências dos jovens relativamente aos diferentes meios de comunicação e ao mundo que habitam. Através da reflexão sobre as nossas experiências como crianças e a sua relevância no nosso desenvolvimento pessoal, podemos também compreender a importância e as funções dos media nas vidas das crianças e jovens hoje.

Procedimento:

A atividade convida a uma viagem através da sua própria vida em relação aos media que vivenciou. Pretende-se ajudar a pensar sobre o papel que os media desempenharam na sua vida ao longo do tempo. Responda com tranquilidade. O questionário e a discussão gerada em torno dele ir-lhe-á permitir partilhar pensamentos e experiências com outros.

Notas para os formadores:

Esta atividade pretende promover a discussão com pais convidando os participantes a refletir na sua própria experiência com os media. É uma forma de trabalhar o tema dos meios de comunicação. Uma vez o questionário preenchido, deve seguir-se uma discussão orientada. Esta conversa permitirá aos pais falar sobre as suas experiências e refletir nos seus próprios pontos de vista. Se desejar, pode ainda encorajar os pais a pensar sobre aspetos que gostariam de discutir após completarem o questionário.

Questionário: Auto- reflexão – A minha viagem biográfica pelos media

Os meus media e eu - Infância

1. Lembra-se do primeiro medium que usou quando criança?

2. Que sentimentos associa a esse uso?

3. Tinha algum meio de comunicação favorito quando criança – talvez um livro favorito, cassete, música ou programa? Se sim, porquê esse em particular? O que associa a esse meio? Que experiências? Que sentimentos?

4. Quando era criança, tinha algum herói/heroína favorita ? O que gostava nele/nela? Porque era especial?

5. Quando era criança, havia regras de utilização dos media em sua casa? Estava sozinho ou havia rituais específicos, por exemplo, serões com a família em frente à televisão?

6. Havia regras em casa quando era criança relativas à utilização dos media? (Se sim, descreva
7. Lembra-se de alguma vez quebrar essas regras e das consequências de o fazer (e.g., ver TV em segredo)?

8. Na sua infância, teve algumas dificuldades com os seus pais, por causa das suas preferências em termos de media? Se sim, descreva-as.

9. Lembra-se de alguma experiência com os media desagradável na sua infância? (por exemplo, histórias ou imagens que o/a assustassem?)?

10. Existe alguma experiência especial com os media na sua infância que se lembre? (por exemplo a sua primeira ida ao cinema)

11. Qual era o meio de comunicação mais importante para si na sua infância? Que importância tinha para si?

Meus media e eu - Adolescência

12. Tinha algum meio de comunicação favorito quando adolescente – talvez um livro favorito, cassete, música ou programa? Se sim, porquê esse em particular? O que associa a esse medium? Que experiências? Que sentimentos?

13. Quando era criança, tinha algum herói/heroína favorita nos media ? O que gostava nele/nela? Porque era especial?

14. Quando era adolescente, como experimentou a utilização dos media? Estava sozinho ou havia rituais específicos, por exemplo, ir ao cinema com outros/ouvir musica?

15. Quando era adolescente, havia regras de utilização dos media em sua casa? Se sim, descreva-as?

16. Lembra-se de alguma vez quebrar essas regras e das consequências de o fazer (e.g., ver filme proibido)?

17. Na sua adolescência, teve algumas dificuldades com os seus pais, por causa das suas preferências em termos de media? Que memórias tem?.

18. Existe alguma experiência especial com os media na sua infância que se lembre? (por exemplo a chegada de um novo media?)

19. Qual era o meio de comunicação mais importante para si na sua adolescência? Que importância ele tinha para si?

20. Associa-se a alguma geração específica relativamente aos media? (por exemplo a geração da Tv a cores?

Novos media e eu

21. Lembra-se do primeiro meio de comunicação que usou?

22. Que sentimentos associa ao uso de (descreva usando um adjetivo):

telemovel? _____

computador? _____

internet? _____

criação perfil numa rede social _____

encomendar algo via Internet _____

23. Qual o meio de comunicação que desempenha o maior papel atualmente na sua vida ?

Informação complementar

A curta história em Recurso 1.1 - Alimento para o pensamento: 'O que significa ser social' ilustra a diferença entre a compreensão dos jovens e dos adultos face ao mundo real e virtual.

Recurso 1.2 - 'Um dia típico na vida de dois nativos. Esta história pretende ajudar a refletir na vida do dia a dia dos jovens de hoje – os 'nativos digitais' – como ela é e como difere do dia-a-dia de outros tempos ou das pessoas que não cresceram com os novos meios de comunicação – 'os imigrantes digitais'.

Depois de completar esta viagem pelas suas próprias histórias a próxima secção dará uma perspetiva sobre o desenvolvimento dos meios de comunicação pelos anos atuais e pela nova geração da World Wide Web – Web 2.0.

Recurso 1.1 - Alimento para o pensamento: 'O que significa ser social'

Há tempos, quando fiz uma conferência num congresso para professores, conheci um outro conferencista que me contou uma história relacionada com as diferentes perceções da vida social e da amizade. Pai de um adolescente do secundário, encontrou-se com o filho numa tarde de sexta-feira para irem jantar juntos.

Durante o jantar, o pai perguntou ao filho quais os seus planos para a noite de sexta.

- Vou sair com uns amigos –, respondeu o rapaz. Uma resposta normal e esperada. Acabado o jantar, o rapaz foi para o quarto, fechando a porta atrás de si. A tarde fez-se noite e, tanto quanto o pai se pôde aperceber, o rapaz continuou no quarto. A noite passou-se, veio a manhã de sábado e já era um pouco tarde quando ambos se reencontraram à mesa do pequeno-almoço.

O pai mostrou-se preocupado com a aparente falta de vida social do filho:

- Ontem disseste que ias ter com os teus amigos, mas afinal foste para o teu quarto, apagaste a luz e ficaste toda a noite a olhar para o computador? – Na cabeça do pai isto não era nenhuma noitada de sexta-feira, mas apenas isolamento e solidão.
- Mas fui! – respondeu o filho. – Conversei com os meus amigos, toda a noite, no MSN e jogámos o World of Warcraft *online* juntos. Foi um serão muito sociável, além de divertido!

Quando o pai me contou esta história do seu quotidiano, eu vi como duas gerações percecionam a mesma situação de forma tão diferente. O pai: O meu filho é um solitário e demonstra poucas aptidões sociais, toda a noite a olhar um ecrã, isto está a ficar preocupante. O filho: Noitada muito sociável, bastante divertida.

(Fonte: Kids and Media (<http://www.kidsandmedia.co.uk>)⁽³⁰⁾)

Recurso 1.2 ‘Um dia típico na vida de dois nativos digitais’

Rapaz, 16 anos: O meu dia

7h00: O telemóvel a tocar a minha música favorita. Levanto-me, no caminho para a casa de banho leio as mensagens chegadas durante a noite, com a música sempre a tocar no telemóvel.

7h15: Ligo-me ao Facebook, atualizo o meu estado e vejo fotografias de uma festa colocadas recentemente. Vejo quem é que está no MSN, troco algumas mensagens com os colegas de turma. Alguns dos meus amigos do World of Warcraft tiveram uma noite longa, perseguindo um dragão descoberto há pouco nas montanhas de Azeroth. Desculpem, malta, desta vez tive de banzar cedo, desliguei-me era uma da manhã.

7h30: Pequeno-almoço. A mãe refila comigo por eu ter estado outra vez a jogar até tarde. Não percebe que até acabei cedo.

8h15: Autocarro para a escola. Envio algumas mensagens. Vejo alguns vídeos no YouTube relacionados com o tema da aula de hoje de Inglês.

8h45 – 14h30: Escola. Espreito o Facebook durante os intervalos. Ponho a conversa em dia com os meus amigos do World of Warcraft. Planeamos o que fazer mais logo ao fim do dia.

14h45: Autocarro para casa. A falar com amigos, algumas mensagens.

15h30: Arranjo qualquer coisa para lanchar e como sentado ao computador. Navego na Net, faço os trabalhos de casa e envio-os do computador. Ponho a conversa em dia no MSN e no Facebook. Um maluco qualquer tirou, com o telemóvel, umas fotos malucas do Nathan e da Jenny na festa da Gerry, no sábado, e colocou-as online. As raparigas passaram-se, a tentar que ele as tire. Ah ah, que divertido.

17h30: Os meus pais estão para chegar; vou para o treino de futebol.

20h00: De novo em casa. Vou para o computador do meu quarto e preparo-me para a missão de hoje no World of Warcraft. 22h00 é a hora combinada. Vejo online alguns programas de televisão, converso, acabo os trabalhos de casa acompanhado de músicas novas que saquei no Pirate Bay. A minha mãe aparece para dizer olá e pergunta-me se quero jantar. Agora?!

22h00: Vai começar o espetáculo! 55 avatares estão ligados, incluindo os meus melhores amigos Tom e Mathew. Estão 2 níveis acima, tenho de os apanhar. O Tom passa quase todo o fim-de-semana a jogar WoW. É um exagero, mas ele é mesmo muito bom. É altura de perseguir o dragão; espero que hoje a minha mãe me deixe em paz.

Rapariga, 14 anos: O meu dia

7h15: Crise. Acabei de perceber que alguém mandou mensagens a fazer constar que fiz sexo oral com o Nathan na festa. Ligo-me online, na esperança de que Amy, a minha melhor amiga, esteja no MSN. Ainda bem que está. Amy, sabes alguma coisa? Sabes o que diz a mensagem? Ela diz que não.

7h40: No caminho a pé para a escola, mando uma mensagem à Susie a perguntar se sabe alguma coisa. Diz que sim, mas recusa-se a reencaminhar o SMS. Que cabra. Mando mensagens às minhas amigas para lhes dizer que a Susie é uma cabra em quem não se pode confiar e que não acreditem nela. Se calhar foi ela que lançou o boato.

8h15 – 14h30: Escola. A tentar fazer uma ideia de quem recebeu o SMS com o boato sobre mim e o tal Nathan. O que pensarão de mim as raparigas da minha turma? Aposto que foi a Susie. Coloquei uma mensagem no MSN: nunca confiem na Susie, ela é uma cabra mentirosa. O teste de matemática correu bem, e tive uma nota excelente a inglês. Falo com as minhas amigas nos intervalos: Receberam o SMS? Sabem que a Susie é uma cabra mentirosa?

15h00: Em casa, a fazer os TPC. Converso no Facebook e no MSN. Apago a Susie das minhas listas de amigos e sugiro-lhes que façam o mesmo e.

17.30: Jantar de família. “O meu dia foi bom. O teste de matemática correu bem e tive um resultado excelente em inglês.”

18.10: Crise Mundial!!! Enquanto jantava, alguém colocou uma foto minha e do Nathan na festa! Que desastre. Até parece que estou a beijar-lhe o mamilo, coisa que, decididamente, não fiz. É do ângulo e da altura em que a foto foi tirada. Quem a tirou? Quem a colocou online? Quem é que a viu? A foto está na página de perfil do Joaquim, mas neste momento ele não está ligado. Mal o conheço e ele não responde quando tento mandar-lhe uma mensagem!!!! Mando uma

mensagem às minhas amigas a pedir que falem com ele e o convençam a retirar a foto. No mural dele começam a aparecer mensagens, e também comentários à fotografia.

19.00: Aula de dança. Não me consigo concentrar, sempre com o pensamento na foto. Aposto que a Susie deve estar feliz. Raios partam o Joaquim, também.

20.30: De novo em casa. A mãe a perguntar se estou bem. “Sim, estou. Fecha a porta, por favor”. Sozinha no meu quarto. Sem saber o que fazer. Telefono à Amy. Será que pode cá vir? Está a fazer os trabalhos de casa. O Joaquim continua desligado. Estará morto ou quê? Há horas que não está online, provavelmente com medo. Os meus amigos escreveram imensas mensagens no mural dele. Li alguns dos comentários, um desastre. Alguém diz que o Nathan anda com a Mary. Se viu, aposto que está furiosa comigo. Ela é um ano mais velha do que eu. E se alguém copiou a foto? Parece real. Não sei se consigo ir à escola amanhã.

Web 2.0: das redes estáticas para as redes dinâmicas

Surto tecnológico

Apesar de recente, pois tem as suas raízes na década de 1950, a história da Internet tem sido impressionante.

A Internet foi criada ao ligar-se em rede várias redes informáticas já existentes. Um conjunto de universidades e as forças armadas dos EUA tiveram a ideia de criar uma rede eletrónica que facilitasse a partilha de dados. Contudo, não estava acessível ao público. Só no início da década de 90, com a *World Wide Web*, ficou disponível a tecnologia capaz de lidar com o acesso maciço à Internet. Desde então, esta conheceu um rápido desenvolvimento e hoje em dia liga milhões de computadores em todo o mundo, seja por telefone, cabo ou satélite.

Até onde se estendeu este grande surto tecnológico? O aspeto fundamental a destacar é o impacto que a dimensão digital teve em toda esta transformação tecnológica. Como já foi referido, as capacidades tecnológicas no que toca à rapidez e à gama dos serviços oferecidos pela Internet cresceram rapidamente ao longo das últimas duas décadas.

	1996 : The first version of the Instant Messaging software "ICQ" was launched
	1998 : The search engine "Google" was launched
	1999 : Wi-Fi, wireless internet technology, was standardized
	2001 : The collaborative online-encyclopedia "Wikipedia" was launched
	2003 : Apple launched the "iTunes"-store
	The internet telephony software "skype" was developed
	The "BlackBerry"-smartphone was introduced, supporting wireless information services like push-email and Web-browsing e.g.
	2005 : The video-sharing website "YouTube" was launched
	Tim O'Reilly's article: "What is Web 2.0 ?" was published and caused a rise in popularity of the term "Web 2.0" describing interactive elements of the internet
	"Earthviewer 3D" was re-released as "Google Earth"

	1969 : "ARPANET", the predecessor of the internet, went online.
	1972 : Introduction of the first email programme
	1973 : Invention of "Ethernet", an important aspect in developing Local Area Networks (LAN)
	1978 : The first spam mail was sent
	1984 : Introduction of "Domain Name System" (.com, .org, .edu, .mil, .gov)
	1989 : The first commercial dial-up internet was offered by "The World", an Internet Service Provider
	1991 : "European Organization for Nuclear Research" (CERN) released the World-Wide Web
	1993 : The first graphical webbrowser "Mosaic" was developed
	1995 : The electronic commerce company website "amazon.com" was launched
	The online auction website "ebay" was launched

Acresce que a Internet já não se confina aos computadores pessoais fixos, encontrando-se agora disponível através dos *smartphones* – telemóveis compatíveis com Internet – e da tecnologia *Wireless*

LAN (redes locais, sem fios). De acordo com o projeto “EU Kids Online”, 31% das crianças americanas acedem atualmente à Internet através de smartphone⁽¹⁰⁾.

Para além destes avanços tecnológicos, houve também mudanças no modo como as pessoas podem – e passaram efetivamente a usar a Internet.



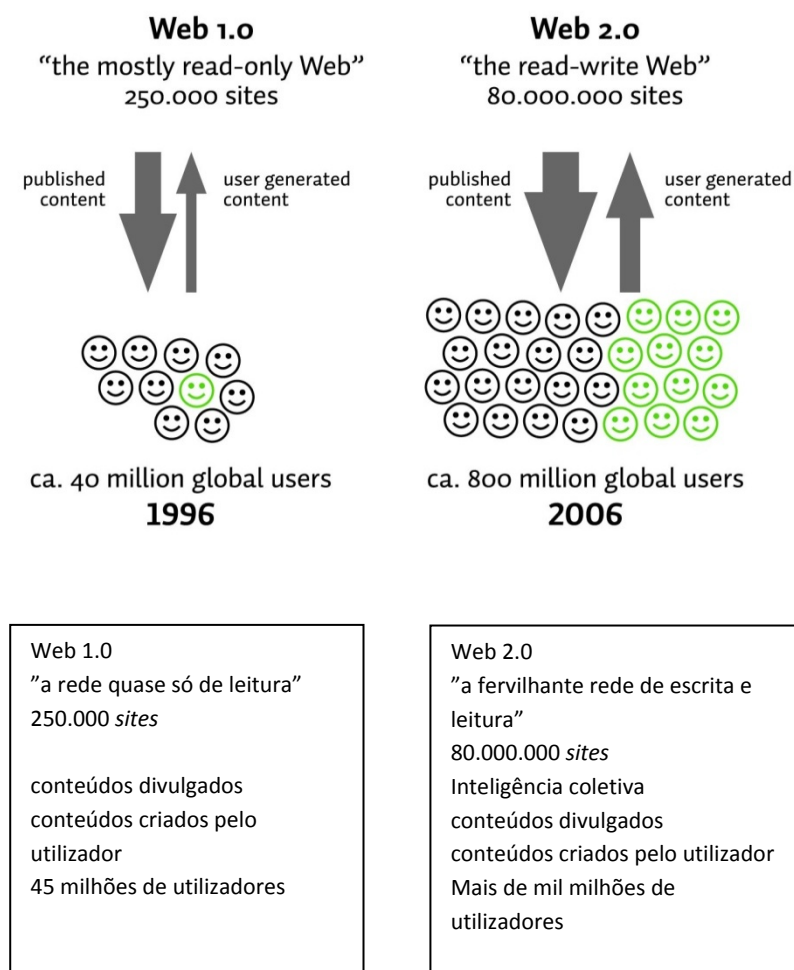
O utilizador passivo torna-se ativo

Nos primórdios da WWW, nos anos 90, as principais funcionalidades à disposição dos utilizadores eram do âmbito da informação. Os utilizadores podiam visitar páginas e aceder aos respetivos conteúdos. No final dessa década, este aspeto havia sido complementado com serviços destinados a viabilizar a comunicação: o correio eletrónico e as salas de conversação assumiram uma nova importância na comunicação quotidiana entre as pessoas. Atualmente, o espectro foi alargado de maneira a incluir serviços de entretenimento e de comunicação. A capacidade de receber conteúdos continua a ser uma vertente fundamental na utilização dos meios de comunicação – mas a natureza dos conteúdos mudou radicalmente.

Além dos conteúdos mediáticos fornecidos pelas empresas comerciais, que já eram disponibilizados nos primeiros tempos da massificação da Internet, hoje em dia esta oferece conteúdos e materiais produzidos por particulares. Estes incluem, por exemplo, sítios pessoais, mensagens em foros, e ainda fotos e vídeos criados pelos próprios utilizadores, que os colocam *online*.

Web 2.0

Como vimos anteriormente, as possibilidades que oferece a Internet nos nossos dias vão para além da capacidade de receber ou ler o conteúdo dos meios de comunicação. As novas capacidades tecnológicas permitem que os utilizadores concebam os seus próprios conteúdos, que os divulguem na Internet e os partilhem com terceiros. Por vezes chamado “Web participativa”, este fenómeno é hoje conhecido por “Web 2.0” ⁽¹¹⁾.



A designação pretende destacar dois aspetos desta tecnologia. Em primeiro lugar, “Web 2.0” reflete a convenção utilizada na atribuição de nomes aos programas informáticos quando se quer sugerir que foram desenvolvidos novos componentes tecnológicos com vista a oferecer novas capacidades. Trata-se de tecnologias – como é o caso da linguagem de programação AJAX – que permitem usar aplicações baseadas na *Web* através de um computador pessoal, tal como as aplicações informáticas “normais”. A velocidade e a crescente facilidade de acesso à Internet vieram fomentar o desenvolvimento do



fenómeno: quanto mais rápido funciona a Internet, mais fácil se torna carregar ou descarregar conteúdos.

A nova designação visa também mostrar que os modelos de negócio na Internet mudaram. Já não se trata apenas de oferecer um produto, pois também é possível fazer com que nele seja incorporada a participação dos utilizadores. Por exemplo, as lojas *online* permitem que os utilizadores ponham a sua mercadoria à venda, pagando uma taxa de serviço ao operador do sítio, tal como num mercado ao pé da porta.

O fenómeno da “Web 2.0” passou a ser referido frequentemente no contexto dos “*media* sociais” ou da “*web* social”, em que especificamente se incluem as plataformas de redes sociais como o Facebook e o YouTube.

Atividade1.2 - ‘Teste do conhecimento’. O exercício seguinte oferece-lhe a oportunidade de olhar para as aplicações Web 2.0 com mais detalhe e de testar ou expandir o seu próprio conhecimento sobre esses serviços.

Atividade 1.2 - 'Teste do conhecimento'

Objetivo:

Já está certamente familiarizado com alguns aplicações da Web 2.0. Esta verificação do conhecimento tem como objetivo ajudá-lo a testar e / ou expandir o seu conhecimento sobre esses serviços.

Procedimento:

Neste exercício, você pode atribuir sites que já conhece como o Facebook ou o ebay à categoria de serviço que eles oferecem, por exemplo, redes sociais, blogs, etc. Disponha de algum tempo para o exercício. Primeiro tente realizar as tarefas sem ajuda. A folha de resposta incluída vai ajudá-lo a verificar o seu conhecimento. Pode encontrar mais informações e referências em Recursos 1.8 - 'O popular serviço Web 2.0'.



Blog	Blogger.
Mensagem instantânea	lq, msn
Rede social	<i>Facebook, myspace, skype</i>
Site de partilha de vídeo	<i>YouTube</i>
Site de partilha de fotos	<i>flickr</i>
Micro blogging	<i>Twitter</i>
Enciclopédia Online	Wikipedia
Arquivo online	<i>Amazon, ebay</i>

Recurso 1.3 - ‘O estado da Internet’. O vídeo clip “o estado da Internet” apresenta mais factos e figuras acerca da Internet.

Recurso 1.4 - ‘A revolução social dos media 2011’. O video clip “A revolução social dos media 2011” ilustra o fenómenos dos media e a dinâmica do Web 2.0.



Recurso 1.3 - 'O estado da internet'



Este vídeo destina-se a mostrar como a Internet tem crescido nos últimos anos e a dar uma visão inicial sobre a dinâmica da WWW. Está expressamente convidado a tomar nota dos fatos e números. Além disso, também pode pensar sobre a própria evolução da Internet e até que ponto ela mudou.

Assista este vídeo na Internet. Se você faz parte de um grupo de pais, discuta os conteúdos e troque ideias. Você pode usar o método do "feedback relâmpago"⁽¹²⁾. Como é que se sentiu? Quais foram seus pensamentos?

Se estiver a fazer o exercício sozinho, primeiro anote as suas ideias iniciais e mantenha-as como referência. Pode achar que é interessante refletir sobre elas mais tarde.

Fonte: <http://vimeo.com/9641036>

Recurso 1.4 - 'A revolução social dos media 2011'



Este vídeo destina-se a permitir-lhe compreender o fenómeno da Web 2.0, sobre a qual apenas lhe foi dada a informação factual.

Assista a este vídeo na Internet. Se faz parte de um grupo de pais, discuta os conteúdos e troque ideias. Você pode usar o método do "feedback relâmpago"⁽¹²⁾. Como é que se sentiu? Quais foram seus pensamentos?

Se estiver a fazer o exercício sozinho, primeiro anote as suas ideias iniciais e mantenha-as como referência. Pode achar que é interessante refletir sobre elas mais tarde.

Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=3SuNx0UrnEo>

Depois de nos termos centrado e realçado o desenvolvimento dos media em geral, a próxima secção centra-se novamente no mundo dos media dos adolescentes. Procura-se compreender porque é que as redes sociais interessam tanto aos jovens e o papel que elas podem desempenhar na génese de uma identidade numa fase de vida.

Relação entre o fascínio pela Internet e as tarefas de desenvolvimento durante a adolescência

É grande o fascínio exercido pela Internet sobre os jovens, que não conseguem imaginar a vida sem ela. Ela é, por excelência, o meio de comunicação da juventude, tendo-se tornado essencial à vida de crianças e jovens. É o lugar onde os jovens acham tudo aquilo de que precisam para o seu desenvolvimento e para encontrar as tarefas de desenvolvimento com que têm de se defrontar.

Em termos de psicologia do desenvolvimento, os jovens de hoje sentem um maior desejo de desempenhar um papel ativo na construção do seu próprio desenvolvimento. A busca da identidade é particularmente importante e as tarefas de desenvolvimento entrelaçam-se estreitamente em torno desta questão.

Há outras questões importantes na busca da identidade. Quem sou eu? Como é que eu me vejo e que dizem ou outros sobre mim? Que tipo de pessoa quero ser?

Os pares assumem particular importância durante esta fase do desenvolvimento. O reconhecimento social por parte do chamado “grupo de pares” é uma ajuda na busca de uma identidade própria. Ser popular, ter amigos, sentir-se excluído, ser diferente, parecer diferente e senti-lo... são esses os sentimentos que dominam a adolescência. Conquistar a atenção dos outros, seja ela efetiva ou apenas desejada, é um capital importante durante este período da vida.

A tabela abaixo enumera tarefas de desenvolvimento importantes:

Tarefas de desenvolvimento na adolescência⁽¹³⁾

- Pares: Formar um círculo de amigos, ou seja, fazer e aprofundar amizades com pessoas da mesma idade e de ambos os sexos.
- Corpo: Compreender as alterações que o corpo vai sofrendo e aceitar a própria aparência.
- Papel: Adotar os comportamentos que a sociedade considera próprios do homem ou da mulher.
- Relacionamento: Estabelecer uma relação próxima com um namorado ou namorada.
- Relacionamento: Estabelecer uma relação próxima com um namorado ou namorada.
- Profissão: Refletir sobre a formação profissional e o emprego: pensar sobre o que se quer ser e quais as habilitações e competências necessárias para o conseguir.
- Vida a dois/Família: Idealizar como se pretende construir, no futuro, uma família ou uma vida em comum.
- O eu: Aprender a conhecer-se a si próprio e compreender o que os outros veem, isto é, ter uma imagem clara de si próprio.
- Valores: Desenvolver uma visão do mundo própria: perceber que valores nos subjazem e quais os princípios sobre os quais desejamos pautar o nosso comportamento.
- Futuro: Projetar o futuro: planejar a vida e trabalhar para atingir objetivos que se acredita atingíveis.

As três tarefas centrais de desenvolvimento que as crianças atravessam na construção da identidade são a compreensão de si próprias, da sociedade e do mundo material. O *focus* da compreensão de si é o desenvolvimento da auto-imagem, olhar para os seus próprios desejos, esperanças e ideias assim como aprender a apresentar-se. Estes aspetos estão fortemente relacionados com a compreensão do que é a sociedade, ou por outras palavras, o 'trabalho nas relações'. Isto significa fazer contactos, manter amizades existentes ou encetar relações românticas. Compreender o mundo objetivo, por outro lado, diz respeito ao desenvolvimento da nossa própria imagem do mundo baseada no nosso conhecimento dele e nas experiências que já tivémos⁽¹³⁾.

Os websites sociais, especialmente as redes sociais, oferecem uma grande variedade de opções que fazem face às necessidades dos adolescentes e que os jovens podem utilizar para superar as tarefas de desenvolvimento que encontram. Aqui podemos identificar três componentes centrais da ação que correspondem a tarefas de desenvolvimento descritas em cima: gestão da identidade, das amizades e da informação. A gestão da identidade significa fornecer o acesso a aspetos da própria personalidade, como contar a outros as próprias experiências pessoais ou apresentar-se nas redes sociais. Estes procedimentos acompanham a compreensão de nós mesmos. A gestão das amizades corresponde à compreensão da sociedade. Este aspeto relaciona-se com o fazer novos contatos e manter os atuais amigos e conhecidos, por exemplo, confirmando os pedidos de amizade ou convidando pessoas para se tornarem amigas nas redes sociais. A terceira componente é a gestão da informação que suporta tarefas de desenvolvimento que envolvem a compreensão do mundo objetivo. Em última análise tem a ver com a seleção e a organização da informação, por exemplo, a condução de investigação usando a Wikipedia ou o Google⁽¹⁵⁾.

A tabela seguinte fornece uma visão geral das tarefas centrais de desenvolvimento da adolescência e os serviços correspondentes oferecidos aos jovens através das aplicações da web social⁽¹⁶⁾:

Tarefa de desenvolvimento	Componente comportamental	Atividades	Exemplos
Autocompreensão	Gestão da identidade	Fornecer acesso a aspetos privados	Preenchimento de um perfil; publicação de um <i>podcast</i> de si próprio; <i>upload</i> um video auto-produzido
Compreensão da sociedade	Gestão das amizades e dos relacionamentos	Manter as amizades atuais e arranjar novas amizades	Comentar no mural de um amigo; pedir ou aceitar amizades; postar <i>links</i> nos <i>blogs</i>
Compreensão do mundo objetivo	Gestão da informação	Selecionar, filtrar, avaliar e gerir informação	Avaliar um video; subscrição de um feed RSS

As palavras chave «identidade », « relacionamentos » ou « amizades » e « informação » já foram identificadas como elementos importantes da fase da adolescência. As aplicações da web social acomodam-se a estas necessidades oferecendo aos jovens um lugar de ação e de experiências que eles podem usar para superar os desafios especiais que enfrentam durante a adolescência. Websites de redes sociais são particularmente importantes nesta área, tanto por causa de sua popularidade como dos serviços que oferecem para gerir a identidade e as amizades. Mas quais são as possibilidades concretas que esses serviços oferecem aos jovens? E quais as funções que os jovens usam para conquistar suas próprias tarefas de desenvolvimento?

A secção seguinte usará o exemplo das redes sociais para investigar estas questões com maior detalhe, apresentando os websites de redes sociais mais populares e suas funções com referência às tarefas de desenvolvimento enfrentados pelos jovens.

Redes Sociais

Descrição

As redes sociais são plataformas da Internet que permitem aos utilizadores criar um perfil com o máximo de informação pessoal possível, como por exemplo *hobbies*, interesses, percurso biográfico, situação respeitante a família e relacionamentos, etc. Os perfis podem comparar-se a álbuns pessoais de poemas, com a diferença de que, geralmente, podem ser lidos por muitas pessoas, se não se tiver cuidado com as opções de segurança.

Os utilizadores expressam a sua personalidade, por exemplo, carregando fotos suas (das férias ou da última festa) ou aderindo a grupos. Comunicam através de funcionalidades como os quadros de mensagens, o correio eletrónico e o *chat*. A estrutura dos perfis e as funcionalidades disponíveis são comuns a praticamente todas as redes. Os utilizadores procuram velhos amigos, descobrem novos contactos e comunicam principalmente com outros utilizadores que partilhem os mesmos interesses, que pertençam ao mesmo grupo ou que tenham outras coisas em comum. As redes sociais funcionam com base na auto-apresentação dos utilizadores, mas também através da rede de ligações das listas dos amigos. Pode aceder-se à página de um utilizador através de um comentário por ele deixado na nossa página. Pode associar-se pessoas a fotos, criando assim novas ligações. As “amizades” e as interligações entre páginas obtêm-se enviando convites a outros utilizadores para que se tornem amigos. Caso esses convites sejam aceites pelos destinatários, estes são adicionados à nossa lista de amigos.

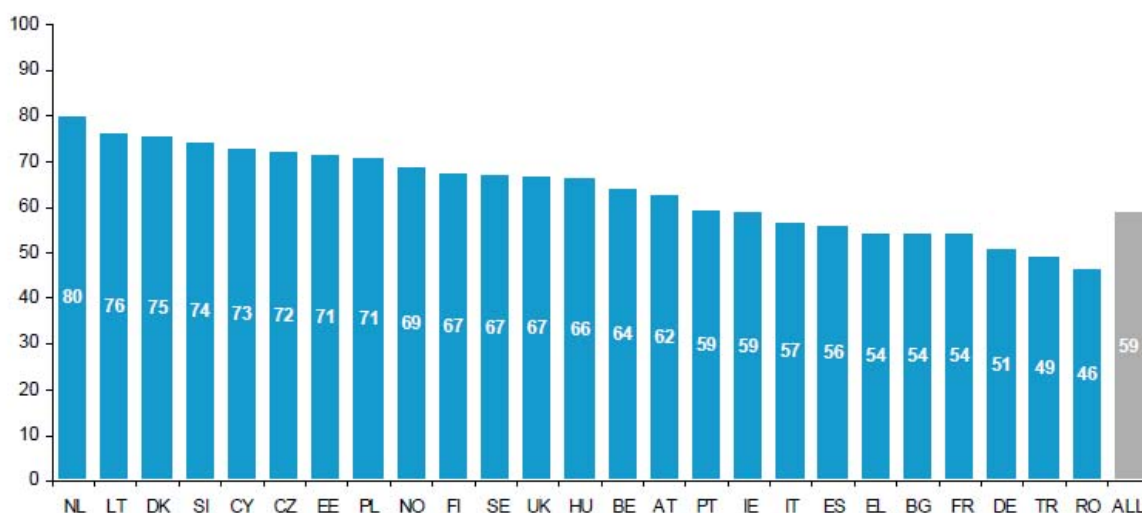


Exemplo de um perfil numa rede social

Estatísticas sobre os utilizadores

60% das raparigas e 58% dos rapazes da União Europeia têm o perfil publicado numa rede social, embora se verifiquem diferenças entre os países membros. Na Holanda, por exemplo, 80% dos rapazes e raparigas estão registados, enquanto na Alemanha esse número é de 51% e na Roménia 46% (17).

Figura: Crianças com perfil numa rede social, por país



Fonte: EU-Kids Online, p. 37

Além das diferenças de país para país, também se verificam diferenças consideráveis entre os diversos grupos etários. Assim, um quarto das crianças de 9 a 10 anos (26%) tem o perfil publicado numa rede social, número que ascende drasticamente aos 49% no grupo dos 11 aos 12 anos. A percentagem continua a subir à medida que a idade aumenta, com 82% dos jovens entre os 15 e os 16 anos a utilizar as redes sociais ⁽¹⁸⁾.

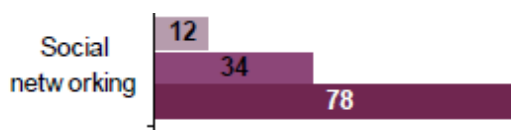
% who have...	9-12 year old		13-16 year old		All
	Boys	Girls	Boys	Girls	
Visited a social networking profile	40	42	80	81	62

% que já...	9 a 12 anos		13 a 16 anos		total
	rapazes	raparigas	rapazes	raparigas	
acederam a um perfil numa rede social					

Fonte: EU- Kids Online p. 34

As respostas interessantes que a seguir mencionamos obtiveram-se quando se perguntou aos utilizadores onde tinham conhecido os seus contactos. 78% dos utilizadores conheceram os seus contactos na vida real, isto é, encontraram-se “face-a-face” pelo menos uma vez, e 34% dos “amigos” são amigos de amigos ou de familiares. Ainda assim, 12% dos conhecidos do utilizador só passaram a sê-lo através da Internet.

- % Met on the internet, no other connection
- % Met on the internet, friends/family of people you know
- % First met in person face-to-face



- % - Conheceram-se na Internet. Sem outra relação
- % - Conheceram-se na Internet, amigos ou familiares de conhecidos
- % - Conheceram-se pessoalmente, face-a-face

Relações nas
redes sociais

Em poucos anos, o Facebook tornou-se a maior e mais popular rede social do mundo, registrando 674,1 milhões de utilizadores em abril de 2011. Na Europa há 173,6 milhões de membros⁴, em comparação com 155,2 milhões de membros nos Estados Unidos. Esta rede social está direccionada para utilizadores maiores de 13 anos, contudo durante o processo de registo não há verificação da idade. Isto significa que utilizadores bastante mais jovens podem aceder à rede. O maior grupo de utilizadores é o dos 18 aos 34 anos, embora o Facebook também seja usado por utilizadores muito idosos e muito jovens. A distribuição por sexos é muito equilibrada, já que conta praticamente com o mesmo número de utilizadores homens e mulheres⁽¹⁹⁾.

Relevância para as tarefas de desenvolvimento

As redes sociais são notáveis na medida em que apelam para os interesses dos jovens e servem muitas das necessidades relevantes nesta fase de desenvolvimento, especialmente os da compreensão de si mesmo e da sociedade, como descrito acima.

A auto-apresentação é importante nesta fase: os jovens estão desejando a oportunidade de se apresentarem ao resto do mundo e, por sua vez, de ganharem o reconhecimento dos outros. Afinal, seus interesses e da sua esfera social são um reflexo de suas personalidades. As redes sociais são espaços nos quais os jovens podem realizar experiências sem, por exemplo, terem medo de serem julgados ou punidos pelos seus pais. Aqui é muito fácil encontrar alguém e conversar com outras pessoas com os mesmos interesses. Os jovens já não são dependentes das condições locais dos lugares onde vivem ou do seu ambiente imediato.

As páginas de perfil são um reflexo da maneira como os jovens vêem, pensam e sentem sobre si mesmos e sobre as coisas que são importantes para eles. Apesar de sua popularidade, uma tendência contrária também está sendo observada relativamente às redes sociais. A pressão para mostrarem o seu melhor lado em todos os momentos e para se apresentarem constantemente no Facebook & Co. também já está criando a "fadiga de desempenho" entre os adolescentes⁽²⁰⁾. Em 2010, a socióloga Sherry Turkle, entrevistou adolescentes e adultos sobre o comportamento do utilizador digital por estar especialmente interessada em conhecer as mudanças de comportamento social relacionadas com as aplicações da web social. Neste seu estudo encontrou padrões de comportamento que indicam que a internet e a tecnologia podem tornar-se escapes para evitar a comunicação real. Alguns participantes do seu estudo relataram que também passaram a evitar conversas telefónicas, porque

⁴ http://www.socialmediaschweiz.ch/Facebook_-_Die_Welt__Update_April_2011_.pdf

aqui revelam muito de si mesmos. Comunidades Sociais e SMS oferecem a possibilidade de esconder as emoções e evitar conflitos. Um pedido de desculpas via comunicação digital permite excluir as emoções subjacentes e, assim, controlar a comunicação. Mas o pedido de desculpas também provoca uma reação do outro, sendo confrontado com a sua ou suas emoções e as suas consequências.

Comunicação e formação de amizades? Todas as redes sociais oferecem agora uma variedade de opções para a comunicação, por exemplo, via *e-mail*, grupos, *chat* ou fóruns. Estas ferramentas vão de encontro às necessidades dos jovens para se comunicarem com o seu grupo de pares, o que é muito importante. Em rede e nas redes sociais com a ajuda de amizades virtuais podem fazer-se amizades, assim como se fazem na vida real. Além disso, podem manter-se contatos atuais ou organizá-los - especialmente quando esses amigos estão separados por grandes distâncias. O número de amigos - mesmo que estes sejam só conhecidos - também é importante. Isso mostra o quão popular é um utilizador e pode influenciar seu / sua posição no grupo de pares. "Conhecer um monte de gente" tornou-se um novo tipo de valor.

Criar o seu próprio perfil e juntar-se a certos grupos é uma das formas importantes de gestão de identidade. Na prática, é difícil encontrar uma separação clara entre a gestão de identidade e as amizades. A compreensão de si próprio e da sociedade estão interligados. Isto rapidamente se torna evidente quando vemos que a auto-apresentação nas redes sociais é habitualmente acompanhada por contatos e comunicação com outros. A gestão dos relacionamentos e amizades nas redes sociais é evidenciada pelo fato de as relações sociais precisarem de uma estrutura clara, isto é, o pedido de amizade deve ser rejeitado ou confirmado, os contactos estão relacionados com categorias (como por exemplo amigos ou colegas) ou o *status* de uma relação manter-se atualizado.

À primeira vista parece que a compreensão do mundo objetivo toma um lugar secundário na compreensão de si mesmo e da sociedade nas redes sociais. No entanto, para os jovens é muito importante encontrar informação sobre outros utilizadores e seus grupos de interesse, especialmente quando tenta chegar ao pé de uma pessoa, por exemplo, antes de a/o confirmar como amigo/a. Já vimos em cima a importância do grupo de pares para os adolescentes – saber o que eles pensam, sentem ou se preocupam. Assim se vemos a necessidade de encontrar informação relativa a um grupo como uma tarefa de gestão de informação, o nível de compreensão do mundo objetivo também está aqui representado – apesar de o focus aqui estar claramente nas relações e não tanto na pura informação⁽²¹⁾.

As redes sociais oferecem muitas ferramentas para os jovens usarem e também lhes oferece novos desafios. Que aspetos da minha personalidade quero mostrar para os outros? Como faço para me apresentar? Quem deve ter permissão para ver o que está na minha página? O que aconteceu na última festa ou que está a provocar stress com os pais em casa? Como posso conseguir que o colega

com boa aparência e mais velho me adicione à sua lista de Facebook? Devo confirmar o pedido de amizade do meu namorado / namorada da escola primária?

Estas são algumas das perguntas que os jovens enfrentam. Aqui é importante não só pensar sobre quais são os aspetos de si que se quer revelar, como também quais as pessoas que podem visitar o seu perfil. Também é importante pensar no grupo de pares, e mesmo aqui há grandes diferenças na proximidade das amizades, onde se poderão também incluir futuros empregadores.

A auto-apresentação e a gestão de relacionamentos dentro das redes sociais são apenas alguns dos desafios que enfrentam os jovens no mundo dos media. Por isso, é impossível excluir a possibilidade de os jovens também poderem experimentar situações desagradáveis associadas a estas novas áreas de experiência. Eles podem encontrar conteúdos nocivos, o cyberbullying ou experimentar o lado negro da Internet através da fraude e roubo de dados. A secção seguinte fala sobre os perigos e riscos enfrentados pelos jovens na internet.

Informação Complementar:

Recurso 1.5 - 'Jargão da Internet – I parte' oferece uma panorâmica do modo como geralmente se utiliza a Internet para obter e divulgar informação.

Recurso 1.6 - 'Jargão da Internet – II parte' oferece uma panorâmica do modo como geralmente se utiliza a Internet para comunicar e interagir.

Recurso 1.7 - 'Jargão da Internet – III parte' define alguns termos usados relativos à Web 2.0.

Recurso 1.8 - 'Serviços populares da Web 2.0' fornece uma descrição da selecção dos serviços da Web 2.0.

Recurso 1.5 - ‘Jargão da Internet – ‘Iparte’

Hipertexto / hiperligações: “Um elemento num documento electrónico que faz a ligação com outro lugar no mesmo documento ou com um documento totalmente diferente. Normalmente, carrega-se na hiperligação para se seguir a ligação. As hiperligações são os ingredientes essenciais de todos os sistemas de hipertexto, incluindo a World Wide Web”.

Sítio (*site*) da Web: “Um local na World Wide Web que é composto por ficheiros organizados numa hierarquia. Cada ficheiro ou documento contém texto ou imagens que surgem como informação digital no ecrã do computador. Um *site* pode conter uma combinação de imagens de texto, áudio, vídeo e outros materiais dinâmicos ou estáticos.”

Motor de busca: “Um programa que procura documentos através de palavras-chave específicas e devolve uma lista de documentos nos quais as palavras-chave foram encontradas. Embora um motor de busca seja realmente uma classe geral de programas, o termo é normalmente utilizado para descrever especificamente sistemas como o *Google*, *Alta Vista* e *Excite* que permitem aos utilizadores procurar documentos na World Wide Web e nos grupos de notícias da *USENET*.”

(Tradução de excertos de definições retirados da Webopedia, Wikipedia e NetLingo)

Recurso 1.6 - 'Jargão da Internet – 'II parte'

Correio electrónico (Email): “Abreviatura de *electronic mail* [correio electrónico], a transmissão de mensagens através de redes de comunicação. As mensagens podem ser notas introduzidas através do teclado ou ficheiros electrónicos arquivados no disco.”

Sala de conversação (Chat): “Comunicação em tempo real entre dois utilizadores através de um computador. Assim que uma conversa é iniciada, cada utilizador pode introduzir texto escrevendo com o teclado e o texto introduzido aparecerá no monitor do outro utilizador. A maioria das redes e serviços *online* oferece uma aplicação de conversação.”

Mensagens instantâneas: “*IM* abreviatura de *Instant message*, um tipo de serviço de comunicação que permite criar uma espécie de sala de conversação privada com outro indivíduo de forma a comunicar em tempo real através da Internet, é parecido com uma conversa telefónica mas é uma comunicação que se baseia em texto em vez de voz. Normalmente o sistema de mensagens instantâneas alerta-nos quando alguém da nossa lista de contactos privada está ligado. Pode de seguida iniciar uma conversa com um indivíduo em particular.”

Blogue: “Abreviatura para *Web log* [diário em rede], um blogue é uma página da Web que serve como um diário pessoal de acesso público. Normalmente é atualizado diariamente e os blogues refletem muitas vezes a personalidade do autor.”

Comunidade virtual: “Uma comunidade virtual (ou comunidade em rede) é uma rede social de indivíduos que interagem através de meios de comunicação específicos, possivelmente atravessando limites geográficos e políticos de modo a perseguir interesses ou objectivos mútuos. Um tipo de comunidade virtual mais generalizado inclui serviços de rede social que consistem em várias comunidades em rede.”

VoIP: “Abreviatura para *Voice over Internet Protocol* [Voz sobre o protocolo internet], uma categoria de hardware e software que permite utilizar a Internet como meio de transmissão de chamadas telefónicas. Uma vantagem da VoIP é que as chamadas telefónicas através da Internet não ficam sujeitas a uma sobretaxa para além do que o utilizador já paga pelo acesso à Internet, da mesma forma que o utilizador não paga por enviar mensagens de correio electrónico através da Internet.”

Recurso 1.7 - 'Jargão da Internet– 'III parte'

Conteúdo gerado pelo utilizador: “*User-generated content* (UGC) [conteúdo gerado pelo utilizador], também conhecido por *consumer-generated media* (CGM) [conteúdos *media* gerados pelo consumidor] ou *user-created content* (UCC) [conteúdo criado pelo utilizador], refere-se a vários tipos de conteúdos *media*, disponíveis publicamente, que são produzidos pelo utilizador final. É utilizado para uma variedade de aplicações, incluindo o processamento de problemas, notícias, boatos e a investigação reflete a expansão da produção dos meios de comunicação através de novas tecnologias que estão disponíveis e são economicamente acessíveis ao público em geral. Todas as tecnologias digitais de comunicação estão incluídas, tais como bases de dados de perguntas-respostas, vídeo digital, escrever em blogues, distribuir *podcasts* [ficheiros áudio ou de vídeo], fotografia com telemóveis e wikis.”

Etiquetar [tagging] / marcador social: “Frequentemente utilizado em blogues, os autores dos sítios anexam palavras-chave (denominadas por etiquetas) para identificar imagens ou texto dentro do seu sítio como categorias ou tópicos. Etiquetas podem ser criadas utilizando palavras, acrónimos ou números. As etiquetas [tags] também são denominadas por *tagging*, *blog tagging*, *folksonomia* junção de *folks* [pessoas] com taxonomia, ou marcador social.”

Mundo virtual: “Um mundo virtual é um género de comunidade em rede que muitas vezes toma a forma de um ambiente simulado através do computador, no qual os utilizadores podem interagir uns com os outros, utilizar e criar objectos. Os mundos virtuais são concebidos para os seus utilizadores habitarem e interagirem e actualmente o termo tornou-se sinónimo de ambientes virtuais 3D interactivos, nos quais os utilizadores tomam a forma de avatares visíveis graficamente aos outros.”

(Tradução de excertos de definições retirados da Webopedia, Wikipedia, e NetLingo)

Recurso 1.8 - 'Serviços Populares da Web 2.0'

Serviços Populares da Web 2.0

- **Weblogs** ou **blogues** são sítios da Internet com artigos que refletem um ponto de vista pessoal, como entradas num diário, e habitualmente escritas pelo mesmo autor. A escrita de um blogue é conhecida como "blogging". As entradas aparecem de forma cronológica e podem ser comentadas por outros utilizadores (veja *blogger.com*), por exemplo, *Eu estou numa viagem de seis meses por África e mantenho a minha família e os amigos atualizados com fotos e post, que coloco no meu blogue.*

Exemplo: <http://blogues.publico.pt/emviagem/>, blogger.com

- **Mensagens Instantâneas:** Uma mensagem que seja escrita num PC1 aparece no PC2 imediatamente, e é uma forma de comunicação gratuita. *icq*, *msn* and *skype* são softwares que permitem construir estas mensagens instantâneas e são muito populares entre os jovens, por exemplo, para combinar horas e lugares de encontro ou conversar entre amigos ou colegas, por exemplo, *Eu gostaria de me encontrar com o meu amigo e envie-lhe uma mensagem, que ele recebu imediatamente no ICQ.*

Exemplo: [Skype](#), [MSN](#)

- **Mensagens Instantâneas:** Uma mensagem que seja escrita num PC1 aparece no PC2 imediatamente, e é uma forma de comunicação gratuita. *icq*, *msn* and *skype* são softwares que permitem construir estas mensagens instantâneas e são muito populares entre os jovens, por exemplo, para combinar horas e lugares de encontro ou conversar entre amigos ou colegas, por exemplo, *Eu gostaria de me encontrar com o meu amigo e envie-lhe uma mensagem, que ele recebu imediatamente no ICQ.*

Exemplo: [Facebook](#), [Myspace](#), [Linkedin](#)

- **Comunidades de partilha de Vídeos** - são comunidades virtuais. Os membros podem fazer *upload*, classificar e trocar vídeos. *YouTube* é uma comunidade de partilha de vídeos, na qual os utilizadores podem procurar e observar toda a espécie de vídeos usando uma pesquisa com palavras, e podem mesmo colocar o seu próprio vídeo, por exemplo, *Estou a pesquisar uma peça de música específica e coloco o título no YouTube. Encontro a peça de música executada por diferentes artistas que lá foi colocada.*

Exemplo: [YouTube](#)

- **Flickr** é uma comunidade de partilha de fotos que trabalha de forma semelhante às comunidades de video.

Exemplo: Flickr

- **twitter Twitter** é também uma rede social – habitualmente é um diário público (*micro blog*) mantido através de um *website* e/ou telemóvel; possibilita aos utilizadores entrar e enviar mensagens de texto com um máximo de 140 caracteres; as entradas tomam habitualmente a forma de “primeira pessoa por exemplo, *“Estou totalmente exausta, finalmente vou para a minha casa nova!”*

Exemplo: Twitter

- **Wikipedia:** Enciclopedia online na qual o utilizador explica termos e coloca artigos, mesmo anonimamente, por exemplo, *Gostaria de saber o que significa ‘blog’ e colocar uma entrada com a palavra na Wikipedia. Então encontrarei uma explicação.*

Exemplo: Wikipedia

- **Podcast:** *download* de ficheiros multimedia para um PC ou I-Pod; os programas são fornecidos num *website* e podem ser ouvidos em qualquer momento, por exemplo, *Eu perdi o meu programa de rádio favorito e faço o download do website da estação de rádio.*

Exemplo: <http://www.podcast.com>, <http://www.erte.dqidc.min-edu.pt/historias>

- **Websites educativos** como o Internet Segura ajudam as crianças a navegar com segurança na internet e a torná-las mais competentes.

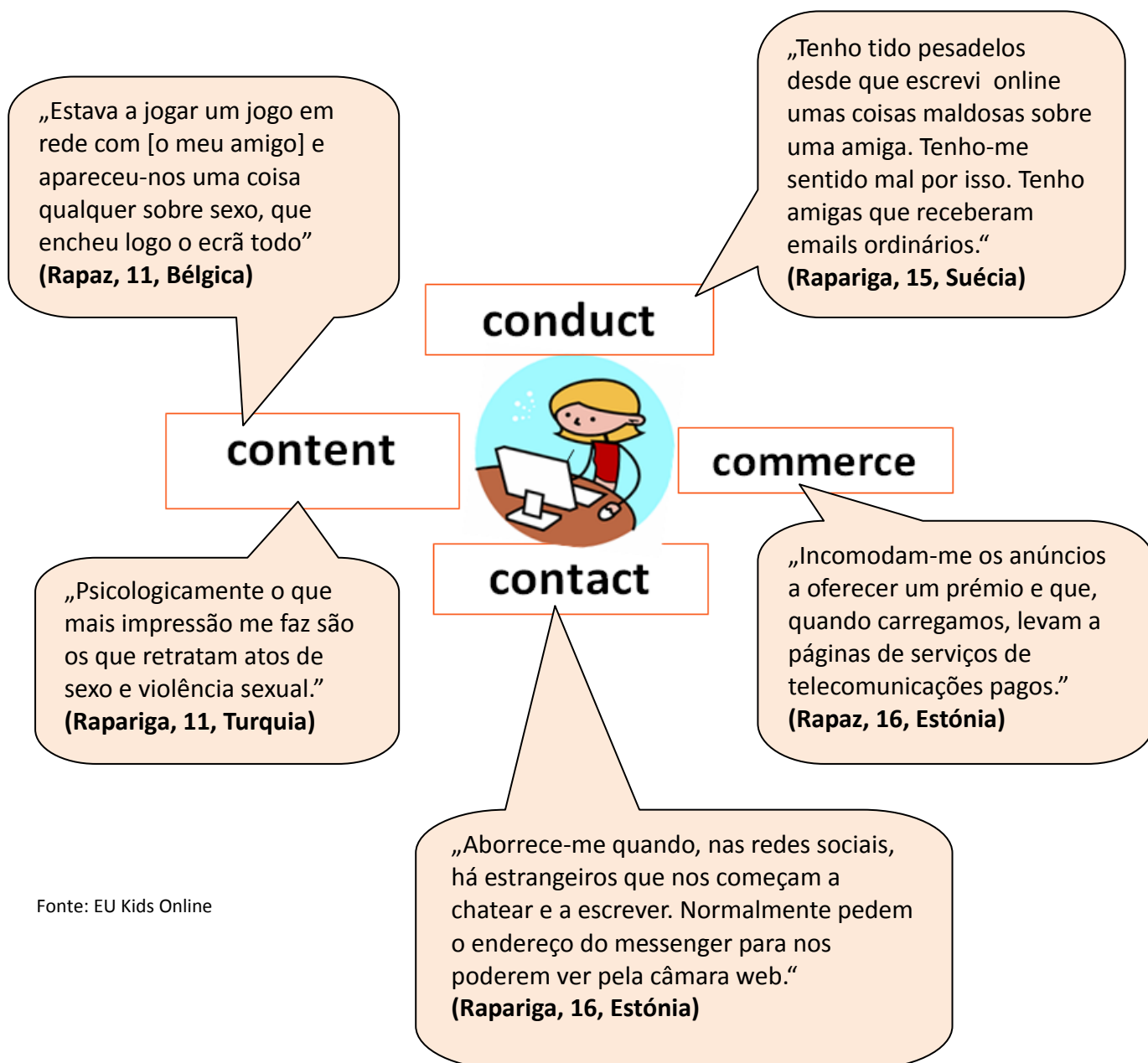
Exemplo: <http://www.seguranet.pt/blog/>, <http://miudossegurosnet.blogs.sapo.pt/>

Os perigos e os riscos na Internet

Ao contrário das crianças, os adultos têm, geralmente, sentidos muito apurados, que os alertam para o perigo e lhes permitem avaliar o que lhes é prejudicial. O seu comportamento na Internet é, também, guiado por esta capacidade. As crianças e os jovens navegam de uma forma bem diferente: fazem-no de modo mais lúdico, sem a concentração dos adultos. Para eles, a Internet é um recreio gigante. Dada a sua falta de experiência, as crianças são mais facilmente tentadas a premir comandos, acabando por inadvertidamente ir ter a sítios impróprios. Estão sujeitas a maiores perigos, na medida em que muitos sítios encerram conteúdos perniciosos para menores, sem que o deem a entender à primeira vista. Há relativamente poucos sítios adequados ou concebidos para crianças.

Estudos atuais, como o EU Kids Online, mostram que as crianças cada vez mais jovens começam a usar a Internet e que, em média, as crianças adquirem a sua primeira experiência com a Internet aos nove anos de idade⁽²²⁾. É por isso também é importante criar websites e conteúdos adequados para estes grupos etários. Na Alemanha, o desenvolvimento de websites adequados para crianças está a ser promovido, por exemplo, pela iniciativa "Ein Netz für Kinder"⁽²³⁾ ("Uma Net para Crianças"). A nível europeu, esta necessidade foi reconhecida levando à criação, em 2011, do Prémio Europeu para melhor conteúdo infantil on-line⁽²⁴⁾. Como a estrutura da Internet é complicada e oferece uma infinidade de ligações, é frequente as crianças sentirem-se demasiado perdidas para conseguirem fazer as ligações "certas". Até os adultos são vítimas dessas armadilhas ou tentativas de fraude⁽²⁵⁾. A convergência da Internet e dos telemóveis é particularmente perigosa para as crianças, que assim ficam expostas aos conteúdos perigosos da Internet mesmo quando longe do computador de casa. Além disso, tal convergência faz aumentar a quantidade de conteúdos não solicitados, o número de contactos indesejados e os truques para caçar dinheiro.

Até agora detivemo-nos nas vantagens da Internet. É altura de nos debruçarmos sobre os possíveis perigos e riscos que advêm da utilização da Web 2.0 e das mudanças que ela trouxe. O projeto "EU Kids Online" especificou em pormenor os possíveis riscos decorrentes da permanência *online*, desenvolvendo um sistema de classificação para avaliar de forma mais eficaz as diversas áreas de risco. O projeto identifica quatro áreas de risco – **conteúdos, comércio, contacto e conduta**⁽²⁶⁾ –, por sua vez divididos em duas subcategorias: o perigo é gerado, por um lado, pelos conteúdos, e por outro lado pelo processo de interação.



Fonte: EU Kids Online

Conteúdos

O problema da exposição a conteúdos perigosos através dos meios de comunicação é muito anterior à Web 2.0, já que existe há séculos. Os conteúdos problemáticos englobam os sítios que apresentam, por exemplo, pornografia e violência, bem como os que fazem a exaltação da violência e do racismo e temas que ponham em risco a saúde do utilizador. As crianças podem chegar a estes sítios tanto intencional como inadvertidamente, sendo este o caso na grande maioria das vezes.

Podem, por exemplo, ocorrer descobertas indesejadas ao pesquisar incorretamente determinados termos num motor de busca que não disponha de filtro ou de definições de segurança apropriadas. O mesmo pode acontecer ao pesquisar sítios (por exemplo, buscar “Disney” pode levar a um sítio pornográfico – www.disney-cartoons.com). A outra via – a de procurar deliberadamente esse tipo de sítios – é geralmente motivada pela necessidade que os jovens sentem de serem “fixes”, como se de um teste de coragem se tratasse para ver até que ponto conseguem suportar aquilo que é repugnante ou violento. O problema tem vindo a tornar-se mais patente à medida que o uso dos telemóveis de nova geração se tem generalizado. A troca de vídeos populares, via *Bluetooth*, nos recreios durante os intervalos, tem sido, ultimamente, objeto de preocupação e discussão recorrentes nos meios de comunicação. Esses vídeos podem apresentar conteúdos impróprios para crianças ou jovens, como pornografia ou vídeos *snuff*. Os vídeos *snuff* (de *snuff out* = apagar[-se]) apresentam-se como filmagens de assassinios. As cenas são fictícias, embora este facto em nada lhes diminua o impacto⁽²⁷⁾. Outro género de violência encontra-se nos filmes de *happy slapping* – literalmente, “tareia alegre” –, que oferecem cenas de violência real ou encenada. Estes filmes são, depois, partilhados por *Bluetooth* entre telemóveis ou rapidamente publicados em sítios de partilha de vídeos. A exemplo do que sucede com a pornografia e com a exaltação da violência, é cada vez mais frequente os conteúdos criados por políticos extremistas irem parar aos telemóveis dos jovens, trazendo com isso um acréscimo de preocupação e de ameaça ao nosso quotidiano.

Comércio

A vertente “comércio” abrange todas as áreas que sirvam para enriquecer terceiros pela via comercial: aqui se inclui a publicidade (por exemplo, via correio eletrónico não solicitado), os custos exorbitantes (por exemplo através da celebração de contratos ilegais e onerosos) e o roubo de dados (em especial quando, nas redes sociais, há transmissão de dados pessoais a terceiros sem a permissão do utilizador).

A segunda grande área de risco é aquela em que os conteúdos se baseiam na participação do utilizador num processo interativo, englobando o contacto com outros utilizadores e a conduta destes ou destas.

Contacto

Os jovens gostam de comunicar, de fazer um grande número de amigos nas salas de conversação, e de dialogar. Daí até à divulgação, de dados pessoais, no decorrer de uma conversa, não leva muito tempo. Os jovens, sobretudo ao comunicar inadvertidamente com pessoas que utilizem alcunhas falsas e mintam acerca da identidade, depressa se podem tornar vítimas de assédio sexual. Por exemplo, o apelido de uma menina de 13 anos pode esconder por de trás de si um homem adulto. O assédio e o insulto não são raros nas salas de conversação.

As redes sociais também nos mostram como se pode ser vítima de pessoas com padrões de utilização desagradáveis, que vão das mensagens ofensivas ou degradantes até fotos obscenas, passando por comentários humilhantes publicados nos murais de terceiros. Em forte expansão está também o fenómeno do *cyberbullying*. Este define-se como um comportamento deliberado envolvendo ofensas, ameaças, humilhação ou assédio, com recurso às novas ferramentas de comunicação, normalmente ao longo de um período de tempo dilatado⁽²⁸⁾. Assim, o comportamento alheio também pode representar uma fonte de perigo.

Conduta

Porém, os utilizadores da Internet não se limitam a ser vítimas de ataques de terceiros, podendo também tornar-se cúmplices, perpetradores ou infratores. A palavra “conduta” designa o comportamento do próprio utilizador da Internet, referindo situações em que os jovens intimidam ou insultam outros utilizadores, seja em salas de conversação, seja nas redes sociais. O termo abrange ainda as descargas ilegais de filmes e de música. O fenómeno da *cyberbullying*, já foi mencionado e será discutido com mais detalhe no módulo 2.

O download ilegal de filmes e música também pode cair sob o rótulo de conduta. Os utilizadores da Internet, e em particular os jovens, tornam-se perpetradores sempre que contribuem com conteúdos prejudiciais para a saúde de terceiros. É o caso, por exemplo, de sítios de suporte a pessoas com doenças, como sejam os sítios “pro Ana” e “pro Mia”. Aí, as portadoras (normalmente trata-se de raparigas) de doenças como a anorexia e a bulimia partilham conselhos sobre como manter esses seus distúrbios alimentares. Nos foros de suicídio, pessoas em risco de se suicidarem debatem sobretudo o seu estado anímico, no entanto não é raro a conversa derivar para métodos e formas de cometer suicídio. O projeto “EU Kids Online” sistematizou os riscos de acordo com a classificação resumidamente contida na tabela abaixo.

Table 1: Risks relating to children's internet use (exemplars only)

	Content Receiving mass-produced content	Contact Participating in (adult-initiated) online activity	Conduct Perpetrator or victim in peer-to-peer exchange
Aggressive	Violent / gory content	Harassment, stalking	Bullying, hostile peer activity
Sexual	Pornographic content	'Grooming', sexual abuse or exploitation	Sexual harassment, 'sexting'
Values	Racist / hateful content	Ideological persuasion	Potentially harmful user-generated content
Commercial	Embedded marketing	Personal data misuse	Gambling, copyright infringement

Tabela 1: Riscos relacionados com a utilização da Internet pelas crianças (alguns tipos)

	Conteúdos Receber conteúdos produzidos em massa	Contacto Participar em atividades <i>online</i> (desencadeadas por adultos)	Conduta Perpetrador ou vítima em convívio entre pares
<u>Agessivo</u>	Conteúdos violentos / sanguinários	Assédio, perseguição	<i>Bullying</i> , manifestações de hostilidade entre pares
<u>Sexual</u>	Conteúdos pornográficos	Aliciamento, abusos ou exploração sexuais	Assédio sexual, <i>sexting</i>
<u>Valores</u>	Conteúdos racistas/de ódio	Persuasão ideológica	Conteúdos potencialmente nocivos gerados pelo utilizador
<u>Comercial</u>	Publicidade embutida	Uso indevido de dados pessoais	Jogo ilegal, violação de direitos de autor

Fonte: EU Kids Online p.

13

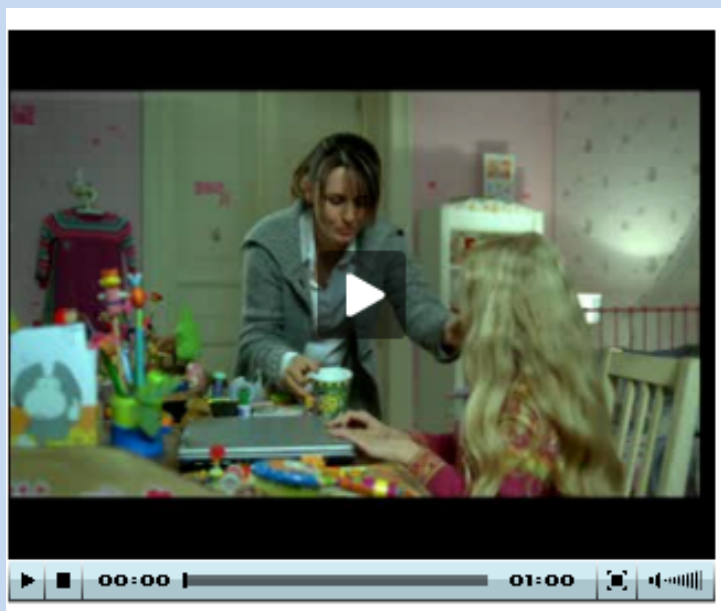
De acordo com este estudo, uma média de 12% das crianças europeias entre os 9 e os 16 anos já viveram experiências desagradáveis na Internet e 13% dos jovens viram inadvertidamente conteúdos pornográficos. Destes, somente 53% contaram a outros essa experiência. 6% das crianças afirmaram ter recebido, durante o ano precedente, mensagens maldosas ou perniciosas (**cyberbullying**), e 3% enviaram mensagens deste tipo a outras crianças – ou seja, foram perpetradoras. 15% dos jovens entre os 11 e os 16 anos já receberam mensagens indesejadas com conteúdos de natureza sexual. (**sexting**)⁽²⁹⁾. Considerando os possíveis perigos e riscos que as crianças e os adolescentes podem encontrar na Internet, é importante preparar os jovens e promover a sua competência relativa aos media. Para alcançar uma proteção abrangente dos menores nos media, é importante também considerar as diversas faixas etárias e os diferentes requisitos de desenvolvimentos das mesmas. Se o evitar os riscos pode ser o focus principal para com as crianças ao nível do primeiro ciclo da escola básica, a redução do risco poderá tornar-se mais importante à medida que as crianças crescem. Por exemplo, os pais devem assegurar que as crianças mais novas visitem principalmente áreas que podem navegar e comunicar com segurança e que forneçam ajustadas garantias tecnológicas. Ao mesmo tempo devem ser ensinadas aos jovens as competências básicas relativas aos media mesmo que limitadas devido à sua idade. Pelo contrário, com as crianças mais velhas, o focus estará nas competências de comunicação através dos media. Por exemplo, os adolescentes (aproximadamente com idades à volta dos 12 anos) devem já ser capazes de reconhecer os riscos online e serem capazes de os evitar, isto é, serem capazes de fazer a sua própria gestão dos riscos. À medida que crescem as precauções tecnológicas tornam-se cada vez menos importantes, o que quer também dizer que elas habitualmente são contornadas facilmente pelos adolescentes à medida que as suas competências são melhoradas. Do mesmo modo que as crianças devem aprender estratégias para lidarem com os riscos no mundo real, eles devem também aprender estratégias para o ciberespaço e devem ser-lhes dadas oportunidades para desenvolverem a resiliência.

Informação complementar

Recurso 1.9 - ‘Princesa’. Este vídeo mostra a facilidade com que as crianças, em particular, podem subestimar comunicação anónima na Internet.

Recurso.10 - ‘Stop cyberbullying’. O vídeo "Stop cyberbullying" mostra como cyberbullying pode afetar as vítimas.

Recurso 1.9 - 'Princesa'



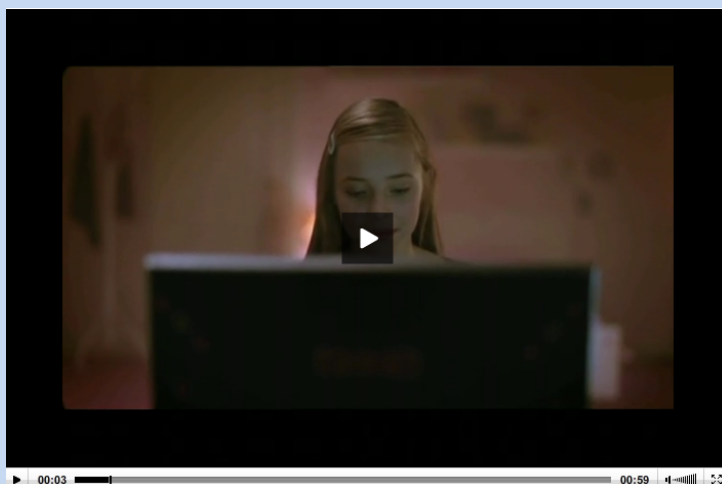
O vídeo- clipe "Princesa" mostra como é fácil as crianças, em particular, subestimarem a comunicação anónima na Internet e convida-o a descobrir mais sobre os riscos de se comunicar on-line, a fim de aguçar a sua própria consciência do problema.

Assista a este vídeo na Internet. Se você faz parte de um grupo de pais, discuta os conteúdos e troque ideias. Você pode usar o método do " feedback relâmpago" ⁽¹²⁾. Como é que se sentiu? Quais foram seus pensamentos?

Se estiver a fazer o exercício sozinho, primeiro anote as suas ideias iniciais e mantenha-as como referência. Pode achar que é interessante refletir sobre elas mais tarde, após a conclusão do módulo.

Fonte: <https://www.klicksafe.de/ueber-klicksafe/downloads/weitere-spots/rumaenien-prinzessin-deutsch.html>

Recurso 1.10 - 'Stop cyberbullying'



O clip de vídeo "Stop Cyber-mobbing" mostra o que o cyberbullying faz às vítimas e pode ser usado como uma introdução ao tema do " cyberbullying ", que vai ser considerado nos próximos dois módulos.

Assista a este vídeo na Internet. Se você faz parte de um grupo de pais, discuta os conteúdos e troque ideias. Você pode usar o método do " feedback relâmpago" ⁽¹²⁾. Como é que se sentiu? Quais foram seus pensamentos?

Se estiver a fazer o exercício sozinho, primeiro anote as suas ideias iniciais e mantenha-as como referência. Pode achar que é interessante refletir sobre elas mais tarde, após a conclusão do módulo.

Fonte: <https://www.klicksafe.de/ueber-klicksafe/downloads/weitere-spots/eu-spot-cyber-mobbing.html>

Conclusão

Este módulo ofereceu-nos uma visão sobre o mundo dos media habitado pelos jovens e mostrou claramente a importância dos novos meios de comunicação para a geração em amadurecimento. Também nos demonstrou porque é que os media despertam tanto fascínio nos jovens e as funções que desempenham no desenvolvimento do seu sentido de identidade.

Enquanto para as gerações anteriores, a música e o cinema foram as principais influências durante os anos de formação, atuando como modelos, oferecendo pontos de referência para orientação e traçando limites para separar os jovens do mundo adulto, hoje são os novos media que têm, acima de tudo, assumido esta função e acompanhado os jovens nas suas vidas quotidianas à medida que vão entrando na idade adulta.

Se nós, enquanto membros da geração dos imigrantes digitais quisermos ter acesso ao mundo dos nativos digitais, é essencial que tenhamos interesse pelo mundo (cibernético) que os jovens habitam. Só então podemos esperar compreender o lugar especial que os novos meios de comunicação ocupam junto da geração em desenvolvimento. Este módulo proporcina uma visão geral do tema e convida-o a descobrir e a falar mais sobre isso com os jovens.

O módulo demonstrou também que os novos meios de comunicação não só oferecem muitos aspetos positivos, como também apresentam perigos e riscos que não devem ser negligenciados. Os adolescentes devem ser capacitados para desenvolverem as habilidades e competências necessárias para lidar até com conteúdos problemáticos. O módulo destacou as áreas de risco centrais, como os conteúdos, o comércio, o contato e o comportamento.

O fenómeno do cyberbullying é problemático, e vai ser tratado e investigado em detalhe nos módulos seguintes. O foco destes módulos incidirá sobre as definições, formas e consequências (Módulo 2), bem como sobre as possibilidades disponíveis para que os pais tomem medidas (Módulo 3).

Referências

- Internet World Stats (2011): Internet Usage in Europe. Available online at: <http://www.internetworldstats.com/stats4.htm#europe>
- Livingstone S. Haddon, L., Görzig, A., & Ólafsson, K. (2011): Risks and safety on the internet: The perspective of European children. Full Findings. LSE, London: EU Kids Online, p. 25
- Prensky, Marc (2001): Digital natives, digital immigrants, On the Horizon. NCB University Press, Vol. 9, No. 5. Available online at: <http://www.marcprensky.com/writing/prensky%20-%20digital%20natives,%20digital%20immigrants%20-%20part1.pdf>
- Charlton, M., Neumann, K.(1990): Medienrezeption und Identitätsbildung. Kulturpsychologische und kultursoziologische Befunde zum Gebrauch von Massenmedien im Vorschulalter.
- Bachmair, Ben (1994): Handlungsleitende Themen: Schlüssel zur Bedeutung der bewegten Bilder für Kinder, in: Deutsches Jugendinstitut (publ.): Handbuch Medienerziehung im Kindergarten. Teil I: Pädagogische Grundlagen. p. 171-184
- O'Reilly, T. (2005): What is Web 2.0? Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software. Available online at: <http://www.oreilly.de/artikel/web20.html>
- Oerter, R., Montada L. (2008): Entwicklungspsychologie. 6. Fully revised edition. Beltz/Weinheim, p. 279.
- Schmidt, J., Paus-Hasebrink, I., Hasebrink, U. (publ.) (2009): Heranwachsen mit dem Social Web. Zur Rolle von Web 2.0 Angeboten im Alltag von Jugendlichen und jungen Erwachsenen. Berlin
- Schmidt, J.-H. (2010): Netzwerkplattformen als Räume des Heranwachsens. In: Fuhs, B., Lampert, C., Rosenstock R. (publ.) (2010): Mit der Welt vernetzt. Kinder und Jugendliche in virtuellen Erfahrungsräumen. p. 164
- http://www.socialmediaschweiz.ch/Facebook_-_Die_Welt__Update_April_2011_.pdf
- Turkle, S (2011): Alone together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other.

- Schmidt, J., Paus-Hasebrink, I., Hasebrink, U. (publ.) (2009): Heranwachsen mit dem Social Web. Zur Rolle von Web 2.0 Angeboten im Alltag von Jugendlichen und jungen Erwachsenen. Berlin
- http://www.ein-netz-fuer-kinder.de/gemeinsame_initiative/index.php
- http://ec.europa.eu/information_society/activities/sip/events/competition/index_en.htm
- Klicksafe (publ.) (2009): Know how für junge User. Mehr Sicherheit im Umgang mit dem World Wide Web. Materialien für den Unterricht, p. 9.
- Nigel Williams of *childnet international* has also studied the dangers of the Internet and summarised these under the headings “*content, contact and commerce*”, in short “the 3 Cs”. He includes “commerce” among the risks but leaves out the area of “conduct”. (<http://www.childnet-int.org/downloads/paradoxical-internet.pdf>)
- “Snuff” videos (to snuff out = extinguish) present themselves as film records of murders. These scenes are fictitious although this does nothing to lessen their impact in any way.
- Klicksafe (publ.) (2009): Was tun bei Cyber-Mobbing? Zusatzmodul zu Know how für junge User. Materialien für den Unterricht
- <http://kidsandmedia.co.uk/what-is-social-life/>



CT4P 510162-LLP-1-2010-1-DE-GRUNDTVIG-GMP

This project has been founded with support from the European Commission. This communication reflects the views only of the authors, and the Commission cannot be held responsible for any use which may be made of the information contained therein.





Módulo 2

Introdução ao Cyberbullying

⁽¹⁾Conor Mc Guckin, Lucie Corcoran, Niall Crowley, Mona O'Moore,

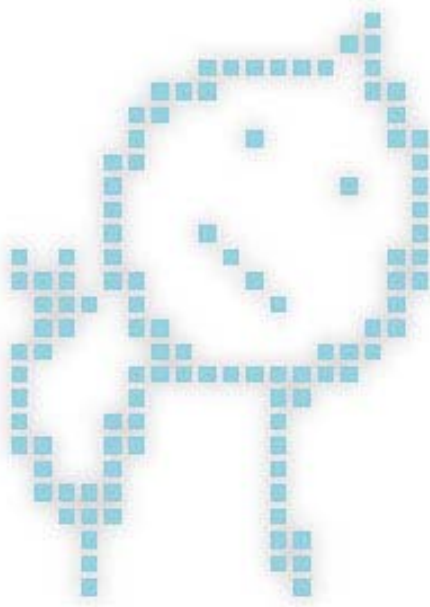
⁽²⁾Calmaestra, Rosario del Rey, Rosario Ortega

⁽³⁾Joaquín A. Mora-Merchán

⁽¹⁾Trinity College Dublin (Irlanda)

⁽²⁾Universidad de Córdoba (Espanha)

⁽³⁾Universidad de Sevilla (Espanha)



Algumas perguntas prévias:

1. Como definiria o cyberbullying (Tente dizê-lo numa frase)?
2. Que pensa acerca das principais diferenças entre o cyberbullying e as formas mais tradicionais de bullying (como o bullying físico e verbal na escola)?
3. De que forma acha que os ciber-agressores podem atacar as suas vítimas?
4. O cyberbullying nunca tem efeitos graves sobre uma vítima? Se acha que sim, como é que o cyberbullying afetará crianças e adolescentes?
5. De que forma é que as crianças e adolescentes tentam lidar com o cyberbullying?

Resumo

- Com o nascimento da Internet surgiu uma nova forma de bullying. Associado ao mundo cibernético, o bullying deu origem ao fenómeno a que hoje se chama cyberbullying;
- O cyberbullying pode ser classificado de duas formas: consoante o meio através do qual o abuso é praticado, e segundo a natureza do próprio abuso;
- Insulto, assédio, denigração, exclusão, usurpação de identidade, ataque cerrado, aliciamento, indiscrição, ciberperseguição e impostura são algumas das táticas que os ciber-agressores usam com as suas vítimas;
- De acordo com os estudos europeus disponíveis, estima-se que 10% das crianças estejam envolvidas no cyberbullying;
- As vítimas do cyberbullying manifestam sentimentos negativos, tais como raiva e frustração, com 10% a declararem ansiedade. O cyberbullying também está relacionado com baixa autoestima, solidão, depressão, dificuldades no desempenho escolar, sendo ainda, por vezes, um fator interveniente nos casos de suicídio na adolescência.

Introdução

Como se viu no Módulo 1, nos últimos 15 anos verificaram-se, na forma como comunicamos com os outros, alterações que antes seriam impensáveis. O surto do uso das tecnologias de informação e comunicação (doravante referidas como TIC) criou um novo ambiente em que se torna possível desenvolver relações pessoais positivas.

Para mais informações acerca do uso das TIC por crianças e jovens, consultar o Módulo 1: Introdução aos novos meios de comunicação.

Estas mudanças alteraram drasticamente a forma como os adultos comunicam uns com os outros, mas tiveram um impacto ainda maior sobre aqueles que, devido à sua juventude, já cresceram numa era dominada pelas TIC. Quando não lhes é possível comunicar face-a-face, os adolescentes recorrem, por norma, às redes sociais, salas de conversação, foros e SMS. Na verdade, há os que preferem estas formas à comunicação face-a-face.

Por outro lado, o bullying está a evoluir para novas formas de agressão. O seu percurso convergiu com o das TIC, dando origem ao fenómeno a que hoje se chama cyberbullying. De uma forma simples, podemos definir tal fenómeno como o bullying praticado através de dispositivos eletrónicos de comunicação, tais como os computadores com acesso à Internet e os telemóveis. Mais recentemente juntaram-se-lhes os smartphones, de que é exemplo o iPhone. Apesar de o cyberbullying ser um tema relativamente novo, o crescente interesse dos investigadores já permite uma perceção aprofundada do problema. Alguns estudos mostram claramente que o cyberbullying pode ter repercussões graves nas crianças que dele são vítimas. Juntamente com o destaque dado pelos meios de comunicação social a vários casos de cyberbullying que levaram adolescentes ao suicídio, esses estudos sensibilizaram a sociedade para o fenómeno, suscitando a exigência de medidas preventivas. Este manual pretende caminhar nesse sentido, e o presente capítulo propõe ser, desde logo, uma introdução ao fenómeno, à sua natureza, aos seus padrões, aos potenciais efeitos e às estratégias para o enfrentar.

Para mais informações acerca do bullying, consultar o sítio da Anti-Bullying Alliance⁵, que se encontra na secção “Sítios úteis”, no final do presente capítulo.

⁵ <http://www.anti-bullyingalliance.org.uk/>

Objetivos e resultados da aprendizagem

O objetivo deste capítulo é fazer compreender a natureza do cyberbullying. Para o atingir, centrar-nos-emos em duas grandes áreas:

- Definição de cyberbullying. Convém compreender o que é o cyberbullying e estar ciente da sua natureza e peculiaridades. Por se tratar de um fenómeno recente, a sociedade ainda não está familiarizada com ele. Os contínuos avanços tecnológicos traduzem-se numa constante revisão da natureza e das definições do cyberbullying. Por isso, este capítulo pretende servir de introdução, para que, no final, se compreenda claramente o que é o cyberbullying e quais as formas que assume.
- Identificação dos potenciais efeitos do cyberbullying. O cyberbullying é frequentemente visto como uma partida de crianças, algo que não chega sequer a fazer mal às vítimas. Apresentando exemplos, o presente capítulo também abordará as potenciais consequências do cyberbullying.

Para atingir estes objetivos, ir-se-á:

- Apresentar o fenómeno do cyberbullying;
- Apontar as diferenças entre o ciberespaço e o mundo real;
- Ajudar a compreender os diferentes métodos de praticar o cyberbullying;
- Sensibilizar para a forma como o cyberbullying pode afetar crianças e adolescentes;

Atividade 2.1 “O que é o cyberbullying?” Visa familiarizar com a palavra e o significado de cyberbullying, as características que o definem e as situações em que ocorre.

Recurso 2.1 – Vídeo 'Let's fight it together' ("Juntos vamos fazer-lhe frente") Um filme sobre cyberbullying, da Childnet International

Atividade 2.1 “O que é o cyberbullying?”

Antes de iniciar a leitura deste capítulo, visiona o Recurso 2.1 – Vídeo “Let’s fight it together” e procure responder às seguintes questões:

- O que sucedeu nesta história?
- Quais as modalidades de cyberbullying utilizadas?
- O que aconteceu ao Joe? E aos seus agressores?
- Como é que o Joe se sentiu?
- Como terá isto afetado o Joe – quer a curto, quer a longo prazo?
- Como teria sido o Joe afetado a curto e a longo prazo, caso o cyberbullying não tivesse sido denunciado?
- Como acha que se terão sentido os agressores assim que se soube do cyberbullying?
- Se o Joe fosse seu filho, teria procedido de maneira diferente?

Recurso 2.1 – Vídeo “Let’s fight it together”

Criado por Childnet International: <http://www.childnet.com>



<http://old.digizen.org/cyberbullying/fullFilm.aspx>

Adicionalmente por favor veja as entrevistas com vários intervenientes na história:

- Entrevista com o Kim (o agressor):
URL: <http://old.digizen.org/cyberbullying/kim.aspx?video=1>
- Entrevista com a professora: URL: <http://old.digizen.org/cyberbullying/teacher.aspx>
- Entrevista com Mum: URL: <http://old.digizen.org/cyberbullying/mum.aspx>
- Entrevista com Rob (a testemunha) - URL: <http://old.digizen.org/cyberbullying/rob.aspx>

Síntese do conhecimento e do pensamento atuais

Bullying e Cyberbullying

O bullying tradicional

Ao longo dos últimos 40 anos os investigadores têm-se dedicado ao estudo de um fenómeno que na década de 1970 recebeu o nome de “bullying”. Dan Olweus, o primeiro investigador a desenvolver trabalho científico sobre o bullying, define-o do seguinte modo⁽¹⁾:

considera-se que um aluno é vítima de bullying quando outro aluno ou grupo de alunos:

- dizem coisas maldosas e desagradáveis a seu respeito, fazem troça dele ou lhe chamam nomes ofensivos;
- o ignoram completamente, o excluem do seu convívio ou mantêm deliberadamente à margem;
- lhe batem, dão pontapés, encontrões ou proferem ameaças;
- sobre ele lançam boatos e mentiras, lhe escrevem mensagens maldosas e tentam voltar os outros contra ele;
- têm outras atitudes do género.

Para a maioria dos especialistas⁽¹⁻⁴⁾, um comportamento só é considerado bullying se preencher, pelo menos, três requisitos: (i) a intenção de fazer mal à vítima; (ii) uma repetição do comportamento abusivo durante um certo período de tempo; (iii) um desequilíbrio de poder entre o(s) agressor(es) e a vítima. No entanto, alguns especialistas sustentam que basta observar-se uma destas condições, desde que seja suficientemente grave, para que se verifique a existência de bullying, especialmente se ela está na base de uma intimidação contínua [5].

São cinco os tipos convencionais de bullying – o físico, o verbal, o gestual, a exclusão e a extorsão. Todas as formas de bullying estão associadas a potenciais danos psicológicos e a limitações na vida escolar e social. O bullying é normalmente envolto em segredo, o que por sua vez exacerba as consequências do abuso, sendo tal situação normalmente referida como código de silêncio⁽⁶⁾. O código de silêncio impede que se relatem os casos de bullying aos adultos, por receio do modo como os agressores ou o grupo de pares possam reagir. Este “código” também se verifica nos ambientes online, pois as vítimas calam os abusos perante os seus pais e professores.

Então, porque é que algumas crianças são vitimadas pelos agressores? O'Moore [5] descreve como os agressores escolhem uma vítima devido a um sem número de razões, tais como: falar com um sotaque diferente, usar roupas diferentes, ser de uma religião diferente, vir de outro país, provir de um

contexto social ou económica diferente; ter dificuldades de aprendizagem, ou ser superdotado. E se não houver nenhuma razão, o agressor, muitas vezes, inventa-a.

Além disso, ela descreve as características de uma criança que tem mais probabilidade de ser vitimada. Esses jovens tendem a apresentar alguma das seguintes características: um temperamento ansioso, sensível, tímido, inseguro e cauteloso; poucos bons amigos, baixa auto-estima; maneira de ser passiva, não-agressiva, ou não-assertiva; emocionalmente reativo; e comportamento desajeitado ao tentar entrar ou participar de um grupo de colegas.

Por outro lado, o agressor típico é descrito como tendo: necessidade de dominar os outros; baixo auto-controle; uma natureza impulsiva; ansiedade baixa; uma tendência a culpar a vítima pelo seu próprio mau comportamento; pose de valentão; uma percepção positiva de agressão; falta de sensibilidade e de empatia; uma tendência para o comportamento anti-social; e, às vezes, acontece que eles próprios também já foram vítimas. Há discordância quanto às razões pelas quais algumas crianças se envolvem em comportamento de bullying. O'Moore [5] acredita que o bullying é uma tentativa de manipular as relações, com o objectivo de responder a algumas necessidades psicológicas, por exemplo: desejo de controlar, afirmação de poder, busca de atenção, exibicionismo, ou tentativa de melhorar o estatuto social.

Salmivalli e colaboradores^[7] investigaram comportamentos de bullying dentro de um contexto de grupo. Segundo a sua perspectiva, o bullying é um processo de grupo que inclui também as testemunhas, e não é meramente uma relação que envolva apenas o bully/agressor e a vítima ou vítimas. Os autores identificaram seis funções principais, tais como: agressor; vítima; reforçador (do agressor); assistente (do agressor); defensor (da vítima) e alheio (que não faz nada). Isto mostra como os espectadores podem reagir de maneiras diversas e, também, destaca a sua importância em termos de como eles podem influenciar o bullying. Investigação^[8] realizada em 2004 indicou que crianças que tinham atitudes anti-bullying ou manifestavam desaprovação moral de bullying, eram mais propensas a defender as vítimas ou a ficar completamente fora dos incidentes. Por contraste, crianças que apresentaram atitudes favoráveis, eram mais propensas a envolverem-se em comportamento de bullying ou a dar suporte aos agressores. O bullying tem sido associado a um conjunto de efeitos negativos, tanto a curto prazo como a longo prazo. A investigação irlandesa^[9] descobriu que as crianças que estiveram envolvidas em comportamento de bullying, como vítimas, agressores ou ambos, durante o ensino básico, tinham mais baixa auto-estima, em comparação com crianças que não estiveram envolvidos em bullying. As crianças que tanto foram agressoras como vítimas (agressores-vítimas) apresentaram uma mais baixa auto-estima, de entre todos os grupos.

Acrescente-se que, frequentemente, o bullying ou a vitimização têm sido associados a uma menor auto-estima. Além disso, uma pesquisa realizada na Finlândia indicou uma maior prevalência de

depressão e de ideação suicidária tanto entre os agressores como entre as vítimas [10]. A vítimação também tem sido associada a problemas de saúde. Um estudo [11] indicou que crianças que foram vítimas de agressores no início do ano lectivo tiveram um risco maior de desenvolver novos sintomas de doença durante o ano letivo, incluindo depressão, ansiedade, incontinência urinária, dor abdominal, e mau estar. Estes estudos destacam as possíveis repercussões do bullying.

Cyberbullying

Por outro lado, o cyberbullying é um fenómeno relativamente novo e os pesquisadores ainda não chegaram a um consenso sobre muitos dos aspectos desta questão. Devido ao carácter singular do fenómeno, foi necessário dar ao cyberbullying uma definição diferente. A diversidade de canais de comunicação, aliada ao imediatismo e à ausência de contacto presencial, conferem ao cyberbullying características diferenciadoras⁽¹²⁾. Peter Smith e a sua equipa de investigadores⁽¹³⁾ definem o cyberbullying como um ato de agressão deliberado, perpetrado, através de meios eletrónicos de comunicação de uma forma reiterada e ao longo do tempo, por um indivíduo ou um grupo contra alguém que não consegue defender-se facilmente. Mais centrada na dimensão social do problema, Nancy Willard⁽¹⁴⁻¹⁵⁾ considera que o cyberbullying ocorre quando se é cruel para com os outros através do envio ou divulgação de material danoso ou através do recurso a outras formas de crueldade social, utilizando para tal a Internet ou outras tecnologias digitais. Para Bill Belsey⁽¹⁶⁾, o cyberbullying implica a utilização das TIC como plataforma para uma conduta hostil, deliberada e reiterada, por parte de um indivíduo ou de um grupo, com o objetivo de fazer mal a outrem. Mais recentemente, e numa tentativa de conjugar os principais elementos propostos pelas diversas definições, Tokunaga⁽¹⁷⁾ definiu o cyberbullying da seguinte maneira:

Cyberbullying é qualquer comportamento manifestado através de meios eletrónicos ou digitais por grupos ou indivíduos, que, de uma forma reiterada, transmita mensagens agressivas ou hostis com a intenção de fazer mal ou causar incomodidade.

O cyberbullying assenta numa dinâmica relacional com, pelo menos, dois papéis bem definidos: o agressor e a vítima. Embora as testemunhas de cyberbullying possam assumir o papel de espectadores ou circunstantes, as características dos vários tipos de “ciberespectadores” requerem uma investigação mais aprofundada. Uma pesquisa levada a cabo no Canadá⁽¹⁸⁾ revelou que é frequente as testemunhas

de cyberbullying reagirem de diferentes maneiras: algumas entram na agressão, outras incentivam o agressor, outras observam sem participar, outras abandonam o ambiente online, outras ainda protestam junto de terceiros mas sem se dirigirem ao agressor, e finalmente há as que se opõem à conduta do agressor, quer tentando ajudar ou solidarizar-se com a vítima, quer denunciando o caso a quem possa ajudar. Este facto é, sem dúvida, ilustrativo da capacidade do espectador tanto para ajudar a vítima do cyberbullying como para nada fazer ou para lhe aumentar o sofrimento.

Comparativamente com o que é habitual no comportamento associado ao bullying, o elemento de repetição assume contornos próprios nos casos de cyberbullying. Por exemplo, um agressor pode carregar um único vídeo humilhante, uma só vez. No entanto, cada vez que é visto ou divulgado noutros sítios pode ser percecionado como uma repetição da vitimização⁽¹⁹⁾. O cyberbullying e as modalidades convencionais de bullying diferenciam-se em inúmeros aspetos. Assim, e por exemplo, o desequilíbrio de poder no cyberbullying não se baseia no tamanho do agressor, antes pode residir nas competências tecnológicas ou na capacidade de dissimular a própria identidade⁽²⁰⁾. A tecnologia também faculta aos agressores a oportunidade de assediar a vítima independentemente da sua localização e da hora do dia ou da noite⁽²¹⁾. O cyberbullying transcende, portanto, as limitações que o espaço físico da escola confere ao bullying convencional. Nos casos de bullying presencial⁶, o agressor costuma ver a reação da vítima ao incidente, o que é raro acontecer no mundo virtual. Aqui, o agressor pode manter o afastamento em relação à vítima, pelo que será menos provável sentir empatia ou culpa.

Não obstante a necessidade de se diferenciar o bullying do cyberbullying, o comportamento é essencialmente o mesmo em ambos os casos. Isto tornar-se-á claro à medida que formos avançando na familiarização com as formas e os efeitos do cyberbullying.

⁶ Alguns investigadores ^[16] distinguem o *bullying* “convencional” do *bullying* presencial ou face-a-face (“f2f”). Como o nome indica, *bullying* presencial designa apenas aquele que é perpetrado na presença da vítima, podendo ser considerado uma subcategoria do *bullying* convencional.

Sobreposição entre o bullying e o cyberbullying

Existem provas abundantes da existência de uma relação próxima entre o bullying e o cyberbullying no que respeita aos tipos de sujeitos envolvidos⁽²¹⁻²⁴⁻²⁷⁾. Por outras palavras, uma criança que seja vitimizada na escola terá também maior probabilidade de ser vitimizada online. Mais de dois terços das ciber-vítimas, por exemplo, segundo O'Moore e Minton^[21] foram vítimas do bullying tradicional. Da mesma forma, dois terços dos ciber-agressores também foram agressores no bullying tradicional

Para mais informações acerca das características do bullying e do cyberbullying, consultar o Recurso 2.2 “Diferenças e semelhanças entre o bullying e o cyberbullying”.

Recurso 2.2: “Diferenças e semelhanças entre o bullying e o cyberbullying”		
	Bullying	Cyberbullying
Intencionalidade	Os agressores têm de agir deliberadamente: os atos espontâneos ou pontuais não são considerados casos de bullying.	Para que uma dada situação se possa considerar cyberbullying, o agressor tem de pretender fazer deliberadamente mal à vítima ou causar-lhe incomodidade.
Repetição	Para que um dado comportamento seja considerado bullying, deverá ocorrer de forma mais ou menos persistente durante um certo período de tempo. Contudo, um ataque particularmente grave pode ser considerado bullying.	A repetição pode ser quantificada em função do número de vezes que um determinado incidente (por exemplo uma imagem, vídeo, texto, comentário, etc.) é enviado, exibido ou visionado.
Desequilíbrio de poder	Existe um desequilíbrio de poder, real ou imaginado, entre a vítima e o agressor, independentemente de a agressão ser física ou psicológica	O cyberbullying também implica um desequilíbrio de poder. Contudo, este desequilíbrio tanto pode decorrer das maiores competências tecnológicas do agressor como da eventual utilização de pseudónimos por parte deste. O desequilíbrio de poder pode dever-se ao facto de a vítima não conhecer o agressor e de não poder, por isso, situar a pessoa em causa ou defender-se dos seus ataques.
Número de espectadores	Nalguns casos, os episódios de bullying são apenas do conhecimento dos agressores e das suas vítimas. Outras vezes são também do conhecimento do resto da turma e, em raras ocasiões, são do conhecimento de toda a escola.	Este tipo de abuso pode assumir duas formas muito diferentes: ações do conhecimento público (tais como denegrir uma pessoa através de um vídeo colocado na Internet), ou situações privadas, conhecidas apenas pelos agressores e vítimas (como a troca

		de mensagens por correio eletrónico ou mensagens instantâneas).
Anonimato	Geralmente a vítima conhece o seu agressor ou agressores. O agressor só poderá permanecer anónimo nalgumas estratégias de bullying, como quando se espalham boatos.	Alguns agressores conseguem permanecer anónimos devido à facilidade com que se consegue dissimular a identidade na Internet. Isto pode aumentar o sentimento de impunidade do agressor, ao mesmo tempo que intensifica o sentimento de vulnerabilidade da vítima.
Qualquer hora e lugar	No bullying mais “convencional”, as vítimas estão sujeitas ao abuso apenas dentro do horário escolar ou no percurso entre a escola e casa. Tal deve-se ao limitado acesso físico que o agressor tem em relação à vítima.	A vítima do cyberbullying pode ser atingida praticamente em qualquer local e a qualquer hora do dia ou da noite. Não há horários nem locais seguros, podendo a agressão ocorrer até durante as férias escolares. Ou seja: ao contrário do bullying, o cyberbullying não reconhece fronteiras físicas.

As modalidades de cyberbullying

O cyberbullying pode ser classificado de duas formas: consoante os meios através dos quais ocorre o abuso, sejam eles SMS, MMS, telefonemas, correio electrónico, salas de conversação, mensagens instantâneas ou sítios da Web (onde se incluem as redes sociais, como o Facebook e o Twitter); consoante a natureza do próprio abuso, que pode revestir as formas de um ataque cerrado, de assédio, denigração, usurpação de identidade, indiscrição, aliciamento, exclusão, ciberperseguição, insulto, ou impostura. Estas modalidades do cyberbullying são apresentadas em pormenor nos Recursos 2.4 – 2.12. É importante recordar que estas classificações são provisórias, pois podem ser alteradas no futuro em função de eventuais avanços tecnológicos. Os chamados smartphones, por exemplo, já permitem que os utilizadores naveguem na Internet, tal como num computador.

Recurso 2.1 – Vídeo “Let’s fight it together” mostra um exemplo de cyberbullying entre estudantes.

Recurso 2.3 “Classificação do cyberbullying” visa dar a conhecer as várias modalidades do cyberbullying.

Recurso 2.4 “A Lucy publica as fotos das férias” disponibiliza exemplos de usurpação de identidade e insulto..

Os Recursos 2.5 a 2.11 estão disponíveis no final do capítulo, na área de Recursos.

Recurso 2.3 – “Classificação do cyberbullying”

Segundo o meio de comunicação utilizado: (cp. Smith *et al*, 2008):

- **SMS:** Enviar ou receber, por telemóvel, mensagens de texto abusivas;
- **MMS:** tirar, enviar ou receber fotos e/ou vídeos desagradáveis através de telemóvel (por exemplo, o *happy slapping* – literalmente, “tareia alegre”);
- **Telefonemas:** Fazer ou receber chamadas telefónicas perturbadoras (por exemplo, pregar partidas maldosas pelo telefone);
- **Correio eletrónico:** Enviar mensagens de correio eletrónico maldosas ou ameaçadoras diretamente para a vítima, ou sobre a vítima para terceiros (Ver o recurso 2.6: “Um email para uma rapariga”);
- **Salas de conversação:** Usar da intimidação ou do insulto nas salas de conversação (Ver o recurso 2.8: “Discussão numa sala de conversação”);
- **Mensagens instantâneas:** Enviar mensagens instantâneas (MSN, Yahoo, AIM, etc.) de tipo ofensivo (Ver o recurso 2.7: “Três raparigas à conversa”);
- **Sítios da Web:** Revelar segredos ou dados pessoais de forma abusiva ou partilhar comentários desagradáveis ou maldosos. Pode envolver também a divulgação de fotos ou vídeos humilhantes numa página da Internet, bem como a divulgação de sondagens degradantes (Ver o recurso 2.9: “Comentários críticos no Facebook”).

Segundo os comportamentos (cp. Willard, 2007):

- **Ataque cerrado (flaming):** Uma discussão intensa e breve, frequentemente com linguagem grosseira, rude e ofensiva, insultos e, por vezes, ameaças. O ataque cerrado pode ocorrer através de texto ou mensagens instantâneas, em blogues, nas redes sociais, nas salas de conversação, nos grupos de discussão ou nos sítios de jogos *online* (Ver o recurso 2.4: “A Lucy publica as fotos das férias”);
- **Assédio:** Envio reiterado de mensagens maldosas, mesquinhas e insultuosas. (Ver o recurso 2.9: “Comentários críticos no Facebook”);
- **Denigração:** Desrespeitar alguém *online*. Enviar ou colocar *online* boatos sobre alguém com vista a destruir-lhe a reputação ou as amizades;

- **Usurpação de identidade:** Enviar ou colocar *online* material fazendo-se passar por outra pessoa, de modo a criar problemas a essa pessoa ou a colocá-la em perigo, destruindo-lhe a reputação e as amizades. (Ver o recurso 2.4: “A Lucy publica as fotos das férias”);
- **Indiscrição:** Revelar segredos ou informações pessoais de alguém com o objetivo de envergonhar ou humilhar essa pessoa. Uma maneira comum de provocar tal exposição é reencaminhar para terceiros uma mensagem da vítima que contenha informação íntima ou pessoal (Ver o recurso 2.10: “Fotos nas mãos erradas – nada a fazer”);
- **Aliciamento:** Convencer alguém a revelar segredos ou informações embaraçosas e depois partilhá-las *online* (Ver o recurso 2.5: “Promessas quebradas”);
- **Exclusão:** Excluir alguém, de forma deliberada e cruel, de um grupo *online*. Ser excluído de participar em atividades *online* com os pares, de maneira a sentir rejeição. (Ver o recurso 2.11: “Exclusão social no mundo virtual”);
- **Ciber-perseguição:** Assédio e denigração intensos e reiterados, incluindo ameaças ou a criação de um significativo sentimento de medo. (Ver o recurso 2.4: “A Lucy publica as fotos das férias”);
- **Insulto:** Utilizar a Internet ou o telemóvel para desferir, a qualquer momento, ataques verbais ou visuais diretos. Os ciber-agressores podem colocar comentários num blogue ou enviar mensagens de texto a partir de um telemóvel. Também podem fotografar as vítimas ou roubar fotos de uma fonte *online*, alterando-as de forma rebaixante ou adicionando comentários depreciativos e carregando-as, de seguida, de maneira a serem vistas por terceiros. Uma variante específica, o *happy slapping*, consiste em filmar alunos a ser espancados, colocando de seguida o vídeo *online*. (Ver o recurso 2.4: “A Lucy publica as fotos das férias”, recurso 2.6: “Um email para uma rapariga”, recurso 2.7: “Três raparigas à conversa” e recurso 2.8: “Discussão numa sala de conversação”);
- **Impostura:** Forma de ataque indireto em que o ciberagressor cria conteúdos *online* fazendo-se passar pela vítima. Em alternativa, pode utilizar os dados de acesso da vítima para cometer abusos, por exemplo publicando comentários difamatórios. Ao fazer-se passar pela vítima publicando maledicências sobre os amigos desta, o agressor pode levar a que eles a rejeitem. (Ver o recurso 2.4: “A Lucy publica as fotos das férias”).

Recurso 2.4: A Lucy publica as fotos das férias

Exemplo de usurpação de identidade e insulto

A Lucy é uma rapariga de 16 anos que passou férias com as amigas numa esplêndida estância balnear da Andaluzia. Quando regressou, decidiu colocar as fotos das férias na página da sua rede social para que os restantes amigos vissem como elas se tinham divertido. Colocou fotografias dos sítios que visitou, das festas noturnas e dos dias passados na praia. Semanas depois, começou a defrontar-se com várias situações estranhas. Homens que não conhecia cumprimentavam-na na rua e faziam comentários a seu respeito. Diziam-lhe que era mais bonita com menos roupa, e coisas do género. Alguns chegaram a fazer-lhe propostas de natureza sexual.

Alguns dias mais tarde, na escola, a Lucy começou a ouvir comentários parecidos. Ficou muito surpreendida. Não compreendia por que motivo isso lhe estava a acontecer e começou a ficar deveras preocupada. Uma das amigas perguntou-lhe por que razão tinha colocado as fotos numa página de contactos da Internet. A Lucy respondeu-lhe que nada sabia a esse respeito e pediu-lhe que lhe desse o endereço eletrónico onde tinha visto as fotos.

Quando foi ver a página, descobriu fotos suas em fato de banho, as mesmas que tinha colocado na sua página da rede social, mas a que se juntavam comentários sobre os seus gostos pessoais e a manifestação de disponibilidade para ter uma relação com qualquer pessoa interessada. A Lucy não podia acreditar no que estava a ler! Alguém tinha colocado as suas fotos naquela página. Uma coisa horrível, para a qual não encontrava explicação. Tinha desativado a opção de descarregar fotos na rede social a que pertencia, pelo que ninguém as poderia ter descarregado. Regressou à rede social e começou a deixar mensagens insultuosas e depreciativas nas páginas de todos os amigos. Estava furiosa com o que lhe estava a acontecer.

Depois de escrever as mensagens, viu que tinha recebido uma outra, particular, de um desconhecido chamado Blue Air, agradecendo-lhe as maravilhosas fotos da praia. Compreendeu então que não tinham sido os amigos a colocar as fotos no outro sítio, e arrependeu-se dos comentários que tinha escrito. Mas era tarde demais. As suas mensagens já tinham sido enviadas e agora não as podia alterar. Os amigos viraram-lhe as costas por causa dos insultos que lhes dirigiu e, apesar de ter tentado pedir desculpa, as suas palavras ainda lá estavam, nas páginas da rede social. Todas as vezes que as liam, os amigos voltavam a zangar-se com ela.

E como é que o Blue Air conseguiu as fotos? Facilmente: a Lucy tinha a sua página na rede social configurada de modo a que qualquer pessoa pudesse ver o conteúdo. O Blue Air viu o perfil dela e decidiu descarregar as fotos. Embora a Lucy tivesse bloqueado as fotos para que ninguém as

conseguisse descarregar, existem muitas maneiras fáceis de aceder e guardar imagens que estão acessíveis a todos, desde que se possua um bom conhecimento de informática.

Alguns dados sobre o cyberbullying

Qual o número de crianças envolvidas no cyberbullying?

Diversos estudos procuraram apurar o número de crianças e adolescentes envolvidos no cyberbullying, quer como vítimas, quer como agressores. Contudo, as conclusões diferem de estudo para estudo, dadas as variações quanto à natureza do fenómeno (suportes utilizados, etc.) e quanto à metodologia usada na investigação (diferenças nas definições, na dimensão das amostras, nos grupos etários estudados, nos instrumentos utilizados para aferir os comportamentos de bullying, no contexto cultural, etc.). Apesar dessas divergências, os investigadores têm vindo a trabalhar arduamente para chegar a um consenso nessas matérias (veja-se, por exemplo, o trabalho levado a cabo em “COST IS0801 Cyberbullying: coping with negative and enhancing positive uses of new technologies, in relationships in educational settings” – “para lidar com os usos negativos e intensificar os usos positivos das novas tecnologias, no caso de relacionamentos em ambiente escolar”). A prevalência da vitimização por cyberbullying regista uma incidência muito díspar na Europa, com percentagens a variar entre 1% e 50%. Na maioria dos estudos, porém, e com poucas exceções, a prevalência verificada foi de cerca de 10%^(19-21, 24, 26, 28-41). No entanto, alguns indícios mostram que esta tendência está em crescimento.

Um estudo recente realizado em 25 países europeus – “EU Kids Online”⁽⁴²⁾ – analisou as experiências relacionadas com problemas de bullying vividas por crianças ao longo do último ano. Foram entrevistadas 25.142 crianças utilizadoras da Internet e com idades entre os 9 e os 16 anos, juntamente com um dos seus pais. O estudo indicou que 13% das crianças entre os 9 e os 16 anos foram vítimas de bullying em situação presencial, enquanto 6% foram vitimizadas na Internet e 3% através de telemóveis. Resultados adicionais indicam ainda que:

- 10% das crianças entrevistadas admitiram que se tinham envolvido em ações de bullying contra outros em situação presencial, enquanto 3% tinham praticado bullying pela Internet e 2% através de telemóveis.

- Analisando as crianças que afirmaram ter recebido mensagens violentas ou ofensivas pela Internet, 29% dos pais afirmaram que a criança havia sido vítima de cyberbullying. Contudo, a maioria desses pais afirmou que a criança não tinha sido vitimizada online e 15% disseram não saber se os filhos tinham sido vítimas de cyberbullying ou não.
- Os pais com maior grau de consciencialização relativamente à vitimização dos filhos eram pais, ou de uma rapariga, ou de uma criança entre os 11 e os 14 anos de idade.
- Entre as crianças vítimas de cyberbullying, a maioria (77%) falou com alguém sobre o sucedido; 52% afirmaram ter contado o caso a um amigo e 42% contaram a um dos pais.
- As crianças que foram alvo de cyberbullying descreveram os mais variados sentimentos relativamente ao incidente. Contudo, 85% das vítimas ficaram perturbadas com o caso.

Informações adicionais

Os índices percentuais de vítimas de bullying (online e offline) nos países europeus, de acordo com o relatório da EU Kids Online, encontram-se disponíveis no Recurso 2.12 “A prevalência do bullying e do cyberbullying na Europa”.

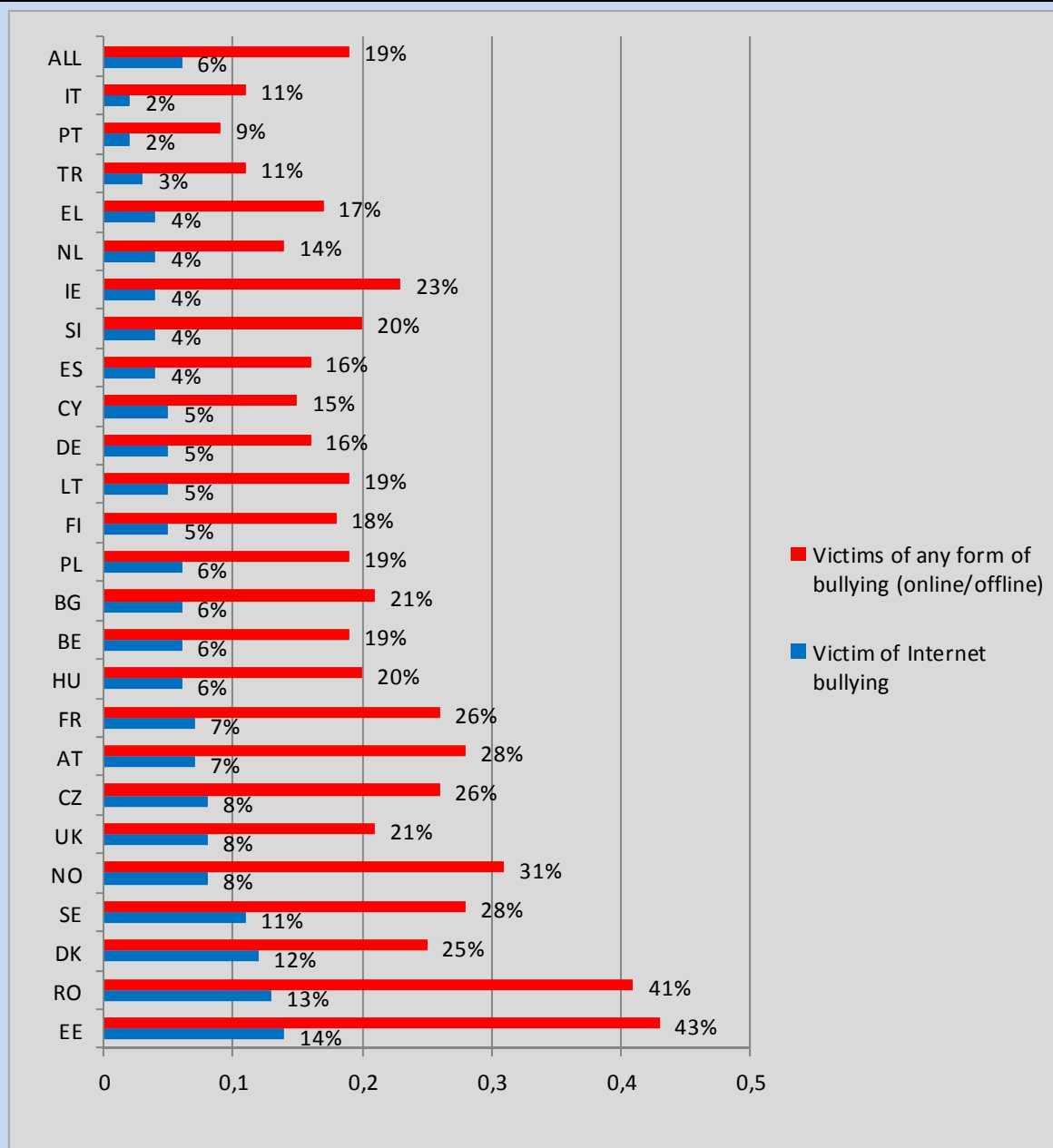
Recurso 2.13 – “O cyberbullying na Europa: Investigação” fornece uma panorâmica da situação nos países parceiros do Projecto “CyberTraining”⁷ – Alemanha, Irlanda, Espanha, Portugal e Reino Unido. (Estes recursos estão disponíveis apenas em inglês).

Recurso 2.14 – “Análise comparativa transnacional: A situação na Europa (Inglês)” poderá contribuir para a compreensão do problema do bullying na Europa.

Recurso 2.15 – “Cyberbullying: Uma comparação entre países” também é passível de consulta para se obter uma panorâmica da investigação sobre o cyberbullying em 16 países.

⁷ <http://www.cybertraining-project.org/>

Recurso 2.12 “A prevalência do bullying e do cyberbullying na Europa” (EU Kids Online report)



Fatores que podem contribuir para as experiências de cyberbullying

Alguns da investigação produzida pesquisou o impacto da mediação dos pais nas experiências de cibervitimização. Um estudo⁽⁴³⁾ revelou que o acompanhamento dos pais, em especial monitorizando os sítios a que a criança tem acesso, constitui uma proteção eficaz contra o cyberbullying. Também foi sugerida a existência de uma relação entre a cibervitimização e o facto de se ter um perfil ativo numa rede social, de se participar em salas de conversação ou no YouTube. Por outro lado, não se verificou que o fenómeno da vitimização estivesse associado à participação em jogos online. Ficou igualmente demonstrada a ligação entre uma maior utilização da Internet e dos telemóveis e as cibervítimas, que por sua vez se revelaram mais propensas a divulgar dados pessoais no ciberespaço. Outras pesquisas⁽⁴⁴⁾ indicaram que as crianças que tinham um relacionamento difícil com os pais, devido à existência de conflitos (no caso das raparigas) e a má comunicação (no caso dos rapazes), se envolviam com mais frequência em amizades íntimas online. Estes relacionamentos íntimos eram passíveis de deixar os adolescentes expostos a uma eventual exploração.

Embora um conjunto de estudos sugerisse que as raparigas tendem a ser cibervítimas com mais frequência do que os rapazes^(21, 24, 29, 33, 45)), outros apontaram para a inexistência de diferenças entre os sexos⁽⁴⁶⁻⁴⁷⁾ ou, pelo contrário, para uma maior envolvimento dos rapazes do que das raparigas⁽²⁶⁾. Existe ainda, por conseguinte, uma indefinição no que se refere à diferenciação por sexo.

No que diz respeito à idade das vítimas, neste momento a importância deste fator não resulta clara. Os níveis de prevalência parece manterem-se estáveis durante a adolescência, diminuindo a partir dos 16 anos^(19, 37). Contudo, o projeto EU Kids Online⁽⁴²⁾⁾, que é o estudo mais abrangente sobre o cyberbullying levado a cabo na Europa até à data, indica que as crianças mais velhas são mais passíveis de serem vítimas de bullying online. Há um investigador⁽¹⁷⁾ que sustenta que o cyberbullying pode ocorrer em qualquer idade mas que o risco será maior para as idades entre os 12 e os 14 anos. Existe a preocupação real de que o cyberbullying comece a manifestar-se ainda mais cedo, devido ao facto de as crianças começarem a utilizar os telemóveis e a Internet em idade cada vez mais jovem (conforme já salientado no Capítulo 1).

Os efeitos do cyberbullying

As opiniões dividem-se quanto ao facto de o cyberbullying provocar prejuízo igual ou até superior ao causado pelas formas mais convencionais de bullying. Uma investigação levada a cabo no Reino Unido⁽¹³⁾ revelou que os jovens consideram que os efeitos do cyberbullying dependem da modalidade que este possa assumir. Assim, e por exemplo, as crianças afirmaram que as fotos e vídeos humilhantes e os telefonemas ofensivos eram mais prejudiciais do que as formas convencionais de bullying. Também consideraram que, se fosse numa página web ou numa mensagem de SMS, o mal era semelhante ao causado pelas formas convencionais de bullying, mas já consideraram menos nocivo o cyberbullying praticado através das salas de conversação, do correio eletrónico e das mensagens instantâneas. Independentemente de qual o “pior” tipo de bullying, os especialistas concordam que o cyberbullying pode ter consequências devastadoras sobre as crianças, sejam elas agressoras ou vítimas.

A investigação existente detetou correlações entre as vítimas de cyberbullying e a baixa autoestima, sentimentos de frustração, raiva, tristeza, desesperança, solidão e depressão. Algumas vítimas expressaram incapacidade de se concentrarem na escola, outras afirmaram sentir-se forçadas a permanecer offline^(36, 47-49). É frequente as vítimas desconfiarem dos outros, pois não conhecem a identidade do agressor⁽²³⁾. Outros estudos correlacionam os pensamentos e comportamentos suicidas com a cibervitimização. Alguma investigação recente⁽⁵⁰⁾ apurou que a participação no cyberbullying, seja como agressor ou como vítima, estava ligada ao aumento da probabilidade da ideação suicidária. Contudo, a vitimização revelou uma maior tendência para se traduzir em pensamentos e tendências suicidas do que para levar, propriamente, ao suicídio. A ciber victimização também tem sido associada a um provável aumento da auto-mutilação^[51].

No curto espaço de tempo desde o surgimento do cyberbullying, já se verificaram vários casos de **suicídio** relacionados com a cibervitimização. Esses casos de “cibercídio” são aprofundados nos Recursos 2.18 - 2.19. Convém, contudo, recordar que se trata de ocorrências extremas e raras. O potencial da cibervitimização continuada vai mais no sentido de originar problemas no longo prazo, e os casos mais graves de cyberbullying estão especialmente correlacionados com uma saúde mental débil e com dificuldades sociais⁽¹⁷⁾.

Atividade 2.2 “O cyberbullying não é um jogo” visa promover alguma reflexão sobre as potenciais consequências do cyberbullying, realçando o facto de este não ser “uma mera partida de crianças”.

Atividade 2.2 – “O cyberbullying não é um jogo”

Objetivo

Muitas pessoas subestimam o potencial do cyberbullying para causar danos. A verdade, contudo, é que este pode ter consequências graves. Nesta atividade é pedida uma reflexão sobre as consequências do cyberbullying.

Recursos

Recurso 2.16– Vídeo “Mensagem publicitária polaca: Cyberbullying”

Recurso 2.17 – “Guia para debater uma história”

Recursos adicionais

Para além destes recursos, poderá também ser utilizado o Recurso 2.18 – “Cyberbullying: história de um suicídio – Ryan Halligan, 13 anos” ou o Recurso 2.19 – “Adolescente israelita suicida-se após conversa no Facebook”

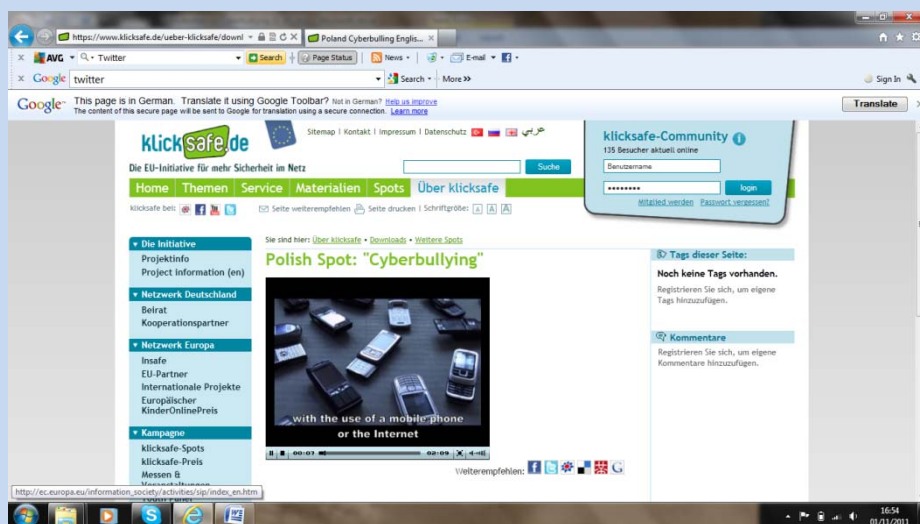
Procedimento

Visionar o vídeo “Mensagem publicitária polaca: Cyberbullying” e discuti-lo quanto aos efeitos causados sobre a vítima. Depois, refletir em grupo sobre os efeitos do cyberbullying na Dominika e em outras crianças que, como ela, foram vítimas de cyberbullying (para tal, utilizar o guia proposto no Recurso 2.18).

Nota: Os casos de suicídio motivados pelo cyberbullying são extremamente raros.

Recurso 2.16 – Vídeo “Mensagem publicitária polaca: Cyberbullying”

Facultado por: Klicksafe



URL: www.klicksafe.de/ueber-klicksafe/downloads/weitere-spots/poland-cyberbulling-englisch.html

Recurso 2.17 – “Guia para debater uma história”

O formador deverá conduzir o debate, lançando as seguintes questões:

- Este vídeo teve algum impacto na sua perceção do cyberbullying?
- Sabia que o cyberbullying podia ter consequências tão graves?
- Como teria reagido, caso a Dominika fosse sua filha?
- Pensa que a Dominika poderia ter feito alguma coisa para reagir ao abuso?
- Poderão ser discutidos outros aspetos suscitados no debate, desde que caibam nos objetivos da atividade.

Como lidar com o cyberbullying

Vários estudos investigaram o modo como os jovens tentam enfrentar a cibervitimização. Um investigador⁽¹⁷⁾ concluiu que, para prevenir futuros ataques, as vítimas utilizam muitas vezes estratégias baseadas na tecnologia, como sejam restringir as definições de privacidade, mudar os nomes de utilizador ou os endereços de correio eletrónico. Pouco se sabe, contudo, sobre a eficácia dessas estratégias. Por vezes são também assumidas atitudes passivas, como por exemplo não fazer caso do agressor. Também foi avançada a ideia de que cerca de 15% a 35% das vítimas fazem frente aos agressores, pedindo-lhes que ponham fim ao seu comportamento. Algumas vezes este pedido é acompanhado da ameaça de irem denunciar o caso a um adulto. Porém é raro as vítimas informarem os adultos, já que alguns jovens consideram que pedir ajuda aos pais é coisa "de miúdo". Foi ainda referido que os adolescentes não denunciam a adultos as agressões de que são alvo porque entendem que precisam de "aprender a resolver os próprios problemas", ou porque temem que os pais lhes restrinjam o acesso à Internet⁽²⁷⁾.

Na Alemanha, os investigadores⁽⁵²⁾ identificaram quatro estratégias utilizadas pelas cibervítimas para reagir ao problema:

1. Reação agressiva: Por exemplo, "Ameacei que lhe dava uma tarefa";
2. Reação impotente: Por exemplo, "Não sei o que fazer";
3. Reação cognitiva: As vítimas não pedem ajuda a pessoas mais fortes nem recorrem à agressão. Em vez disso, esforçam-se por resolver os problemas por si próprias, pela via diplomática, tentando chamar o agressor à razão ou entender os seus motivos;
4. Reação técnica: Por exemplo, "Desligo o computador", "Mudei o endereço de correio eletrónico e as alcunhas e agora só os dou a pessoas de confiança".

Nos EUA os investigadores⁽⁵³⁾ também identificaram diferentes estratégias de coping que poderiam ser usadas em resposta a vitimização on-line. Estudantes do ensino médio foram entrevistados sobre as diferentes maneiras com as quais uma ciber-vítima poderia lidar com o bullying. Três tipos de resposta emergiram das entrevistas: um coping reativo; um coping preventivo; e uma inviabilidade de evitar o cyberbullying. O coping reativo foi dividido em quatro sub-categorias: prevenção; aceitação; justificação; busca de suporte social. O coping preventivo incluiu dois sub-tipos: discussão direta do tema, e aumento da segurança e da consciência do problema

A prevenção referida consiste no evitamento do agressor ou da situação de cyberbullying, e tem como objectivo a proteção das pessoas relativamente aos efeitos negativos. Exemplos de prevenção do

confronto incluem o apagar de mensagens, bloquear o contato, ou ignorar o problema completamente. A estratégia de aceitação implica concordar que o cyberbullying faz parte da vida e concentrar-se numa atitude positiva. A justificação refere-se a métodos de coping em que a vítima se concentra sobre as razões pelas quais o cyberbullying não a deve perturbar. Estes sujeitos (jovens, alunos) muitas vezes consideram que o cyberbullying (contrariamente ao bullying face-a-face) não deve ser levado a sério porque, por exemplo, revela falta de coragem. A busca de apoio social consiste no pedir ajuda aos outros e inclui a receção de conselhos dos outros e o pedir a alguém, com autoridade, para acabar com o bullying. Os jovens podem procurar apoio social a uma grande variedade de pessoas, incluindo outros jovens, pais ou polícia.

Em termos de estratégias preventivas, os jovens discutem formas de reduzir situações de vitimação. A discussão direta do tema consiste numa estratégia de coping que coloca o jovem a falar com alguém pessoalmente, ao invés de falar no ciberespaço. Isto ajudá-lo-á a evitar interpretações erradas devidas à falta de perceção da entoação da voz, algo que muitas vezes pode ocorrer no ciberespaço. Por exemplo, os comentários sarcásticos são frequentemente mal interpretados devido à falta de entoação, o que pode desencadear uma resposta agressiva. Os jovens também podem impedir que um argumento se transforme em cyberbullying, discutindo a questão pessoalmente. Maior segurança e consciência do problema é uma estratégia de coping que evita o cyberbullying se os jovens tomarem precauções (por exemplo, proteger a sua password, limitar a quantidade de informações pessoais que partilham, etc.) e tomarem consciência geral acerca de modalidades de segurança (por exemplo, saber quais os sites que podem ou não ser seguros) .

Finalmente, alguns jovens sentem que não há maneira de prevenir o cyberbullying. Estes estudantes acreditam que é muito fácil para os agressores continuarem a praticar o bullying. São necessárias mais pesquisas para chegar a um consenso sobre os métodos mais eficazes de coping.

O cyberbullying e a lei

Em certas ocasiões, casos muito graves de cyberbullying levaram os perpetradores a enfrentar julgamento (por exemplo, os julgamentos de Phoebe Prince Bullies - http://en.wikipedia.org/wiki/Suicide_of_Phoebe_Prince~~HEAD=NNS). De fato, tem havido esforços para criar legislação que aborde diretamente o cyberbullying (por exemplo, ver:

http://www.ibls.com/internet_law_news_portal_view.aspx?id=2095&s=latestnews).

Embora atualmente não haja legislação em Portugal relativamente ao cyberbullying, há, no entanto, legislação em vigor que indiretamente trata comportamentos específicos de cyberbullying. Uma visão geral das leis é oferecida no recurso 2.20.

Uma visão global da lei em Portugal [Recurso 2.20](#).

Recurso 2.20 - 'O Cyberbullying e a Lei em Portugal.'

O cyberbullying não é ainda considerado um crime – mas a variedade de actividades constituintes do cyberbullying permite que sejam tomadas medidas legais:

- ✓ **Publicar imagens ou vídeos sem autorização:** põe em causa direitos de autor; direito à integridade da própria imagem.
- ✓ **Espalhar calúnias em fóruns, blogues ou redes sociais:** a vítima pode apresentar uma queixa criminal relatando a difamação /calúnia
- ✓ **Assédio persistente via e-mail, Messenger ou SMS:** a vítima pode aplicar queixa contra a perseguição, ameaças, etc...
- O school bullying, no **direito vigente**, é protegido através dos crimes contra pessoas (integridade física, liberdade pessoal e sexual, honra). Ex: crimes de homicídio, de ofensas à integridade física, de ameaça, de coacção, de difamação e injúria (Código Penal)
- Nos casos mais graves de coacção e de ofensas à integridade física, estes crimes assumem a natureza pública.

Visão geral das leis em Portugal:

- Lei do Cibercrime - Lei n.º 109/2009, de 15 de Setembro
- Convenção sobre o Cibercrime - Resolução da Assembleia da República n.º 88/2009, de 15 de Setembro + Decreto do Presidente da República n.º 91/2009, de 15 de Setembro (ratificação)
- Protocolo Adicional à Convenção sobre o Cibercrime - Relativo à Incriminação de Actos de Natureza Racista e Xenófoba Praticados através de Sistemas Informáticos - Resolução da Assembleia da República n.º 91/2009, de 15 de Setembro + Decreto do Presidente da República n.º 94/2009, de 15 de Setembro (ratificação)

Conclusão

Este capítulo realçou o facto de haver cinco grandes tipos de bullying convencional, a saber, o bullying físico, o verbal, o gestual, a exclusão e a extorsão. Cyberbullying é todo e qualquer comportamento perpetrado através de meios eletrónicos ou digitais, por indivíduos ou grupos de indivíduos que, de forma reiterada, difundam mensagens agressivas ou hostis, com o objetivo de causar dano ou incómodo a terceiros. O cyberbullying pode ser classificado de duas formas, consoante o meio através do qual ocorre o abuso – SMS, MMS, telefonemas, correio eletrónico, salas de conversação, mensagens instantâneas ou sítios da Web – ou a natureza do próprio abuso – o ataque cerrado, o assédio, o denegrimiento, a usurpação de identidade, a indiscrição, o aliciamento, a exclusão, a ciberperseguição, o insulto e a impostura. Estima-se que a prevalência da cibervitimização na Europa seja cerca de 10%. A cibervitimização também tem sido associada a certos efeitos negativos, tais como a baixa autoestima, a solidão, a depressão e a diminuição da capacidade de concentração na escola. A pesquisa disponível mostra ainda que as crianças e adolescentes utilizam toda uma variedade de estratégias de reação após terem sido alvo de cyberbullying. Contudo, é fundamental que os pais desempenhem um papel ativo, acompanhando as atividades online dos filhos e ajudando-os a prevenir os riscos e a fazer-lhes frente. O próximo capítulo pretende aconselhar os pais, fornecendo várias estratégias de abordagem ao cyberbullying.

Volte às questões colocadas no início deste capítulo. Como responderia agora a essas perguntas?

Recursos

Os seguintes recursos fornecem informações adicionais não incluídas no 'Resumo do conhecimento atual'. Nos recursos adicionais pode encontrar mais informações e exemplos relacionados com os temas do módulo. Use-os para pesquisar os temas relevantes encontrados neste módulo, de forma interativa, independente e com mais detalhes.

Visão global

- Recurso 2.4 – Narrativa “A Lucy publica as fotos das férias”
- Recurso 2.5 – Narrativa “Promessas quebradas”;
- Recurso 2.6 – Narrativa “Um email para uma rapariga”;
- Recurso 2.7 – Narrativa “Três raparigas à conversa”;
- Recurso 2.8 – Narrativa “Discussão numa sala de conversação”;
- Recurso 2.9 – Narrativa “Comentários críticos no Facebook”;
- Recurso 2.10 – Narrativa “Fotos nas mãos erradas – nada a fazer”;
- Recurso 2.11 – Narrativa “Exclusão social no mundo virtual”;
- Recurso 2.13 – “O cyberbullying na Europa: Investigação”;
- Recurso 2.14 – “Análise comparativa transnacional: A situação na Europa (Inglês)”;
- Recurso 2.15 – “Cyberbullying: Uma comparação entre países”;
- Recurso 2.18 – “Cyberbullying: história de um suicídio – Ryan Halligan, 13 anos”;
- Recurso 2.19 – “Jovem israelita suicida-se após conversa no Facebook”

Recurso 2.4: “A Lucy publica as fotos das férias”

Exemplo de usurpação de identidade e insulto

A Lucy é uma rapariga de 16 anos que passou férias com as amigas numa esplêndida estância balnear da Andaluzia. Quando regressou, decidiu colocar as fotos das férias na página da sua rede social para que os restantes amigos vissem como elas se tinham divertido. Colocou fotografias dos sítios que visitou, das festas noturnas e dos dias passados na praia. Semanas depois, começou a defrontar-se com várias situações estranhas. Homens que não conhecia cumprimentavam-na na rua e faziam comentários a seu respeito. Diziam-lhe que era mais bonita com menos roupa, e coisas do género. Alguns chegaram a fazer-lhe propostas de natureza sexual.

Alguns dias mais tarde, na escola, a Lucy começou a ouvir comentários parecidos. Ficou muito surpreendida. Não compreendia por que motivo isso lhe estava a acontecer e começou a ficar deveras preocupada. Uma das amigas perguntou-lhe por que razão tinha colocado as fotos numa página de contactos da Internet. A Lucy respondeu-lhe que nada sabia a esse respeito e pediu-lhe que lhe desse o endereço eletrónico onde tinha visto as fotos.

Quando foi ver a página, descobriu fotos suas em fato de banho, as mesmas que tinha colocado na sua página da rede social, mas a que se juntavam comentários sobre os seus gostos pessoais e a manifestação de disponibilidade para ter uma relação com qualquer pessoa interessada. A Lucy não podia acreditar no que estava a ler! Alguém tinha colocado as suas fotos naquela página. Uma coisa horrível, para a qual não encontrava explicação. Tinha desativado a opção de descarregar fotos na rede social a que pertencia, pelo que ninguém as poderia ter descarregado. Regressou à rede social e começou a deixar mensagens insultuosas e depreciativas nas páginas de todos os amigos. Estava furiosa com o que lhe estava a acontecer.

Depois de escrever as mensagens, viu que tinha recebido uma outra, particular, de um desconhecido chamado Blue Air, agradecendo-lhe as maravilhosas fotos da praia. Compreendeu então que não tinham sido os amigos a colocar as fotos no outro sítio, e arrependeu-se dos comentários que tinha escrito. Mas era tarde demais. As suas mensagens já tinham sido enviadas e agora não as podia alterar. Os amigos viraram-lhe as costas por causa dos insultos que lhes dirigiu e, apesar de ter tentado pedir desculpa, as suas palavras ainda lá estavam, nas páginas da rede social. Todas as vezes que as liam, os amigos voltavam a zangar-se com ela.

E como é que o Blue Air conseguiu as fotos? Facilmente: a Lucy tinha a sua página na rede social configurada de modo a que qualquer pessoa pudesse ver o conteúdo. O Blue Air viu o perfil dela e decidiu descarregar as fotos. Embora a Lucy tivesse bloqueado as fotos para que ninguém as

conseguisse descarregar, existem muitas maneiras fáceis de aceder e guardar imagens que estão acessíveis a todos, desde que se possua um bom conhecimento de informática.

Recurso 2.5: “Promessas quebradas”

Exemplo de aliciamento

A Sarah, de 15 anos, estava em casa sentada ao computador a conversar com o namorado, o Tom. Ele pediu-lhe que se despirse à frente da câmara *Web*, pois gostaria de ver. Garantiu que estava sozinho e que não ia gravar. Ela aceitou.

Mas afinal o Tom não estava sozinho; estava sentado ao computador juntamente com o seu amigo Byron. O Tom e o Byron assistiram à sessão da Sarah a mostrar-se para a câmara, e o Tom gravou tudo, quebrando assim também a promessa que tinha feito à namorada.

Posteriormente, o Tom publicou o vídeo na Internet.

O vídeo da Sarah a despir-se em frente à câmara espalhou-se entre os adolescentes da terra como fogo em palha seca. Disseram que era uma rapariga "fácil" e chamaram-lhe cabra. Muitos dos jovens argumentaram que a culpa era dela, porque já devia saber no que se metia.

A Sarah precisou da ajuda profissional de psiquiatras para lidar com a situação. Mudou de nome e a família decidiu mudar-se para outra região do país, para que ela pudesse refazer a vida. O pedido do namorado, a quebra das promessas e a publicação fatal, juntamente com o o veredicto dos seus pares, deixaram-na com uma cicatriz emocional para toda a vida.

Recurso 2.6 – Narrativa “Um email para uma rapariga”

Exemplo de uma utilização negativa do correio electrónico

“Olá Rita!

Aqui vão umas fotos tuas com o Nathan, que tirei na festa. Dá pra ver que ele mexe contigo, ahn?! Aposto que a namorada dele tinha interesse em ver este material... Estou a pensar publicá-lo no Facebook. Algum comentário ou sugestão? Sabes, estou pronto pra tudo ;-)

Beijinhos,

Timmythecool”

Recurso 2.7: “Três raparigas à conversa”

Exemplo de uma utilização negativa das mensagens instantâneas

Segmento narrativo retirado do MSN. Três raparigas (14 anos) à conversa. Alconhas: Sugarlizz14, Ritababe e AlwaysonAmy

Sugarlizz14: Olá Ritababe, pensas mudar a tua alcunha de Ritababe para Ritacabra?

Ritababe: Q queres dizer?

AlwaysonAmy: Olá Rita! Ouvi dizer q te andas a fazer ao gajo da Mary, o Nathan?;-P

Ritababe: Não ando nada! Não sei do q 'tás a falar!!!!

Sugarlizz14: Ouvi dizer q alguém tirou fotos na festa??

AlwaysonAmy: Ouvi dizer que estavam bem pegadinhos, Rita oh yeah!!!!!!

Ritababe: Onde é q tiraste essa treta?

Sugarlizz14: Aposto q a esta hora já todos sabem menos a Mary,

Recurso 2.8 – Narrativa “Discussão numa sala de conversação”

Exemplo de uma utilização negativa da conversação

Nightrider15: Olá Timmythecool! És mesmo bacano, vi as tuas fotos da festa, bué de sexy ahahah! :-D

BlondwithIQ15: És um parvo Nightrider, só os parvos é que publicam coisas assim e só aplaude quem não tem nada dentro da cabeça!!!!

Timmythecool: Quem és tu, minha c**** de m****?? É alguma mentira? Estás armada em quê?!!

BlondwithIQ15: O q eu quero dizer é q é má onda publicar fotos privadas que até nem dizem a verdade, aposto que as alteraste antes de as publicares.

Timmythecool: F***** loura burra, manda-me a tua foto pra eu te manipular tb!

Nightrider15: Ahah, ó Loura, agora já não te armas em esperta? Olá Timmy, sabes quem ela é? É a Amy da turma B. Já te mando-te um email com uma foto dela, ahahah.

BlondwithIQ15: Não faças isso, seu c*****!

Timmythecool: Boa, Nightrider, obrigado!!!! Vou fazer de ti uma p*** Amy, agora já sei quem és!!!!!!

Recurso 2.9 – Narrativa “Comentários críticos no Facebook”

Exemplo de uma utilização negativa de sítios de redes sociais

Mary, uma jovem de treze anos, tirou algumas fotos suas de biquíni na praia, durante as férias de verão. Gostou das fotos e publicou-as no seu perfil no Facebook.

Os amigos dela no Facebook começaram a comentar as fotos e alguns foram bastante inconvenientes. O número de comentários aumentou e, com eles, aumentaram também as reações desagradáveis ao seu corpo e aparência.

Os comentários sobre as fotos perturbaram bastante a Mary, a ponto de não voltar à escola quando as férias terminaram. Passados alguns dias a escola mandou ir à sua procura, tornando-se então claro que a razão de ela não aparecer era o facto de não suportar a ideia de ter de encarar as pessoas que lhe tinham escrito comentários no Facebook.

Recurso 2.10 – Narrativa “Fotos nas mãos erradas – nada a fazer”

Exemplo de uma utilização negativa de uma câmara digital e de um sítio de partilha de imagens

A Lisa (14) e a Tracey (16) eram amigas. De repente, algo se passou que acabou com a amizade. Por causa disso, a Tracey decidiu vingar-se da amiga.

Há um tempo atrás, foram tiradas fotografias pornográficas da Lisa numa festa. A Tracey decidiu publicá-las e para isso criou um sítio onde partilhou as fotos, incluindo fotos do rosto de Lisa. Colocar o site na Internet foi coisa rápida e fácil de fazer, mas as consequências iriam revelar-se graves – para a Lisa e para ela própria.

A polícia teve conhecimento de uma página pessoal na Internet em que alguém tinha publicado fotografias de uma menor nua – imagens de abuso sexual de crianças, o que é um assunto muito grave. A polícia localizou o computador em que tinha sido criado o sítio e publicadas as fotos.

O sítio estava a funcionar *online* há 24 horas e já tinha quase 700 visitas quando foi encerrado. Quando a polícia chegou a casa da Tracey, encontrou todas as provas de que precisava para a acusar de publicação de pornografia infantil. O caso terminou em tribunal.

A rapariga de 14 anos, Lisa, teve conhecimento das fotos através de rumores entre os jovens da terra. A exposição foi um pesado fardo para ela e para os pais.

Dizem os jornais que a Tracey se arrependeu seriamente dos seus actos. Criar a página na Internet foi fácil, mas apagar as imagens e os danos que elas causaram é impossível. A partir do momento em que as fotos da Lisa entraram na World Wide Web, o mal estava feito. E foi irreversível.

Recurso 2.11 – Narrativa “Exclusão social no mundo virtual”

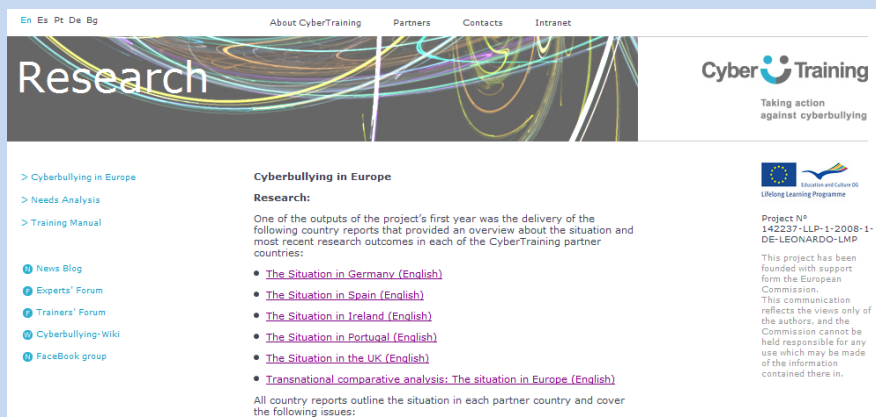
Exemplo de uma utilização negativa de um mundo virtual

Uma residente está a ser socialmente excluída pelos outros avatares *online*. Comentário num fórum:

“Olá a todos! Mensagem importante: Deixem a RitAvatar à margem de tudo, ela é uma cabra que não merece melhor. É o avatar da Rita. Não falem com ela, não interajam com ela e retirem-na de todas as vossas listas de amigos! Passem a palavra!”

Recurso 2.14 – “Análise comparativa transnacional: A situação na Europa (Inglês)”

“O cyberbullying na Europa: Investigação” fornece uma panorâmica da situação nos países parceiros do Projeto “CyberTraining” (<http://www.cybertraining-project.org/>) – Alemanha, Irlanda, Espanha, Portugal e Reino Unido. (Estes recursos estão disponíveis apenas em inglês).



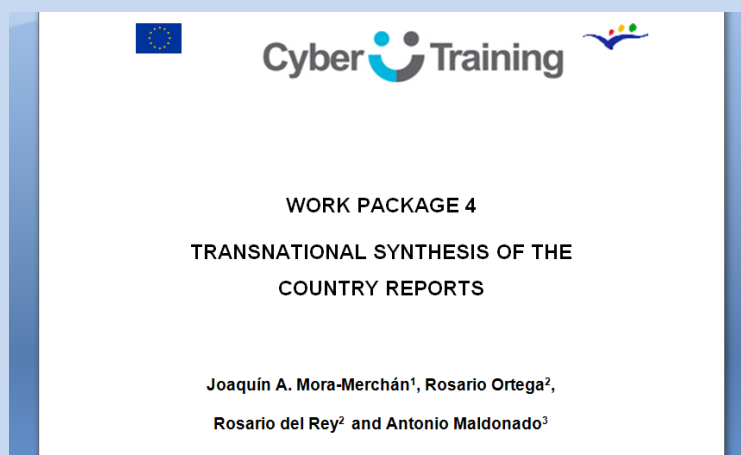
Criado por : The CyberTraining project <http://www.cybertraining-project.org/>

URL: <http://www.cybertraining-project.org/page.php?lang=En&page=8>

Recurso 2.14 – “Análise comparativa transnacional: A situação na Europa (Inglês)”

“Análise comparativa transnacional: A situação na Europa (Inglês)” poderá contribuir para a compreensão do problema do bullying na Europa.

Criado por : The CyberTraining project <http://www.cybertraining-project.org/>



URL: <http://cybertraining-project.org/reports/Transnational%20comparative%20analysis%20The%20situation%20in%20Europe.doc>

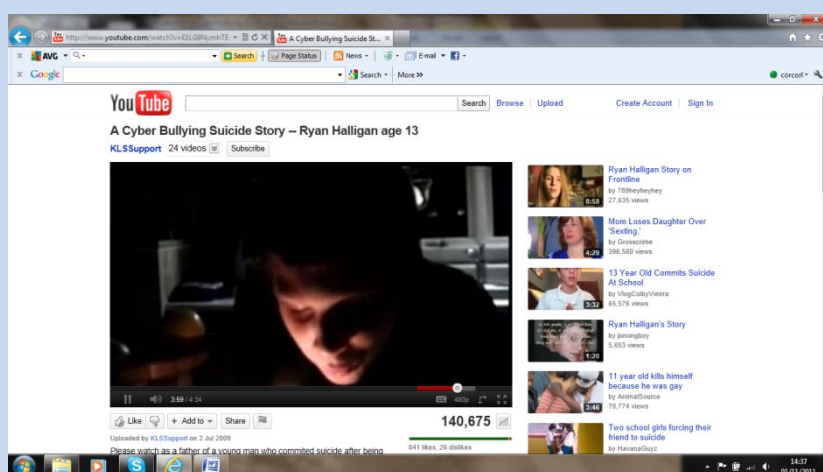
Recurso 2.15 – “Cyberbullying: Uma comparação entre países”

“Cyberbullying: Uma comparação entre países”

(<http://www.alphagalileo.org/ViewItem.aspx?ItemId=98996&CultureCode=en>) também é passível de consulta para se obter uma panorâmica da investigação sobre o cyberbullying em 16 países.

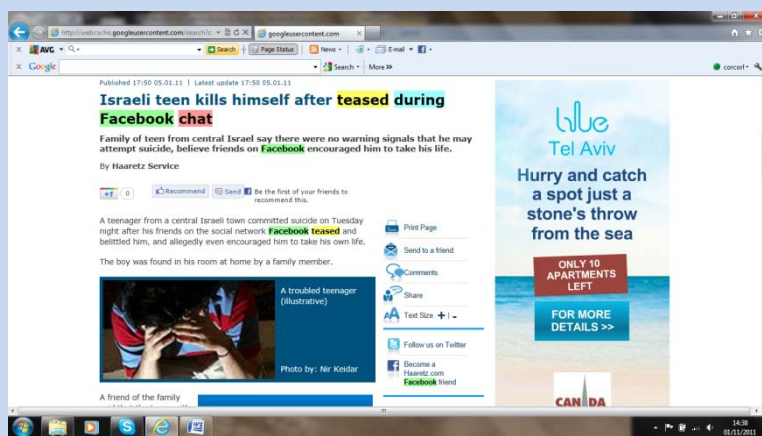
URL: <http://www.alphagalileo.org/ViewItem.aspx?ItemId=98996&CultureCode=en>

Recurso 2.18 – “Cyberbullying: história de um suicídio – Ryan Halligan, 13 anos”



<http://www.youtube.com/watch?v=E1LG9NymhTE>

Recurso 2.20 – “Jovem israelita suicida-se após conversaço no Facebook”



http://webcache.googleusercontent.com/search?client=gmail&rls=gm&hl=iw&q=cache:f37d9v_WqB0J:http://www.haaretz.com/news/national/israeli-teen-kills-himself-after-teased-during-facebook-chat-1.335400+teased+during+Facebook+chat&ct=clnk

Referências

1. Olweus, D., *Bullying at school: What we know and what we can do*. 1993, Oxford: Blackwell.
2. Olweus, D., *Bullying en la escuela: datos e intervención*. En J. Sanmartín. *Violencia y Escuela: IX Reunión Internacional sobre biología y sociología de la violencia*. . 2005, Valencia: Centro Reina Sofía para el Estudio de la Violencia.
3. Olweus, D., Sweden, in *The nature of school bullying: A cross-national perspective*, P.K. Smith, et al., Editors. 1999, Routledge: London.
4. Ortega, R. and J.A. Mora-Merchán, *Violencia Escolar: Mito o Realidad*. 2000, Sevilla: Mergablum.
5. O' Moore, M., *Understanding school bullying: A guide for parents and teachers*. 2010, Dublin: Veritas.
6. Del Rey, R. and R. Ortega, *Violencia Escolar: claves para comprenderla y afrontarla*. Escuela Abierta, 2007. 10: p. 77-89.
7. Salmivalli, C., et al., *Bullying as a group process: Participant roles and their relations to social status within the group*. *Aggressive Behavior*, 1996. 22: p. 1-15.
8. Salmivalli, C. and M. Voeten, *Connections between attitudes, group norms, and behaviour in bullying situations*. *International Journal of Behavioural Development*, 2004. 28(3): p. 246–258.
9. O'Moore, M. and C. Kirkham, *Self-esteem and its relationship to bullying behaviour*. *Aggressive Behavior*, 2001. 27: p. 269–283.
10. Kaltiala-Heino, R., et al., *Bullying, depression, and suicidal ideation in Finnish adolescents: school survey*. *BMJ*, 1999. 319: p. 348-351.
11. Fekkes, M., et al., *Do bullied children get ill, or do ill children get bullied? A prospective cohort study on the relationship between bullying and health-related symptoms*. *Pediatrics*, 2006. 117: p. 1568-1574.
12. Ortega, R., et al., *The emotional impact on victims of traditional bullying and cyberbullying. A study of Spanish adolescents*. *Zeitschrift für Psychologie/Journal of Psychology*, 2009. 217(4): p. 197-204.

13. Smith, P.K., et al., An investigation into cyberbullying, its forms, awareness and impact, and the relationship between age and gender in cyberbullying. A Report to the Anti-Bullying Alliance. <http://www.education.gov.uk/research/data/uploadfiles/RBX03-06.pdf>, 2006.
14. Willard, N., Cyberbullying and Cyberthreats. Effectively managing internet use risks in schools Retrieved August, 20 2007 from <http://new.csriu.org/cyberbully/docs/cbctpresentation.pdf>, 2006.
15. Willard, N., I can't see you – you can't see me. How the use of information and communication technologies can impact responsible behavior. Center for Safe and Responsible Internet Use. <http://new.csriu.org/cyberbully/docs/disinhibition.pdf> 2004.
16. Belsey, Cyberbullying: An emerging threat to the “always on” generation. <http://www.cyberbullying.ca> 2006.
17. Tokunaga, R.S., Following you home from school: A critical review and synthesis of research on cyberbullying victimization. *Computers in Human Behaviour*, 2010. 26: p. 277-287.
18. Li, Q., Cyberbullying in high schools: A study of students' behaviour and beliefs about this new phenomenon. *Journal of Aggression, Maltreatment and Trauma*, 2010. 19(4): p. 372-392.
19. Slonje, R. and P.K. Smith, Cyberbullying: Another main type of bullying? *Scandinavian Journal of Psychology*, 2008. 49: p. 147-154.
20. Vandebosch, H. and K. Van Cleemput, Cyberbullying among youngsters: Profiles of bullies and victims. *New Media and Society*, 2009. 11(8): p. 1349-1371.
21. O'Moore, M. and S.J. Minton, Cyber-Bullying: The Irish Experience, in *Handbook of Aggressive Behaviour Research*, C.Q.S. Tawse, Editor. 2009, Nova Science Publishers, Inc.: New York. p. 269-292.
22. Mc Guckin, C., P.K. Cummins, and C.A. Lewis, f2f and cyberbullying among children in Northern Ireland: Data from the Kids Life and Times Surveys. *Psychology, Society, & Education*, 2010. 2(2): p. 83-96.
23. Raskauskas, J. and A.D. Stoltz, Involvement in Traditional and Electronic Bullying Among Adolescents. *Developmental Psychology*, 2007. 43(3): p. 564-575.
24. Ortega, R., J. Calmaestra, and J.A. Mora-Merchán, Cyberbullying. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 2008. 8(2): p. 183-192.
25. Li, Q., Cyberbullying in schools: A research of gender differences. *School Psychology International*, 2006. 27: p. 157-170.

26. Kapatzia, A. and E. Sygkollitou, Cyberbullying in middle and high schools: prevalence, gender and age differences. 2008, University of Thessaloniki, Greece.
27. Juvonen, J. and E.F. Gross, Extending the school grounds? - Bullying experiences in cyberspace. *Journal of School Health*, 2008. 78(9): p. 496-505.
28. MSN.uk, MSN cyberbullying report: Blogging, instant messaging and email bullying amongst today's teens. <http://help.uk.msn.com/safetyandsecurity/usefulresources/article.aspx?cp-documentid=4171778>, 2006.
29. Smith, P.K., et al., Cyberbullying: its nature and impact in secondary school pupils. *The Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 2008. 49(4): p. 376-385.
30. Balding, J., Young People in 2004: the health-related behaviour questionnaire results for 44,430 young people between the ages of 10 and 15. Schools Health Education Unit, Exeter, England., 2005.
31. Alpha Research. Safer Internet for children: Qualitative Study in 29 European Countries, National Analysis: Bulgaria. http://ec.europa.eu/information_society/activities/sip/docs/eurobarometer/qualitative_study_2007/bulgaria.pdf. , 2007.
32. Avilés, J.M., Ciberbullying: Diferencias entre el alumnado de secundaria. *Boletín de Psicología*, 2009. 96: p. 79-96.
33. Blaya, C., Cyberbullying and happy slapping in France: a case study in Bordeaux. In press.
34. Bornerådet, Mobning og konflikt 2006: En undersøgelse i 9. klasse. (Bullying and conflict: A survey in grade 9.). [http://www.boerneraadet.dk/files/Brd.dk%20Filbibliotek/PDF%20FILER/PANELRAPPORTER%20OG%20PIXIE%20\(DONE\)/Mobning%20og%20konflikt/Mobning%20og%20konflikt%20low.pdf](http://www.boerneraadet.dk/files/Brd.dk%20Filbibliotek/PDF%20FILER/PANELRAPPORTER%20OG%20PIXIE%20(DONE)/Mobning%20og%20konflikt/Mobning%20og%20konflikt%20low.pdf) 2006.
35. Bornerådet, Mobbning 2008. [http://www.boerneraadet.dk/files/Brd.dk%20Filbibliotek/PDF%20FILER/PANELRAPPORTER%20OG%20PIXIE%20\(DONE\)/Mobning%202008/Mobning%202008.pdf](http://www.boerneraadet.dk/files/Brd.dk%20Filbibliotek/PDF%20FILER/PANELRAPPORTER%20OG%20PIXIE%20(DONE)/Mobning%202008/Mobning%202008.pdf), 2008.
36. Corcoran, L., I. Connolly, and M. O'Moore, Cyberbullying: a new dimension to an old problem, in Psychological Society of Ireland Annual Conference. 2008: The Mount Wolseley Hotel, Tullow, County Carlow, Ireland.

37. Calmaestra, J., R. Ortega, and J.A. Mora-Merchán, Las TIC y la convivencia. Un estudio sobre formas de acoso en el ciberespacio. *Investigación en la Escuela*, 2008. 64: p. 93-103.
38. NCH, Putting you in the picture: mobile phone bullying survey 2005.
http://www.filemaker.co.uk/educationcentre/downloads/articles/Mobile_bullying_report.pdf, 2005.
39. Ombudsman - UNICEF. Violencia escolar: el maltrato entre iguales en la educación secundaria obligatoria. 1999-2006. 2007, Madrid: Publicaciones de la Oficina del Defensor del Pueblo.
40. Thyholdt, R. and G. Englund, PrevU Rapport 2009:03. Om mobbning (About bullying).
<http://www.goteborg.se/prevu> 2009.
41. Van den Eijnden, R.J.J.M., et al., Monitor Internet en jongeren: Pesten op Internet en het psychosociale welbevinden van jongeren. 2006, Rotterdam: IVO Factsheet.
42. Livingstone, S., et al., Risks and safety on the internet: The perspective of European children. Full Findings. 2011, LSE, London: EU Kids Online.
43. Mesch, G.S., Parental mediation, online activities, and cyberbullying. *CyberPsychology and Behaviour*, 2009. 12(4): p. 387-393.
44. Wolak, J., K.J. Mitchell, and D. Finkelhor, Escaping or connecting? Characteristics of youth who form close online relationships. 2003.
45. Noret, N. and I. Rivers, The prevalence of bullying by text message or email: results of a four year study, in *British Psychological Society Annual Conference*. 2006: Cardiff.
46. Ybarra, M.L. and K.J. Mitchell, Online aggressor/targets, aggressors, and targets: a comparison of associated youth characteristics. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 45, 1308–1316. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 2004. 45: p. 1308-1316.
47. Patchin, J. and S. Hinduja, Bullies move beyond the schoolyard: A preliminary look at cyberbullying. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 2006. 4: p. 148-169.
48. Beran, T. and Q. Li, Cyber-harassment: A Study of a New Method for an Old Behavior. *Journal of Educational Computing Research*, 2005. 32(3): p. 265-277.
49. Trablus, T., T. Heiman, and D. Olenik-Shemesh, Cyber bullying and face to face bullying among adolescents in Israel, in *Coping with negative and enhancing positive uses of new technologies*. 2011: University of Turku, Finland.
50. Hinduja, S. and J. Patchin, Bullying, cyberbullying, and suicide. *Archives of Suicide Research*, 2010. 14: p. 206-221.

51. Hay, C. and R. Meldrum, Bullying victimization and adolescent self harm: Testing hypotheses from general strain theory. *Journal of Youth and Adolescence*, 2010. 39: p. 446-459.
52. Riebel, J., R.S. Jager, and U.C. Fischer, Cyberbullying in Germany - an exploration of prevalence, overlapping with real life bullying and coping strategies. *Psychology Science Quarterly*, 2009. 51(3): p. 298-314.
53. Parris, L., et al., High school students' perceptions of coping with cyberbullying. *Youth & Society*, 2011: p. 1-23.

Sites úteis

- Anti-Bullying Centre. <http://www.abc.tcd.ie>
- LAECОВI: Laboratorio de estudios sobre convivencia y prevención de la violencia (Laboratory of studies on convivencia and violence prevention), <http://www.laecovi.es>
- Anti-Bullying Alliance. <http://www.anti-bullyingalliance.org.uk/>
- In Brief (Free legal information about cyberbullying), <http://www.inbrief.co.uk/cyberbullying.htm>
- WiredKids, <http://www.stopcyberbullying.org>
- Webpage of Bill Belsey, "www.cyberbullying.ca - Always On, Always Aware!", <http://www.cyberbullying.ca/>
- Center for Safe and Responsible Internet Use, <http://csriu.org/cyberbully>
- Bullying UK, <http://www.bullying.co.uk/index.php/make-a-poster.html>
- CyberSmart, <http://cybersmart.org/>
- <http://www.internetsafety.ie/website/ois/oisweb.nsf/page/DPCY-7K2LKD1649222-en>
- EU Kids Online:
 - [www2.lse.ac.uk/.../EUKidsOnline/EUKidsII%20\(2009.../EUKidsOnlineIIReports/D4FullFindings.pdf](http://www2.lse.ac.uk/.../EUKidsOnline/EUKidsII%20(2009.../EUKidsOnlineIIReports/D4FullFindings.pdf)
 - 1. Risky communication online: New short report published for Safer Internet Day, 8 February 2011.
 - [http://www2.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/EUKidsII%20\(2009-11\)/EUKidsOnlineIIReports/CommsOnlineShortreport.pdf](http://www2.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/EUKidsII%20(2009-11)/EUKidsOnlineIIReports/CommsOnlineShortreport.pdf)
 - 2. <http://www2.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/Home.aspx>
 - 3. European report: Risks and safety on the internet: the perspective of European

[children.www2.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/EUKidsII%20\(2009-11\)/EUKidsOnlineIIReports/D4FullFindings.pdf](http://children.www2.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/EUKidsII%20(2009-11)/EUKidsOnlineIIReports/D4FullFindings.pdf)

- Get With IT!: [http://www.internetsafety.ie/website/ois/oisweb.nsf/page/DPCY-7LYJ4V1343473-en/\\$File/Final%20-%20Low%20Res.pdf](http://www.internetsafety.ie/website/ois/oisweb.nsf/page/DPCY-7LYJ4V1343473-en/$File/Final%20-%20Low%20Res.pdf)



CT4P 510162-LLP-1-2010-1-DE-GRUNDTVIG-GMP

This project has been founded with support from the European Commission. This communication reflects the views only of the authors, and the Commission cannot be held responsible for any use which may be made of the information contained therein.





Módulo 3

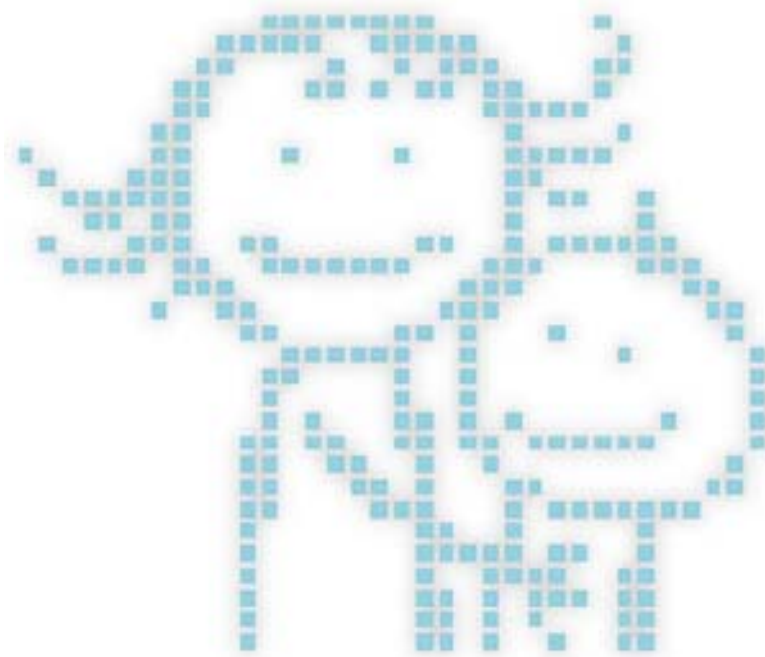
Os pais perante o cyberbullying: como detetar, intervir e prevenir

⁽¹⁾ Mona O'Moore, Conor Mc Guckin, Lucie Corcoran, Niall Crowley

⁽²⁾ Øystein Samnøen & Rune Rasmussen

⁽¹⁾ Trinity College Dublin (Ireland)

⁽²⁾ Kids and Media (Norwegen)



Resumo

A: Oportunidade dos pais para prevenir e lidar com o cyberbullying

- Os pais desempenham um papel vital no esforço de prevenir e combater o cyberbullying.
- A investigação disponível mostra que é maior a probabilidade de os jovens vítimas de bullying relatarem as agressões de que foram vítimas aos pais do que a qualquer membro da estrutura escolar. Em relação ao cyberbullying verificou-se um padrão semelhante.
- Dado que a parentalidade é idêntica no ciberespaço e no mundo real, os fundamentos dos programas de prevenção e de intervenção deverão também ser semelhantes nos casos do bullying convencional e do cyberbullying. Contudo, há estratégias que são específicas do cyberbullying.

B: Detecção

Sinais eventualmente indiciadores de que uma criança está a ser vitimizada:

- Amizades desfeitas
- Maior frequência dos problemas de saúde
- Alterações de comportamento
- Trabalho escolar pobre ou deteriorado
- A criança parece emocionada, zangada ou preocupada antes ou depois de estar online.

Sinais eventualmente indicadores de que uma criança anda a vitimizar outras:

- Esconder dos pais a utilização dos *media*
- Expressões negativas/hostis durante ou após utilizar os *media* sociais
- Entrar facilmente em conflito ou brigas com os colegas e culpar rapidamente os outros
- Ser amigo de colegas que vitimizam outros

C: Intervenção

Se uma criança estiver a ser vítima de cyberbullying, os pais podem:

- Bloquear a comunicação com o ciberagressor
- Ensinar sobre segurança na Internet
- Não responder
- Guardar a mensagem ou fazer uma captura de ecrã
- Avaliar a origem do problema
- Deixar claro que o problema está no agressor e não na vítima
- Proporcionar um ambiente de segurança
- Cultivar a autoestima
- Reportar o problema

Como os pais poderão proceder se o filho estiver envolvido na vitimização de terceiros:

- Sensibilizar, com rigor, para aquilo que é o cyberbullying
- Descobrir o que está a provocar o comportamento agressivo
- Discutir as regras de uma utilização responsável do computador e da Internet (ou seja, um contrato social)
- Acompanhar e supervisionar de forma adequada a utilização da Internet
- Ensinar competências empáticas em casa
- Cultivar a autoestima em casa
- Facilitar a “catarse” em crianças especialmente ativas

D: Prevenção

Os pais podem evitar que os filhos cometam ou sejam vítimas do cyberbullying:

- Desenvolvendo neles uma autoconfiança sólida
- Aumentando-lhes a capacidade de resiliência
- Cultivando o sentimento de empatia
- Ensinando a dar valor aos outros
- Criticando de maneira positiva
- Falando aos filhos sobre a utilização segura e conscienciosa dos media digitais
- Falando-lhes das leis respeitantes ao comportamento a ter nos media sociais
- Incentivando os filhos a partilhar as suas preocupações

Introdução

Neste módulo apresentaremos informações e um conjunto de atividades que poderão ser úteis, antes de tudo, aos pais, mas também aos formadores que com eles diretamente trabalham.

Entendemos que, para trabalhar eficazmente com pais que estão preocupados com o cyberbullying, é necessária preparação, a fim de:

- Compreender e sentir empatia relativamente à posição privilegiada dos pais no processo de prevenção e combate ao cyberbullying (ou, como poderiam eventualmente perguntar um pai ou uma mãe: “Enquanto pai/mãe, o que é que eu penso?”);
- Ir ao encontro do interesse dos pais em compreender e reconhecer os padrões de comportamento geradores de vitimização em jovens (“Enquanto pai/mãe, como vou eu saber?”);
- Ir ao encontro do interesse dos pais em ajudar e apoiar a criança/adolescente que se queixa de ter sido vítima (“Enquanto pai/mãe, o que devo fazer?”);
- Ir ao encontro do interesse dos pais em ajudar e apoiar a criança/adolescente que tenha estado envolvida na vitimização de outras, quer como agressora, quer como observadora (“Como hei-de reagir?”);
- Facultar aos pais dados passíveis de prevenir, em casa, que os filhos participem em ações de bullying e de criar defesas contra eventuais tentativas de vitimização por outros.

Panorâmica

O módulo inicia-se com uma breve introdução sobre a posição privilegiada dos pais para prevenir e lidar com o bullying. Apresenta também a posição e as diferentes preocupações dos pais em relação a esse desafio que é o cyberbullying (Secção A ‘Compreender a posição e as preocupações dos pais’).

Seguem-se atividades destinadas a observar como, em casa, a vitimização se pode manifestar nos comportamentos (aspeto abordado nas atividades da Secção B ‘Como hei-de saber que o meu filho está envolvido em cyberbullying?’). Esta componente reveste-se de grande importância devido ao véu de secretismo que costuma envolver todos os problemas dos jovens relacionados com o bullying.

A Secção C ‘Intervenção: Como intervir?’ versa a seguinte questão: “O que podem ou devem os pais fazer ao descobrir que o filho foi vitimizado?” A referida secção trata também a questão – muito

menos vezes formulada, mas nem por isso menos merecedora de atenção – de saber o que podem ou devem os pais fazer ao descobrir que o filho esteve envolvido em bullying, como vítima, como agressor ou como ambos, por meio de dispositivos eletrónicos.

É essencial que se compreendam as preocupações dos pais quanto ao cyberbullying, sendo de sublinhar as iniciativas que estes poderão ter no sentido de prevenir o cyberbullying e o potencial impacto de ser vítima ou de vitimizar outros (aspeto abordado nas atividades da Secção D ‘Prevenção: como prevenir a vitimização e o sofrimento?’).

Objetivos e resultados esperados de aprendizagem

- Compreender e valorizar o papel fundamental dos pais na promoção da utilização segura do ciberespaço por parte dos filhos;
- Propor atividades e temas de reflexão com vista a ajudar os pais a contribuir para a promoção de uma cultura que não admita o cyberbullying;
- Motivar e apoiar os pais, sensibilizando-os para o papel fulcral que eles próprios e os jovens desempenham no combate e prevenção do cyberbullying;
- Habilitar os pais a trabalhar com os filhos em casa no sentido de promover a utilização dos dispositivos eletrónicos de uma maneira responsável e respeitadora;
- Dotar os pais de conhecimentos para que fiquem a saber:
 - o Como detetar o cyberbullying;
 - o O que fazer no caso de o seu filho estar a ser vítima de cyberbullying;
 - o O que fazer no caso de o seu filho estar a cometer cyberbullying;
 - o Como prevenir o cyberbullying.

Síntese do pensamento e do conhecimento atuais

Tendo-se o cyberbullying tornado uma forma proeminente de bullying, é necessário prestar cada vez maior atenção aos programas de prevenção e intervenção que lidam com esta forma de bullying.

Contudo, como a parentalidade é idêntica no ciberespaço e no mundo real, os fundamentos dos programas de prevenção e de intervenção deverão ser também semelhantes nos casos do bullying convencional e do cyberbullying.

A investigação hoje disponível mostra que é maior a probabilidade de os jovens vítimas de bullying relatarem as agressões de que foram vítimas aos pais do que a qualquer membro da estrutura escolar⁽¹⁾. Em relação ao cyberbullying verificou-se um padrão semelhante⁽²⁾. Os pais encontram-se, assim, em posição privilegiada para ajudar os filhos, sejam estes crianças ou adolescentes, a combater o comportamento abusivo e prejudicial associado ao cyberbullying.

Os pais precisam também de saber qual o melhor modo de lidar com as denúncias de bullying. Contudo, para o conseguirem fazer de forma adequada precisam de possuir conhecimentos e competências específicas.

A – Para compreender a posição dos pais e as suas preocupações

Uma panóplia de possibilidades

Dado o nível a que o cyberbullying se generalizou e os seus efeitos nocivos para a saúde mental e física dos envolvidos, bem como para o respetivo aproveitamento escolar, restam poucas dúvidas de que os pais dispõem aqui de uma enorme oportunidade para desempenhar um papel crucial no que se refere à prevenção e combate ao fenómeno. É, por isso, importante tentar compreender o problema do cyberbullying do ponto de vista dos pais.

As possíveis preocupações dos pais

São cinco as situações ou preocupações com que os pais se podem deparar em relação ao cyberbullying:

- a. um pai cujo filho foi alvo de cyberbullying;
- b. um pai cujo filho foi inquestionavelmente identificado como estando envolvido em atos de cyberbullying contra terceiros;
- c. um pai cujo filho foi acusado de vitimizar outros, embora não tenha a certeza de que a acusação tem fundamento;
- d. um pai cujo filho assistiu a um episódio de bullying;
- e. um pai cujo filho não esteve envolvido em cyberbullying mas que continua preocupado com o problema devido à utilização que o filho faz dos media sociais.

O presente módulo propõe-se sensibilizar e aconselhar os pais no que se refere a lidar com as preocupações que possam ter relativamente ao cyberbullying. Com a enumeração das possíveis preocupações e o aconselhamento, pretende-se preparar os pais para intervir e lidar com situações eventuais.

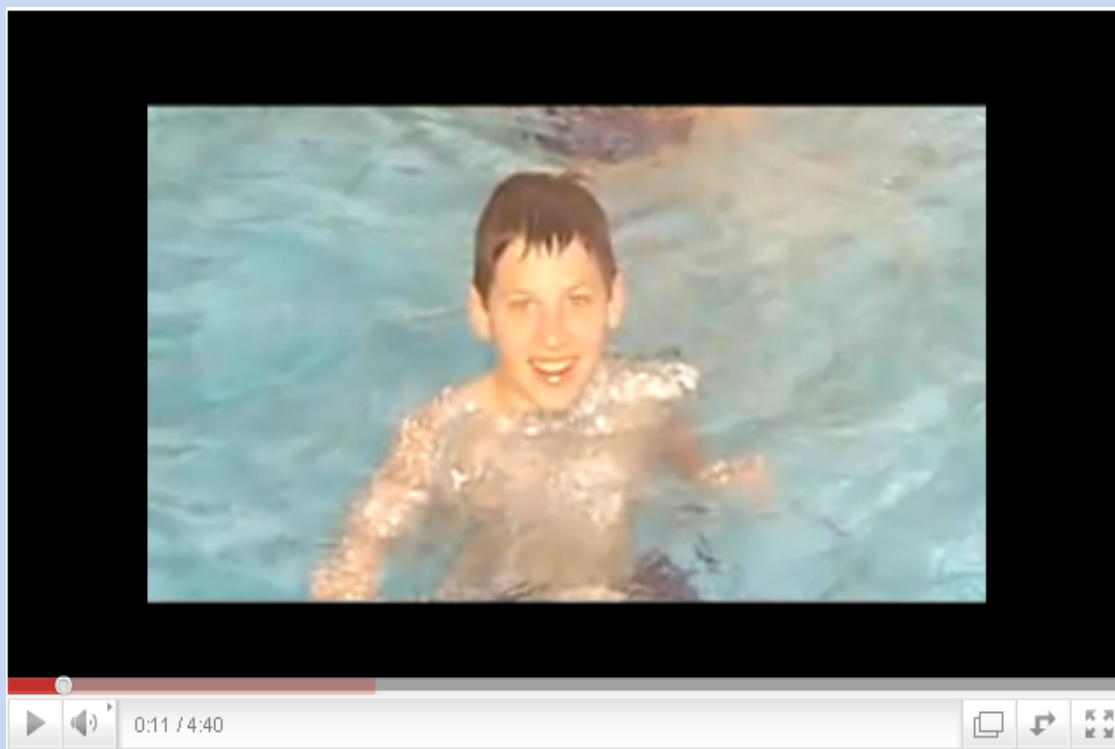
O maior medo dos pais

É muito raro uma criança cometer suicídio em consequência do cyberbullying. Nos casos em que a criança decide pôr termo à própria vida, é comum coexistirem diversos fatores. Ainda assim, o visionamento do Recurso “História de um pai” poderá ser uma forma de chamar a atenção para este tema e um meio de criar um espaço de reflexão e debate num momento posterior do módulo.

Recurso 3.1. “História de um pai”, produzido por Safe Passage Media LLC, apresenta a história verdadeira de um jovem que foi vítima de uma prática de *bullying* implacável, tanto na escola como na Internet. O vídeo ilustra a história do pai.

Recurso 3.1 – “História de um pai”

Produzido por: Safe Passage Media LLC



URL: <http://www.youtube.com/watch?v=iDBiqUWRtMo> (Disponibilizado por: YouTube)

B – Para identificar os efeitos do cyberbullying: “Como hei-de saber?”

Os pais poderão andar preocupados com as agressões, o bullying e a violência nas escolas, de que ouvem falar nos jornais, na televisão ou nas suas comunidades locais. Preocupa-os saber se o seu filho ou filha terão sido vitimizados, independentemente de com eles terem uma relação aberta e saudável ou não. Assim, adotam aquilo a que os autores designam por um comportamento “detetivesco”. E é assim também que, para os pais, a pergunta “Como hei-de eu saber?” assume a maior importância.

Nesta secção do módulo procuramos fornecer aos pais dados que os ajudem a detetar:

- a. a prática de cyberbullying sobre o filho
- b. a vitimização de terceiros pelo filho
- c. a presença do filho, como observador, em atos de cyberbullying

Para identificar os efeitos da vitimização

Embora a investigação disponível mostre que é maior a probabilidade de os jovens vítimas de bullying relatarem as agressões de que foram vítimas aos pais do que aos professores, ela mostra também que, para a maioria das crianças vitimizadas, é baixa a probabilidade de chegarem, sequer, a relatar a agressão^(1,2). Assim, e por exemplo, o estudo longitudinal Growing up in Ireland (GUI) apurou recentemente que, para o total de 40% de crianças com 9 anos de idade vitimizadas no ano passado, só 24% dos pais tiveram conhecimento do facto⁽³⁾. É, portanto, correto afirmar que uma grande parte do comportamento violento parece dar-se bem em condições de secretismo (quer se trate de bullying na escola, de violência doméstica ou do crime organizado). Os pais, na sua generalidade, estão cientes desse “código de silêncio”, o que leva muitos deles a suspeitar ou temer que os filhos tenham sido vitimizados muito antes de lhes terem contado (se é que chegam a contar).

Possíveis sinais de que a criança está a ser vítima de cyberbullying

Dado que o cyberbullying e o bullying afetam a vítima de modo bastante semelhante, é possível, numa fase precoce, aplicar medidas idênticas com vista ao reconhecimento do problema. A ação atempada permite dissipar tensões antes que a situação se agrave, prevenindo novos ataques de bullying. A secção que se segue fornece algumas referências para detetar o cyberbullying. Deve notar-se que uma criança pode simultaneamente ser vítima de cyberbullying e vitimizar outros, tal como acontece com o

bullying tradicional. Estas crianças são referidas como agressores-vítimas e partilham muitas das características de ambos, ‘vítimas’ e ‘agressores’.

- **Amizades desfeitas:**

Sucedem a ex-grandes-amigas (trata-se sobretudo, neste caso, de raparigas) tornarem-se vítimas/autoras de ataques de bullying porque partilham muitos segredos íntimos, de que cada uma se pode servir para atacar a outra. A criança poderá excluir-se da interação social com os pares.

- **Maior frequência dos problemas de saúde:**

Estes englobam sintomas como dores de cabeça e de barriga, absentismo frequente, dificuldade em dormir, ou depressão.

- **Alterações de comportamento:**

Os sinais de alarme podem incluir falta de confiança, mau humor, comportamento agressivo, um comportamento mais taciturno ou o refúgio num mundo próprio – como por exemplo jogos online ou universos imaginários. O jovem parece angustiado ou ansioso e tem dificuldade em dormir, contudo recusa-se a dizer o que o perturba.

- **Alterações no âmbito escolar:**

Falta de interesse ou relutância em ir à escola. Possível quebra no rendimento escolar.

- **Expressões negativas e emocionais após utilizar os media sociais.**

A criança parece zangada ou perturbada após ter estado online ou ter lido uma mensagem de texto.

A Atividade 3.1 – “Suponha que tem a sensação de que o seu filho pode estar a ser vítima de cyberbullying” permite refletir sobre como falar com os filhos a respeito do cyberbullying .

Atividade 3.1 – “Suponha que tem a sensação de que o seu filho pode estar a ser vítima de cyberbullying”

Cada um dos pais presentes reflete, durante dois minutos, sobre cada uma das seguintes questões: “Suponha que tem a sensação de que o seu filho pode estar a ser vítima de cyberbullying”

1. Como poderá encetar uma conversa sobre este assunto com o seu filho?
2. O que poderá fazer caso o seu filho se recuse a conversar consigo sobre este assunto?

Após 2 x 2 minutos, os pais são convidados a formar pequenos grupos de 3 a 5 elementos.

Deixar que, dentro de cada grupo, os pais partilhem e debatam as suas ideias sobre as questões 1 e 2. Poderá concluir-se a atividade perguntando se alguém gostaria de partilhar com todos algo que tenha debatido em grupo.

Atividade adicional:

Atividade 3.2 – ‘Para compreender os sinais e os sintomas da vitimização’ baseia-se na premissa de que um véu de secretismo encobre uma grande parte dos comportamentos agressor-vítima, em especial nas situações de *bullying* e *cyberbullying*. No caso de, como acima ficou sugerido, os pais necessitarem de assumir uma atitude “detetivesca”, esta atividade pretende ser uma ajuda nesse sentido.

Com o Recurso 3.2 – “Sinais e sintomas da vitimização” poderá familiarizar-se com os sinais e sintomas da vitimização por cyberbullying.

Recurso 3.2 – “Sinais e sintomas da vitimização”

Na sequência dos resultados da investigação mencionados no texto que precede esta atividade (ou seja, que é maior a probabilidade de os jovens vítimas de bullying relatarem as agressões de que foram vítimas aos pais do que aos professores), é fundamental os pais estarem bem alerta para os sinais e sintomas de vitimização. É igualmente importante estarem alerta para os sinais associados tanto ao bullying convencional como ao cyberbullying, já que as crianças vítimas de cyberbullying também são, nas mais das vezes, vítimas do bullying convencional. No nosso estudo da realidade irlandesa, por exemplo, verificou-se que 71% das cibervítimas também eram vítimas das formas mais convencionais de bullying⁽⁴⁾.

Por estas razões, recomenda-se que os pais se familiarizem com os sinais e sintomas tanto do cyberbullying como do bullying convencional. Os autores de *Dealing with Bullying in Schools*⁽⁸⁾ facultam aos pais uma lista de “sinais e sintomas” da vitimização, que abaixo se reproduz de forma condensada. Esta lista pode ser impressa em cartões ou fichas de trabalho, ou ainda projetada na sala e assim partilhada em simultâneo com todos os participantes:

- “O jovem parece aflito ou ansioso, mas recusa-se a dizer o que tem”;
- “Cortes e hematomas sem explicação”;
- “Relutância em ir à escola”;
- “Alterações de humor e comportamento”;
- “Falta de confiança, baixa autoestima”;
- “Queixas de dores de cabeça e de barriga”;
- “Dificuldades em dormir”.

Um sinal adicional é que:

- A criança/adolescente tende a ter muito poucos amigos, dando mostras de se encontrar socialmente isolada dos seus pares.

Como observam O’Moore e Minton, “a lista não é infalível”⁽⁴⁾, no entanto ela constitui um ponto de partida bastante fiável para esta atividade. Embora os indícios do cyberbullying tendam a ser indiferenciáveis dos efeitos do bullying convencional, existem alguns que lhe são, efetivamente, próprios. Os sintomas emocionais caraterísticos do bullying convencional, por exemplo, podem tornar-se particularmente evidentes quando a criança está online ou quando se desliga, ou ainda no momento em que lê uma mensagem de texto. É também significativo o número de cibervítimas que

se afasta dos espaços online em que ocorreu o cyberbullying, com uma em cada cinco vítimas a sentir-se forçada a permanecer completamente offline durante algum tempo⁽⁶⁾. Alguns investigadores⁽⁷⁾ apontam os seguintes sinais de cyberbullying:

- A criança parece perturbada após ter estado online;
- A criança parece perturbada após ter lido uma mensagem de texto;
- A criança exclui-se da interação social com os pares;
- Possível quebra no rendimento escolar.

Tal como com a lista anterior sobre o bullying convencional, esta lista pode ser impressa em cartões ou fichas de trabalho, ou ainda projetada na sala e, assim, partilhada em simultâneo com todos os participantes, para efeito de comparação entre os dois conjuntos de sintomas.

Possíveis sinais de que uma criança anda a vitimizar outras ou é um espetador

Para os pais, detetar uma criança que esteja a praticar ou a testemunhar atos de cyberbullying poderá revelar-se mais difícil do que detetar a criança vitimizada. Alguns sintomas podem ser semelhantes aos apresentados pelas crianças vitimizadas.

Possíveis sinais de que uma criança anda a vitimizar outras:

- **Dificuldades em manter amizades**

A criança pode estar envolvida em rutura de amizades, juntando-se a outros grupos, apresentando um modo indiferente, desrespeitoso ou desafiador. A criança pode ter um pequeno grupo de amigos de que ela é o membro dominante.

- **Ocultação, perante os pais, do uso dos meios de comunicação:**

A criança parece esconder o uso que faz do computador ou do telemóvel. Se um dos pais entra no quarto enquanto os está a utilizar, reage com fúria e/ou mostra-se tensa ou pode fechar ou esconder páginas da Internet quando um pai entra no quarto ou passa ao lado do computador. Se um dos pais lhe pergunta o que está a fazer online, tende a não responder.

- **Expressão carregada durante ou após utilizar os media sociais.**

A criança pode exibir hostilidade, desrespeito, ou hilaridade quando está online sozinha ou com um grupo de amigos ou depois de estar online. Pode ter tendência para gozar, provocar ou “deitar abaixo”, quando se refere aos colegas.

- **Abordagem por terceiros:**

Os pais podem ser abordados por terceiros (crianças ou respetivos pais) que lhes vêm comunicar suspeitas ou acusações de que o filho participa na vitimização de terceiros.

Possíveis sinais de que uma criança é um espetador passivo:

A maioria das crianças estão conscientes de que o bullying ocorre, embora pareça que estão menos conscientes acerca do cyberbullying do que das tradicionais formas de bullying¹⁰.

A maioria das crianças que não são vítimas ou agressoras tendem a auxiliar ou a reforçar as ações do agressor ou adotam uma postura de observação passiva. Poucas crianças tendem a defender as vítimas quando assistem a incidentes de bullying ou de cyberbullying¹⁰.

Uma criança que seja um observador passivo ou um espetador tende a assumir a atitude de que não faz mal agredir e de que não há efeitos nocivos. Outras, no entanto, têm receio de intervir ou não sabem qual a melhor forma de o fazer. De qualquer forma, as crianças precisam de orientação sobre como podem intervir de modo a parar o bullying.

A Atividade 3.3 – “O seu filho está envolvido na propagação de boatos graves na Internet” visa promover alguma reflexão sobre o que fazer na eventualidade de um filho andar a cometer cyberbullying .

Atividade 3.3 – “ O seu filho está envolvido na propagação de boatos graves na Internet”

Cada um dos pais presentes reflete, durante dois minutos, sobre cada uma das seguintes questões:

“O pai de uma adolescente da turma do seu filho telefona-lhe dizendo que este está envolvido na propagação de boatos graves sobre ela na Internet. Pede-lhe que se encontrem pessoalmente para falar do assunto”

1. Qual acha que poderia ser a sua reação imediata?
2. Que faria então?

C – Intervenção

Neste capítulo pretende-se aconselhar os pais relativamente ao que podem fazer caso o filho seja alvo de bullying, seja agressor, seja simultaneamente vítima e agressor ou tenha assistido como observador a uma situação de cyberbullying.

Ajuda a jovens vitimizados: “Que fazer?”

A descoberta de que o nosso filho ou filha foi vítima de abusos dá sempre origem a um torvelinho de emoções. Pode sentir-se grande preocupação e tristeza, pela empatia que se sente com a criança ou adolescente que teve de suportar a agressão, o sofrimento ou a humilhação. Pode sentir-se culpa, por não se ter percebido que algo de errado se estava a passar ou por não se ter agido mais cedo. Podem aflorar ainda resquícios de um sofrimento pessoal, se a descoberta reabre no adulto feridas psicológicas decorrentes de ter sido, ele próprio, vítima de atos semelhantes. É frequente um sentimento de raiva contra quem cometeu a violência ou contra aqueles que se considera que detêm autoridade para agir no sentido de a prevenir ou de lhe pôr termo. Em suma, é comum os pais defrontarem-se com um complexo leque de emoções – nenhuma das quais agradável – quando tomam conhecimento de tais situações.

A seguir a esta reação emocional imediata surge uma enorme necessidade, por parte dos pais que se preocupam, de fazer qualquer coisa – aqui, funciona o amor profundo que cada um sente pelos filhos, sejam crianças ou adolescentes e sente-se então um absoluto impulso no sentido de proteger, de cuidar do nosso filho ou filha (e até, numa vertente por vezes mais negativa, de os vingar).

O que podem os pais fazer no caso de o filho ser afetado?

Eis uma lista de medidas a ter em conta pelos pais:

Possíveis ações imediatas ou no curto prazo:

- **Ouçá atentamente o seu filho**

Relacionada com o facto de as crianças não contarem aos pais que estão a ser vítimas de cyberbullying, está a necessidade de os pais ouvirem atentamente os filhos quando eles falam das suas experiências online, bem como a necessidade de se familiarizarem com os métodos de cibercomunicação que as crianças utilizam. Se uma criança conta aos pais que está a ser vítima de cyberbullying, a sua primeira resposta deve ser algo como "Obrigada por me contares. Fizeste o que está certo, ao deixares-me saber"⁽⁷⁾.

- **Fique calmo em caso de incidentes**

Os pais devem ficar calmos quando uma criança lhes está a contar acerca de um incidente em que foi vítima online. Uma resposta calma e controlada pode ajudar a manter abertos os canais de comunicação com os filhos. Kowalski e colegas sentem igualmente que pais e filhos devem chegar a um acordo sobre as circunstâncias em que os filhos devem falar aos pais sobre contactos ou conteúdos negativos experienciados online⁽⁷⁾.

- **Bloquear o ciberagressor**

A maioria dos fornecedores responsáveis de redes sociais e outros serviços da Internet permitem bloquear ou denunciar quem demonstre comportamento incorreto. Os responsáveis por sítios da Internet e os operadores de telemóveis permitem aos seus utilizadores denunciar materiais ofensivos. É importante que cada um disponibilize algum tempo para se familiarizar com esses recursos. A saída mais drástica será modificar as informações dos contactos, como a identificação nas mensagens instantâneas ou o número do telemóvel, de modo a evitar contactos indesejados.

- **Não responder**

Não reaja a mensagens ofensivas ou desagradáveis, mesmo que tal se revele difícil. Provocar uma reação é exatamente o que o agressor pretende, pois isso causa-lhe satisfação. Se as mensagens não cessarem, crie uma nova conta de correio eletrónico.

- **Recolher provas**

Aprenda a registar ou a fazer cópias das conversas online, imagens ou mensagens desagradáveis. A prática revelar-se-á útil para contar às outras pessoas o sucedido e para ajudar a identificar o autor dos abusos. Assegure o registo das datas e horários em que as mensagens abusivas foram enviadas.

O que podem os pais fazer, a um nível mais avançado, para apoiar o filho e pôr termo ao ataque:

- **Detetar a origem do problema;**

Tente ver a situação no seu todo: O que aconteceu? Quem está envolvido? Que papel desempenha o seu filho em toda a situação? Para encontrar provas poderá consultar os registos, verificar a caixa de correio eletrónico e as mensagens recebidas, ou copiar imagens de ecrã de sítios da Web.

Caso os pais pretendam verificar os blogues ou o conteúdo de um telemóvel, o ideal será obter autorização do filho. Explique-lhe por que razão o quer fazer e pergunte-lhe como é que isso o faz sentir. Lembre-se de que, para muitos adolescentes, o telemóvel pode ser algo de tão pessoal como um diário.

- **Deixar claro que o mal está no agressor e não na vítima;**

Se está convencido de que o seu filho é uma vítima de bullying e não propriamente parte de um conflito entre iguais, assegure-lhe que a responsabilidade é do agressor e não da vítima.

- **Proporcionar um ambiente de segurança;**

Diga ao seu filho que está ao lado dele, no caso de ele sentir que não é capaz de parar o cyberbullying por conta própria. Um problema partilhado é um meio problema. No entanto, deixe-o saber que agirá de um modo sensível e em seu interesse.

- **Não deitar achas para a fogueira;**

Torne bem claro que não se deve ripostar nem física nem verbalmente, e que o melhor é mesmo nem sequer responder e, se preocupado, o melhor é contar a alguém de confiança.

- **Cultivar a autoestima em casa;**

Aumente a resistência aos efeitos negativos do bullying cultivando uma autoestima positiva. A construção da autoestima pode ser melhor sucedida dando ao seu filho a oportunidade de experienciar os seus pontos fortes. Louve, recompense e reconheça frequentemente os seus esforços. É a voz positiva dos pais que será internalizada e que ajudará a construir a autoestima dos filhos. Procure conhecer as suas opiniões e responsabilize-os. Isto dar-lhes-á um sentimento de pertença e, mais importante, a confiança nas suas próprias capacidades.

- **Reportar o problema:**

Se achar que tal é relevante em face do sucedido, poderá entrar em contacto com a escola, com organizações da juventude ou com a polícia, etc. Informe-se sobre a legislação nacional relativamente ao cyberbullying.

No Recurso 3.3 – “Ligações relevantes e informações de contacto” encontrará contactos que poderão vir a ser úteis, como ligações para linhas de apoio ou iniciativas afins .

O Recurso 3.4 – “Como poderei contactar os fornecedores de serviços?” disponibiliza informação sobre como contactar diversos fornecedores de serviços para denunciar o cyberbullying.

Recurso complementar:

A Atividade 3.4 – “Alternativas dos pais no caso de os filhos, sejam crianças ou adolescentes, relatarem episódios de vitimização” visa incentivar os participantes a ponderar bem os conselhos geralmente dados aos pais quando em situação de aflição por saberem que os filhos foram vítimas de cyberbullying.

Recurso 3.3 – “Ligações relevantes e informações de contacto”

Para obter ajuda, recorre:

- aos amigos, porque isso te vai fazer sentir melhor e menos só;
- a um adulto em quem confies, que te possa ajudar a participar o caso às autoridades competentes;
- à Linha Ajuda, do Projeto Internet Segura (um serviço de atendimento telefónico e online de crianças, jovens, pais e professores, sobre questões relacionadas com o uso de tecnologias) e fala-lhes do teu problema: 808 91 90 90 (dias úteis, das 14h00 às 19h00).

Se preferires não falar ao telefone, também podes escrever para: LinhaAjuda@internetsegura.pt

- à Linha Alerta, do Projeto Internet Segura (para denunciar conteúdos ilegais), em <http://linhaalerta.internetsegura.pt/>
- à Associação de Apoio à Vitima (APAV), através do telefone 707 20 00 77 (dias úteis, das 10h00 às 13h00 e das 14h00 às 17h00).
- ao Instituto de Apoio à Criança (IAC), através do telefone 116 111 (segunda à sexta, das 9h às 19h).

Se preferires não falar ao telefone, também podes escrever para: soscrianca@net.sapo.pt

- ao fornecedor do serviço (Internet, telemóvel) através do qual estás a ser alvo do bullying;
- à tua escola: um professor em quem confies poderá apoiar-te e confrontar o teu agressor;
- à polícia, caso o ataque de cyberbullying seja grave e possa degenerar em crime, como por exemplo uma ameaça de morte.

Recurso 3.4 – “Como contactar os fornecedores de serviços?”

Redes sociais

Grande parte dos operadores das redes sociais já disponibiliza recursos para reportar casos de *cyberbullying*. Há funções próprias para os relatar, acessíveis e fáceis de utilizar.

Quando recebem participações de *cyberbullying*, os operadores procedem a uma verificação do conteúdo, apagando-o no caso de ser ilegal ou, de alguma forma, contrário ao código de conduta. Podem, inclusivamente, apagar os perfis de membros que não cumpram as regras.

Pode encontrar informação adicional em:

http://www.seguranet.pt/repositorymodule/collection_view/id/244/

Sítios de partilha de vídeos

Também há formas de se conseguir a remoção de vídeos dos sítios de partilha. Para tal, é necessário que o vídeo contenha conteúdo ilegal – por exemplo pornografia infantil, cenas de violência ou de ódio – ou que infrinja outras normas. Aqui se incluem os vídeos partilhados sem o consentimento das pessoas que neles entram, ou vídeos que apresentem pessoas a falar de modo discriminatório a respeito de outrem. A maioria dos sítios de partilha de vídeos inclui um botão para “Denunciar como impróprio”.

Após carregares neste botão, poderás apresentar os teus motivos para denunciar o vídeo. Por exemplo, se foste filmado sem a tua permissão, podes afirmar que o vídeo viola os teus direitos. Consequentemente, o operador fica obrigado a retirar o vídeo do portal. De entre os sítios de partilha de vídeos mais conhecidos, destacam-se, por exemplo, o YouTube, o MyVideo e o Metacafe.

Neste âmbito se inclui, também, a publicação de gravações pessoais e íntimas de um(a) ex-namorado(a) num sítio pornográfico (YouPorn, por exemplo) sem a permissão da pessoa que aparece no vídeo. Normalmente considera-se que se trata de “atos de vingança” após uma separação dolorosa.

Pode encontrar informação adicional em:

<http://www.google.pt/goodtoknow/familysafety/abuse/>

Mensagens instantâneas

Todos os serviços de mensagens instantâneas com reputação firmada oferecem, hoje em dia, uma opção básica que permite “Ignorar” determinada pessoa, de maneira a não mais se receber mensagens dela.

Pode encontrar informação adicional em:

<http://www.seguranet.pt/mensagens-instantaneas> e

<http://seguranca.sapo.pt/boaspraticas/messenger.html>

Salas de conversação / Foros / Blogues

As salas de conversação dispõem, normalmente, de recursos simples e acessíveis para reportar abusos, que permitem escrever diretamente aos respetivos operadores. Estes, por sua vez, poderão então excluir os utilizadores que não cumpram o regulamento da sala de conversação. A moderação de algumas salas prevê que os dinamizadores possam, primeiro, emitir um aviso. Os foros também costumam ter moderadores. Se estes detetam um utilizador a publicar mensagens ou comentários impróprios, têm poder para apagar esses comentários e bloquear de imediato o seu autor. Se verificares que, numa sala de conversação ou num foro, ninguém dá resposta às tuas reclamações, o melhor será, talvez, passares a evitar esse sítio.

Pode encontrar informação adicional em:

<http://www.microsoft.com/pt-pt/security/family-safety/blogging.aspx> e

<http://www.seguranet.pt/salas-de-chat>

Operadores de telemóveis

As leis relativas à proteção de dados impedem que os operadores de telemóveis divulguem os números dos clientes, mesmo que um número de telemóvel esteja a ser utilizado para assédio. Contudo, poderás visualizar alguns números (desde que não se apresentem como anónimos) no ecrã do teu telemóvel. Se receberes insistentemente mensagens de texto indesejadas ou fores assediado por chamadas insistentes, deverás pedir um novo número ao operador do teu telemóvel.

Pode encontrar informação adicional em:

<http://www.anacom-consumidor.com/guias-do-consumidor/problemas-com-o-seu-operador-saiba-o-que-fazer-e-a-quem-recorrer-2.html>

Correio eletrónico

Se receberes correio indesejado contendo insultos ou mesmo ameaças, deverás começar por assinalar como *spam* (correio não solicitado) o endereço de correio eletrónico do agressor. Pode incluir-se qualquer endereço de correio electrónico na lista de *spam*. Desse modo, as mensagens indesejadas são enviadas directamente para o caixote do lixo.

Pode encontrar informação adicional em:

<http://seguranca.sapo.pt/boaspraticas/mail.html> e

<http://www.seguranet.pt/o-correio-electronico-como-criar-e-usar-contas-em-seguranca>

Se receberes ameaças graves, deverás contactar imediatamente a polícia.

Para ajudar os jovens envolvidos na vitimização de terceiros: “Como hei-de reagir?”

Já vimos que descobrir que um filho ou filha foi vitimizado origina sempre um turbilhão de emoções. Pensa-se por vezes que os pais de jovens envolvidos na vitimização de terceiros não são afetados emocionalmente ao tomarem conhecimento do envolvimento do filho ou filha. O mesmo é dizer que, pelo simples facto de terem criado um filho que se envolveu na vitimização de outros jovens, esses pais seriam, forçosamente, negligentes, pelo que nada se importariam com o facto, ou então mentiriam sempre a respeito do envolvimento do filho. Mas não é isso, em absoluto, que sucede. Embora os pais de crianças que vitimizam outras sejam menos propensos a procurar ajuda profissional do que os pais de crianças vitimizadas, os primeiros têm-nos ensinado que não é menos perturbador, para um pai que se preocupa, ter um filho que é agressor do que ter um que é vítima de violência. Assim, num caso destes os pais poderão sentir fúria, quer em relação ao filho, seja criança ou adolescente, quer em relação ao comportamento deste, quer em relação aos amigos do filho ou, ainda, aos pais destes (caso estejam convencidos, como é frequente, de que o seu filho foi, de alguma

forma, desencaminhado por terceiros). Os pais poderão sentir-se desiludidos ou envergonhados por causa do filho, ou pela sua própria incapacidade de lhe transmitirem os seus valores (por exemplo) democráticos e pacifistas. Poderão ainda, se acharem (como muitos acham) que o seu filho ou filha foram injustamente acusados, sentir a necessidade de os defender. Em suma, a gama de emoções com que é preciso lidar não se afigura, nesta situação, nem menos complexa nem menos negativa.

Também podemos fazer a nós próprios uma pergunta muito simples:

"E tu, sempre te portaste da forma que os teus pais gostariam?"

Possíveis reações de um pai cujo filho comete cyberbullying sobre outrem:

- Culpa: "Onde é que eu falhei como pai?"
- Fúria: "Ó filho, que falta de juízo!"
- Denegação: "Não pode ser verdade; o meu filho nunca faria tal coisa!"
- Vergonha: "Tenho vergonha dos atos do meu filho e vergonha de mim próprio."

Proveito do cyberbullying para quem o comete

Para compreender o porquê de as crianças e os adolescentes agredirem outros online, vale a pena atentar naquilo que o agressor parece ganhar com o cyberbullying:

- **Alívio:** O bullying funciona como válvula de escape para a agressividade acumulada.
- **Reconhecimento:** O bullying é utilizado para efeitos de reputação, como por exemplo ser-se especialmente "fixe".
- **Fortalecimento de um certo sentido de comunidade:** O bullying é normalmente cometido em grupo, gerando portanto o sentimento de que "a união faz a força".
- **Demonstração de força:** O bullying é usado como demonstração de força, para deixar claro "quem é que manda".
- **Medo:** O medo do fracasso, ou de acabar como vítima do bullying, são, muitas vezes, fatores intervenientes. Os "penduras", em especial, não querem pôr em risco a inclusão no grupo.

O que motiva e desencadeia o cyberbullying

São múltiplas e variadas as razões subjacentes ao cyberbullying e passíveis de o desencadear. Este tipo de agressão tem, por norma, origens remotas (e.g. exposição a comportamentos agressivos em casa e falta de disciplina parental) e traduz falta de comunicação adequada e ausência de empatia.

- **O bullying é visto como algo de normal:**

Não é raro o bullying fazer parte integrante da interação quotidiana de um determinado grupo, onde é tolerado e desprovido de consequências. Se quem a ele assiste fizer de conta que não vê e não ajudar as vítimas a defenderem-se, o assédio poderá durar anos.

- **Tédio:**

O cyberbullying pode ter origem no tédio, como por exemplo quando se publica numa comunidade online um comentário negativo sobre um colega de turma, gerando-se com isso um conflito incontrolável.

- **Conflitos interculturais:**

Os conflitos interculturais entre jovens de diferentes nacionalidades são, também, um fator frequente no cyberbullying.

- **Conflitos dentro da sala de aula:**

As tensões latentes dentro da sala de aula tendem a extravasar para o âmbito da Internet e dos telemóveis. Poderá então, por exemplo, o “marrão da turma” ser (também) alvo de troça nas redes sociais, ou outros alunos serem assediados em suas casas através de mensagens indesejadas enviadas pelos colegas de turma.

- **Alteração das amizades:**

O fim de uma amizade desperta sentimentos de ódio e vingança entre ex-grandes amigos ou amigas.

- **Publicação indesejada de informações pessoais:**

São transmitidos – por vezes até sem má intenção – dados pessoais, ou fotos/vídeos de natureza íntima, que não se destinavam a divulgação pública. Muitas vezes as crianças e os jovens não têm noção de como este tipo de humilhação pode ser pernicioso.

Como os pais poderão proceder se o filho estiver envolvido na vitimização de terceiros:

Ajudar os pais a lidar com crianças e adolescentes que cometam cyberbullying não será muito diferente do aconselhamento dado aos pais relativamente aos ataques convencionais de bullying. Os peritos que trabalham com ambos os fenómenos – bullying e cyberbullying ^(6,7,8) – recomendam as seguintes estratégias:

- Sensibilizar, com rigor, para aquilo que é o cyberbullying;
- Descobrir o que está a provocar o comportamento agressivo;
- Discutir as regras de uma utilização responsável do computador e da Internet (ou seja, um contrato social);
- Acompanhar e supervisionar de forma adequada a utilização da Internet;
- Ensinar competências empáticas em casa;
- Facilitar a “catarse” em crianças especialmente ativas (ou seja, “libertar energias de uma maneira positiva”)

A Atividade 3.5 – Discussão: “Que fazer, se...?” visa promover uma reflexão sobre alguns problemas comuns relacionados com o cyberbullying .

No Recurso 3.5 – “Contrato social” encontrará um projeto de contrato social que pode ser trabalhado pelos pais, individualmente ou em grupo, e/ou juntamente com o filho ou filha, em suas casas. O objetivo do contrato consiste em explorar os limites de uma utilização da Internet que seja segura, respeitadora e ética.

Recurso 3.6 descreve os prós e os contras de monitorizar o uso da Internet pelas crianças em casa.

Zusätzliche Übung:

Atividade 3.6 – “Alternativas dos pais no caso de os filhos, sejam crianças ou adolescentes, estarem envolvidos na vitimização de terceiros” propõe aos participantes que repensem as recomendações a dar aos pais dos jovens envolvidos em comportamento violento.

Atividade 3.5 – Discussão: “Que fazer, se...?”

Peça aos participantes para formarem pequenos grupos de 3 a 5 pessoas. Permita que estes debatam, durante 3 a 4 minutos, cada um dos seguintes pontos:

- **Afirmação:** Os pais são responsáveis pelo que está escrito nas páginas e nos perfis dos filhos. Qual a sua opinião?
- **Problema:** O seu filho ou filha enviou, via telemóvel, uma ameaça para um/a colega de turma. O que é que faz?
- **Problema:** O seu filho ou filha recebeu no telemóvel/email/perfil uma mensagem que ridiculariza/ofende um amigo ou amiga. Entretanto, apercebe-se de que também reencaminhou a mensagem para outros destinatários. O que é que faz?
- **Problema:** O seu filho ou filha publicou umas fotos bastante pessoais de três outros adolescentes, tiradas há dias numa festa a que tinha ido. O que é que faz?

Recurso 3.5 – “Contrato social”

Objetivo

O presente contrato social destina-se a ser trabalhado por um grupo de participantes, por um dos pais individualmente, e/ou por um dos pais mais o filho ou filha, em casa. O objetivo consiste em explorar os limites de uma utilização da Internet que seja segura, respeitadora e ética.

Procedimento

Crie três a cinco regras que considere úteis para constar de um contrato social *online*. Utilize as seguintes palavras: respeito, honestidade, privacidade, cortesia:

Regra nº 1: _____

Regra nº 2: _____

Regra nº 3: _____

Regra nº 4: _____

Regra nº 5: _____

Recurso 3.6 - Os prós e os contras de monitorizar o uso da Internet

Apesar de os pais colocarem frequentemente os computadores num espaço comum da casa, muitos jovens podem actualmente aceder à Internet nos seus telemóveis, e portanto precisam de se responsabilizar pelo seu próprio comportamento.

A monitorização excessiva pode constituir uma violação grave da privacidade para um jovem. No entanto, é razoável que, se um filho está a criar conteúdos (e.g., perfil no Facebook) que podem ser vistos pelo público, um pai deve igualmente ser autorizado a vê-los de vez em quando. Se isto for discutido previamente com o filho, e se se enfatizar que o pai não irá ler todas as comunicações do filho, gera-se maior confiança. No caso de o cyberbullying já ter ocorrido, esta monitorização deve ser mais frequente.

Muitos pais investem em filtros de conteúdo para proteger e limitar as atividades online dos filhos. Outros recursos permitem registar todas as atividades dos filhos. No entanto, isto pode ser também entendido como uma falta de confiança dos pais. Assim, Kowalski e colegas⁽⁷⁾ enfatizam a importância da educação, do aconselhamento e da comunicação como uma prioridade.

Para ajudar os jovens que tenham testemunhado atos de cyberbullying: “Como deverei agir?”

Embora as testemunhas de cyberbullying possam assumir o papel de espectadores ou circunstantes, as características dos vários tipos de “ciberespetadores” requerem uma investigação mais aprofundada, conforme se viu no Módulo 2: “Introdução ao Cyberbullying”. Uma pesquisa levada a cabo no Canadá revelou que é frequente as testemunhas de cyberbullying reagirem de diferentes maneiras: algumas entram na agressão, outras incentivam o agressor, outras observam sem participar, outras abandonam o ambiente online, outras ainda protestam junto de terceiros mas sem se dirigirem ao agressor, e finalmente há as que se opõem à conduta do agressor, quer tentando ajudar ou solidarizar-se com a vítima, quer denunciando o caso a quem possa ajudar. Este facto é, sem dúvida, ilustrativo da capacidade do espetador tanto para ajudar a vítima do cyberbullying como para nada fazer ou para lhe aumentar o sofrimento.

Para um pai ou mãe cujo filho haja testemunhado atos de cyberbullying, pode tornar-se difícil saber com clareza e segurança qual o papel por aquele desempenhado.

Sugerem-se de seguida algumas questões que os pais poderão colocar aos filhos, não só para conhecerem os factos, mas também para intervirem:

- Como descreverias o sucedido?
- Quem achas que esteve envolvido como agressor(es)?
- O que é que achaste de tudo o que aconteceu?
- Como é que achas que a vítima se sentiu com o que aconteceu?
- O que é que tu fizeste?
- O que significa ser-se espetador?
- Que responsabilidade tem o espetador?
- Sugeres alguma coisa que pudesse ter sido feita de outro modo pela criança que testemunhou o ataque?
- Há alguma coisa que a criança que presenciou os ataques, ou os seus pais, sintam necessidade de esclarecer, dizer ou fazer, tanto à vítima como ao agressor?

A maior parte dos conselhos já apresentados para lidar com as crianças e os adolescentes que cometam cyberbullying poderá ser relevante para o modo de lidar com os espetadores, e relevante



também, inclusivamente, pare estes; o pai ou mãe que descobrir que o filho aderiu à agressão ou tem incentivado o cyberbullying, deverá:

- Sensibilizar para aquilo que constitui cyberbullying;
- Descobrir o que está a provocar o comportamento de cyberbullying;
- Debater regras para uma utilização responsável do computador e da Internet (i.e. o contrato social);
- Acompanhar e supervisionar de forma adequada a utilização da Internet;
- Ensinar competências empáticas em casa;
- Cultivar a autoestima em casa;

D – O que podem fazer os pais para prevenir o cyberbullying?

Os pais podem desempenhar um papel fundamental no sentido de evitar que os filhos participem em ações de bullying através da Internet ou dos telemóveis. Eis alguns aspetos em que os pais se poderão centrar com vista a reduzir o risco de sofrimento causado por vitimização ou de envolvimento na vitimização de terceiros:

Recurso 3.7 – descreve as perspetivas dos jovens acerca de como os adultos podem prevenir o cyberbullying.

Recurso 3.7 - Perspetivas dos jovens acerca de como os adultos podem prevenir o cyberbullying

Em focus group conduzidos pelos autores, foi dada oportunidade a estudantes para se expressarem acerca de como os adultos poderiam prevenir o cyberbullying. Algumas das suas sugestões foram as seguintes:

- Estabeleça diretrizes apropriadas à idade;
- Eduque sobre estratégias adequadas para lidar com os conflitos;
- Monitorize as atividades do seu filho na Internet;
- Supervisione sem bisbilhotar (i.e., não invada a privacidade do seu filho);
- Esteja atento a quaisquer sinais de que algo pode estar mal;
- Não culpe ou castigue a vítima;
- Eduque-se a si próprio.

Construa um lar em que toda a família converse

Quando preocupados com alguma coisa que lhes tenha sucedido online ou via telemóvel, os filhos procuram falar, preferencialmente, com os pais. Ao criar uma cultura doméstica em que pais e filhos se habituam a conversar uns com os outros sobre os seus assuntos pessoais, aumenta-se a probabilidade de os filhos abordarem os problemas quando ainda em fase inicial.

O medo de sofrer castigo ou restrições costuma ser um obstáculo a que a criança converse com os pais sobre os seus problemas. Escute atentamente e reaja de forma conscienciosa sempre que o seu filho o procure para, enquanto pai, lhe falar das suas questões.

Recurso 3.8 – descreve os efeitos negativos que as restrições podem ter nos filhos.

Recurso 3.8 - Retirar os privilégios eletrónicos pode ser percebido como um castigo

Retirar a uma criança que tenha sido vítima de cyberbullying os privilégios eletrónicos é, na verdade, puni-la ainda mais. Kowalski e colegas⁽⁷⁾ comparam isto com a situação em que uma criança denuncia um incidente de abuso sexual e um pai reage com uma questão como "Porque é que não lhes disseste para parar?"

Esta reação atribui culpa à vítima e pode causar mais vitimização. Além disso, uma resposta como esta é susceptível de desencorajar uma criança de confidenciar aos seus pais, no caso de outro incidente de cyberbullying ocorrer.

Converse com o seu filho acerca da utilização segura e conscienciosa dos media digitais

Os pais podem ajudar a tomar maior consciência das escolhas inerentes às atividades online, à linguagem, manipulação de fotos, boatos, etc. Para melhor orientação, disponibilizam-se em anexo os recursos "Sugestão de tópicos para debater com o seu filho", suscetíveis de proporcionar a pais e filhos a cobertura de uma grande parte dos mais importantes e mais presentes riscos para a segurança.

A sensibilização para a atuação e para o comportamento social online poderá reduzir o risco do envolvimento da criança na vitimização de terceiros. Poderá, também, aumentar a possibilidade de a criança intervir, e não se limitar a assistir, em casos em que testemunhe ataques pela Internet ou por telemóvel.

Recurso 3.9 - ‘Boas relações, boas ligações’ oferece sugestões de tópicos úteis para serem conversados entre pais e filhos de idades entre 10 – 15, relacionados com o uso seguro e consciente dos telemóveis e da Internet.

Recurso 3.9 – “Boas relações, boas ligações”

A seguir encontra questões rápidas sem respostas fáceis, para discutir com filhos com idades entre os 10-15 anos.

Passwords:

Como criar passwords que os outros tenham dificuldade em adivinhar?

Achas que não há problema em revelar passwords a terceiros?

Páginas e comunidades da internet:

Que informações pessoais a teu respeito é que podes partilhar, sem risco, na Web?

O que é que deves ponderar e a quem deves pedir autorização, antes de publicar informações ou fotos de outrem?

Salas de conversação:

Que regras é que deves seguir para que as conversas sejam o mais seguras e agradáveis possível?

Amizades online:

Que fazias se alguém que conheces da Internet pedisse para se encontrarem na vida real?

Achas que não há problema em ir sozinho a um encontro com um amigo conhecido na Internet?

Que é que deves ponderar antes de adicionar uma pessoa à lista de amigos que tens nos media sociais, como o MSN e o Facebook?

Descarregar:

Que é que debes ponderar bem antes de descarregar conteúdos e ficheiros gratuitos que encontres online?

Que é que pensas de descarregar material sujeito a direitos de autor, como filmes ou música?

Ligado/Desligado:

Quanto tempo é que se pode, sem problema, ficar a navegar na Internet?

A que horas do dia é que se pode, sem problema, estar online?

Conteúdos online:

De que tipo de páginas Web é que gostas?

Há algum tipo de páginas Web que aches que não é correto visitar?

Experiências negativas na Internet:

Que é que fazes se tens uma experiência online que te deixa pouco à vontade?

Telemóvel:

O que é que debes ponderar antes de fotografar alguém com a câmara do teu telemóvel?

Quais são as regras para a utilização do telemóvel na escola?

O que é que fazes se tiveres experiências negativas com o telemóvel?

O que é que debes ponderar antes de descarregar toques de chamada e imagens, ou de utilizar outros serviços?

Há serviços que não queiras utilizar?

A quem é que podes, sem problema, facultar o teu número de telemóvel?

Quando é que se deve ligar/desligar o telemóvel?

Em que deverás pensar antes de fotografar alguém com a câmara do teu telemóvel?

Comportamento social nas media sociais:

Onde é que traças a fronteira entre a provocação brincalhona e o bullying?

Não há problema nessa provocação meio a brincar? O que é o bullying?

O que é que achas de espalhar boatos sobre os outros?

Não há problema em entrar em páginas Web e em salas de conversação com o registo de outros?

O que é que deves ponderar e a quem deves pedir autorização, antes de publicar informações ou fotos de outrem?

O que é que fazes se alguém que tu conheces for maltratado na Internet ou via telemóvel?

Porque é que pode ser difícil contar a terceiros que alguém está a ser vítima de bullying?

Cyberbullying:

- O que é o cyberbullying?
- Que motivos poderão levar alguém a agredir outras pessoas nos media sociais?
- O que é que fazes se alguém te agredir através da Internet ou do telemóvel?
- O que é que significa ser um espectador ou circunstante?
- O que é que fazes se alguém que tu conheces estiver a ser vítima de cyberbullying?
- O que é que fazes se fores tu o alvo do bullying?
- O que é que fazes se, através da Internet ou do telemóvel, fizeste a outra pessoa alguma coisa de que estejas arrependido?

O que é que dizem as leis do teu país sobre problemas comuns como:

- a disseminação de boatos?
- o assédio?
- a publicação de fotografias sem permissão?
- o lançamento de ameaças?
- a usurpação de identidade?

Prepare o seu filho para eventuais desafios

Ao debater diferentes aspetos do cyberbullying com o seu filho, estará a apetrechá-lo com melhores ferramentas para enfrentar eventuais desafios desse tipo. Isto pode também aumentar o nível de resiliência, entendida como capacidade fundamental para evitar que a criança venha a sofrer pela ação nociva de terceiros. Resiliência é o processo de boa adaptação em face da adversidade, de ameaças, ou de fenómenos geradores de tensão como é o cyberbullying. Significa “dar a volta”, perante experiências difíceis. As crianças estão sujeitas a ser testemunhas de atos de cyberbullying nos media sociais. Por isso também sugerimos que os pais debatam o tema, para que o possam enfrentar. Eis alguns exemplos de questões relevantes:

- O que é o cyberbullying?
- Que motivos poderão levar alguém a agredir outras pessoas nos media sociais?
- O que é que fazes se alguém te agredir através da Internet ou do telemóvel?
- O que é que significa ser um espetador ou circunstante?
- O que é que fazes se alguém que tu conheces estiver a ser vítima de cyberbullying?
- O que é que fazes se fores tu o alvo do bullying?
- O que é que fazes se, através da Internet ou do telemóvel, fizeste a outrem alguma coisa de que estejas arrependido?

Converse com o seu filho sobre as normas legais existentes quanto ao comportamento a ter nos media sociais

O conhecimento dos limites sociais fixados na lei pode evitar que a criança contorne as regras para assediar outros. Exemplos de questões relevantes: Que diz a legislação específica do seu país sobre problemas comuns, como:

- a disseminação de boatos?
- o assédio?
- a publicação de fotografias sem permissão?
- o lançamento de ameaças?
- a usurpação de identidade?

No Recurso 3.10 – “Legislação relevante” encontrará uma súmula do que diz a lei sobre alguns problemas comuns relacionados com o cyberbullying.

Recurso 3.10 – “Legislação relevante”

O Que diz a lei?

O cyberbullying não é ainda considerado um crime – mas a variedade de atividades constituintes do cyberbullying permite que sejam tomadas medidas legais.

- Publicar imagens ou vídeos sem autorização: põe em causa direitos de autor; direito à integridade da própria imagem.
- Espalhar calúnias em fóruns, blogues ou redes sociais: a vítima pode apresentar uma queixa relatando a difamação /calúnia.
- Assédio persistente via e-mail, Messenger ou SMS: a vítima pode apresentar uma queixa contra a perseguição, ameaças, etc.

O bullying escolar, no direito vigente, é protegido através dos crimes contra pessoas (integridade física, liberdade pessoal e sexual, honra). Ex: crimes de homicídio, de ofensas à integridade física, de ameaça, de coação, de difamação e injúria (Código Penal). Nos casos mais graves de coação e de ofensas à integridade física, estes crimes assumem a natureza pública.

Informação sobre a legislação existente:

- Lei do Cibercrime - Lei n.º 109/2009, de 15 de Setembro
- Convenção sobre o Cibercrime - Resolução da Assembleia da República n.º 88/2009, de 15 de Setembro + Decreto do Presidente da República nº 91/2009, de 15 de Setembro (ratificação)
- Protocolo Adicional à Convenção sobre o Cibercrime - Relativo à Incriminação de Actos de Natureza Racista e Xenófoba Praticados através de Sistemas Informáticos - Resolução da Assembleia da República nº 91/2009, de 15 de Setembro + Decreto do Presidente da República nº 94/2009, de 15 de Setembro (ratificação)

Para desenvolver uma autoconfiança sólida:

As crianças e os jovens que aprendem a agir com confiança e que se sentem capacitadas compreendem melhor como enfrentar as situações difíceis. Não levam as agressões tão a peito e, geralmente, conseguem encarar o *bullying* de uma forma mais descontraída.

- Mostre à criança que não lhe é indiferente: “Estou a ver-te. És dos nossos. Tens imensas capacidades. Adoro-te.”
- Acentue as capacidades e os aspetos positivos da criança: “És mesmo bom a... Gosto da maneira como...”

A Atividade 3.7 – “Para incentivar os pontos fortes” visa promover alguma reflexão sobre como capacitar os filhos .

Atividade 3.7 – “Para incentivar os pontos fortes”

Deixe os pais refletirem sozinhos sobre três questões:

- 1) Quais considera serem os dons/capacidades/pontos fortes do seu filho/filha?
- 2) Enquanto pai, como acha que pode estimular as capacidades do seu filho/filha e deixar que ele/a as desenvolva?
- 3) Enquanto pai, como acha que pode transmitir ao seu filho/filha que o/a ama?

Para cultivar a empatia na criança

A empatia é o processo pelo qual a pessoa se apercebe dos sentimentos de outrem relativamente a determinada situação e consegue responder às circunstâncias de uma forma preocupada e compassiva. O comportamento nos media sociais leva, em muitos casos, a que as crianças não tenham consciência de que os seus atos podem prejudicar terceiros. Faz, portanto, sentido sensibilizar para esta matéria.

O Recurso 3.11 – “For the birds” visa sensibilizar para o facto de as crianças poderem participar em *bullying* sem que disso tenham consciência.

Recurso 3.11 – “For the birds” (“Para os Pássaros”)

Produzido por: Pixar Animation Studio



URL: <http://www.youtube.com/watch?v=omk6TAxJYOg&feature=related>

(Disponibilizado por: YouTube)

Após o visionamento:

A curta-metragem “For the Birds” pode ser transposta para o cyberbullying, tanto no que se refere ao agressor como no que diz respeito ao papel do espetador ou circunstante: uma criança pode participar no bullying sem que disso tenha consciência, ao publicar comentários, fazer “Gosto”, partilhar fotos, espalhar boatos, etc.

Debata as seguintes questões com os participantes:

1. Quem são os agressores neste filme: os dois passaritos do meio ou os passaritos todos?
2. Acha que os passaritos que não participam propriamente na agressão física se veem como agressores, ou não?

Aprender a dar valor aos outros

Aprender a dar valor aos outros significa ser capaz de separar o plano dos relacionamentos do plano racional, o que por sua vez implica aprender a distinção entre gostar de alguém e analisar com objetividade os factos subjacentes de uma dada situação. Exemplos de questões relevantes para discutir com os filhos:

- Que significa dizer "Os meus respetos"?
- Qual a diferença entre “respeitar” e “gostar de” alguém?

Reagir positivamente:

Ao responderem às solicitações dos filhos num registo positivo, os pais podem corrigir o comportamento destes sem os desalentar.

Muitas vezes, as palavras, ainda que bem intencionadas, são interpretadas de maneira errada: A frase “Gosto que não andes na bisbilhotice”, por exemplo, pretende ser uma avaliação positiva, no entanto está formulada na negativa (não andes...). Teria sido melhor dizer “Gosto que saibas guardar segredos”. Privilegie o que acha bem, em detrimento de uma atenção exclusiva aos comportamentos a corrigir.

Recurso complementar:

A Atividade 3.8 – “Para compreender as preocupações e perspetivas dos pais acerca do cyberbullying visa gerar entre os participantes o entendimento daquilo que são as preocupações dos pais quanto ao cyberbullying.

A Atividade 3.9 – “Tempo de reflexão” visa colocar os pais perante a diversidade de questões suscitadas pelo cyberbullying .

Atividades

Esta secção inclui todas as atividades e recursos complementares não incluídos na secção ‘Súmula do pensamento e do conhecimento atuais’.

Panorâmica:

A Atividade 3.2 - “Para compreender os sinais e os sintomas da vitimização” baseia-se na premissa de que um véu de secretismo encobre uma grande parte dos comportamentos agressor-vítima, em especial nas situações de bullying e cyberbullying. No caso de, como acima ficou sugerido, os pais necessitarem de assumir uma atitude “detetivesca”, esta atividade pretende ser uma ajuda nesse sentido.

A Atividade 3.4 – “Alternativas dos pais no caso de os filhos, sejam crianças ou adolescentes, relatarem episódios de vitimização” visa incentivar os participantes a ponderar bem os conselhos geralmente dados aos pais quando em situação de aflição por saberem que os filhos foram vítimas de cyberbullying.

A Atividade 3.6 – “Alternativas dos pais no caso de os filhos, sejam crianças ou adolescentes, estarem envolvidos na vitimização de terceiros” propõe aos participantes que repensem as recomendações a dar aos pais dos jovens envolvidos em comportamento violento.

A Atividade 3.8 – “Para compreender as preocupações e perspetivas dos pais acerca do cyberbullying visa gerar entre os participantes o entendimento daquilo que são as preocupações dos pais quanto ao cyberbullying.

A Atividade 3.9 – “Tempo de reflexão” visa colocar os pais perante a diversidade de questões suscitadas pelo cyberbullying.

Atividade 3.2 – “Compreender os sinais e os sintomas da vitimização”

Objetivo

Esta atividade foi concebida para um grupo de, aproximadamente, vinte a vinte e cinco participantes, e baseia-se na premissa de que um véu de secretismo encobre uma grande parte dos comportamentos agressor-vítima, em especial nas situações de bullying e cyberbullying. No caso de, como acima ficou sugerido, os pais necessitarem de assumir uma atitude “detetivesca”, esta atividade pretende ser uma ajuda nesse sentido.

Procedimento

- O dinamizador apresenta a todos os participantes as duas listas contidas no Recurso 3.2 – “Sinais e sintomas da vitimização”, ilustrando cada ponto com exemplos (de acordo com a sua experiência) ou com respostas elucidativas vindas do grupo. (A opção por esta metodologia torna necessário dotar esta atividade de mais tempo).
- Para facilitar o debate e gerar ideias e exemplos, o grupo poderá ser dividido em subgrupos de quatro a seis membros (devendo dedicar-se a esta parte da atividade 10 minutos).
- Uma vez reunida de novo a totalidade do grupo, debate-se um tópico de cada vez. Os tópicos do debate poderão ser, aproximadamente, os seguintes:
 - o A que se deve a manifestação deste “sinal ou sintoma”? Que sentido tem, no quadro da experiência de vitimização vivida pela criança/adolescente?
 - o Qual poderá ser a manifestação concreta desse “sinal ou sintoma” em casa? Qual a pessoa com maior probabilidade de o identificar?
 - o Que deverá fazer quem identificar tal “sinal ou sintoma”? Que conselho deverá dar um educador competente a um pai que o tenha detetado?
 - o Como classificar, numa escala, esses “sinais e sintomas”? Com que critérios?

Debate

Deve pedir-se aos participantes que recorram à sua própria experiência para responderem à seguinte questão (que pode começar por ser colocada à generalidade do grupo):

- Escapou-nos alguma coisa? Haverá na pessoa em causa outros padrões de comportamento/ efeitos perceptíveis que sejam compatíveis com o facto de ter sido vítima de cyberbullying?

Atividade 3.4 – “Alternativas dos pais no caso de os filhos, sejam crianças ou adolescentes, relatarem episódios de vitimização”

Objetivo

O objetivo desta atividade é incentivar os participantes a ponderar bem os conselhos geralmente dados aos pais quando em situação de aflição por saberem que os filhos foram vítimas de cyberbullying

Recursos

Usar uma folha de resposta A4.

Procedimento

Pelas mesmas razões já anteriormente apontadas – ou seja, pelo facto de haver uma sobreposição ou coincidência parcial entre o bullying e o cyberbullying envolvendo crianças –, os pais deverão sentir-se à vontade para lidar com ambas as formas de bullying. Com efeito, o que um pai confrontado com o cyberbullying precisa de saber é que não é diferente ser pai no ciberespaço e no mundo real. Para serem cibercidadãos competentes e responsáveis, os filhos necessitam de orientação moral e ética, bem como de fronteiras definidas e adequadas ao seu desenvolvimento⁽⁹⁾. Os autores de *Dealing with Bullying in Schools*⁽⁸⁾ propõem seis medidas a tomar pelos pais com filhos envolvidos em casos de bullying, acrescentando ainda a necessidade de, nas aulas práticas destinadas aos pais, se assegurar a compreensão efetiva de tais estratégias (pág.96). São as seguintes as seis estratégias em questão:

- (A) “Detetar o problema”;
- (B) “Tornar claro que o problema está no agressor e não na vítima”;
- (C) “Tornar claro que não se deve ripostar fisicamente”;
- (D) “Ensinar, em casa, técnicas de reação ao assédio verbal, através de dramatizações (a

«resposta pelo silêncio», a «utilização do humor», e a «firmeza»);

(E) “Cultivar a autoestima em casa”;

(F) Se se achar que tal é relevante em face do sucedido, participar o caso à escola, à polícia, etc.

Embora estas estratégias pareçam mais direcionadas para o bullying convencional do que para o cyberbullying, é importante notar que elas também se aplicam a este. Assim, e por exemplo, poderá parecer estranho, a propósito do cyberbullying, aconselhar a não ripostar fisicamente. Mas não é raro as cibervítimas verem-se tentadas a ajustar contas através do confronto físico, situação que normalmente tende a exacerbar o problema, em especial se for gravada em telemóvel e o vídeo reencaminhado para terceiros. Melhor conselho será ensinar as vítimas, quando postas face a face com os seus agressores, a enfrentá-los com firmeza. Contudo, para além do que já foi exposto, a especificidade do cyberbullying suscita as seguintes recomendações:

(G) Fale das ciber-regras (como seja o cuidado em nunca divulgar informação pessoal ou fotografias que não se deseja que sejam vistas por toda a gente)

(H) Acompanhe e supervise a utilização da Internet;

(I) Ensine técnicas de reação ao cyberbullying (como por exemplo não responder, ou responder de forma calma, firme e bem humorada, tal como se faria numa situação de bullying presencial; guardar a mensagem; bloquear quem a enviou; denunciar a situação);

(J) Descubra o ciberespaço na companhia do seu filho;

(K) Apresente denúncias junto dos operadores dos sítios ou dos telemóveis.

- i. O dinamizador deve apresentar estas estratégias, pelo respetivo nome, aos participantes, o que poderá ser feito copiando a lista acima referida para cartões / fichas de trabalho, ou projetando-a na sala.
- ii. Os participantes devem, então, agrupar-se aos pares, formando “parceiros de trabalho”.
- iii. De seguida devem os participantes refletir sobre a lista de temas abaixo indicados, relacionando-os com cada uma das estratégias já mencionadas (também aqui a lista poderá ser copiada para cartões / fichas de trabalho ou projetada).

- a) As competências de que os pais precisariam para levar tudo isto à prática (seja concreto);
- b) Aspectos que os pais poderiam ter dificuldade em concretizar;
- c) Eventuais objeções dos jovens, caso esta estratégia seja levada à prática;
- d) Como poderia eu próprio aplicar tudo isto, ou aconselhar alguém a fazê-lo;
- e) Que outros aspectos haverá que ter em consideração para recomendar/aplicar esta estratégia?
- f) Como poderia eu próprio aplicar tudo isto, ou aconselhar alguém a fazê-lo;
- g) Finalmente, independentemente de ter respondido a e) ou f), responda ao seguinte: Que outros aspectos haverá que ter em consideração para recomendar/aplicar esta estratégia?

iv. Reserve cerca de vinte minutos para esta parte da atividade. Antes de escreverem o que quer que seja, os participantes deverão estar conscientes de que a atividade prevê a permuta das folhas de resposta com um parceiro e a discussão dos novos temas que entretanto surgirem no grupo. Assim, os participantes apenas deverão registar o que se sentirem à vontade para registar.

A ideia é que cada participante a) amplie de forma construtiva as sugestões avançadas nas respostas do parceiro ou parceira de trabalho; e b) apresente sugestões construtivas para superar as potenciais "dificuldades" por aquele(a) levantadas nas respostas dadas às questões. Reserve cerca de vinte minutos para esta parte da atividade.

v. Neste momento, cada par entabula, entre si, um diálogo de dez minutos sobre o que partilharam e mutuamente potenciaram.

vi. O “grupo todo” (isto é, todos os participantes em conjunto) é reconstituído.

Debate

O dinamizador conduz um debate sobre a atividade, dando as seguintes pistas:

- i. Quais os pontos de convergência verificados entre os parceiros? E, uma vez passada essa informação ao “grupo todo”, que dizer a este respeito quanto ao grupo no seu conjunto?
- ii. Quais os pontos de divergência verificados entre os parceiros? E, uma vez passada essa informação ao “grupo todo”, que dizer a este respeito quanto ao grupo no seu conjunto?

Falando de um ponto de vista estritamente pessoal, qual a coisa mais importante/útil que os participantes aprenderam com esta atividade?

Atividade 3.6 – “Alternativas dos pais no caso de os filhos, sejam crianças ou adolescentes, estarem envolvidos na vitimização de terceiros”

Objetivo

O objetivo desta atividade é incentivar os participantes a ponderar bem os conselhos geralmente dados aos pais quando em situação de aflição por saberem que os filhos estiveram envolvidos na vitimização de terceiros.

Recursos

Folha de respostas, que poderá ir até ao formato A3.

Procedimento

Ajudar os pais a lidar com crianças e adolescentes que cometam cyberbullying não será muito diferente do aconselhamento dado aos pais relativamente aos ataques convencionais de bullying. Os peritos que trabalham com ambos os fenómenos – bullying e cyberbullying ^(21,22,24) – recomendam as seguintes estratégias:

- (A) Sensibilizar, com rigor, para aquilo que é o cyberbullying;
- (B) Descobrir o que está a provocar o comportamento agressivo;

(C) Discutir as regras de uma utilização responsável do computador e da Internet (ou seja, um contrato social);

(D) Acompanhar e supervisionar de forma adequada a utilização da Internet;

(E) Ensinar competências empáticas em casa;

(F) Cultivar a autoestima em casa;

(G) Facilitar a “catarse” em crianças especialmente ativas (ou seja, “libertar energias de uma maneira positiva”)

(i) O dinamizador deve apresentar estas estratégias, pelo respetivo nome, aos participantes, o que poderá ser feito copiando a lista acima referida para cartões / fichas de trabalho, ou projetando-a na sala.

(ii) Os participantes devem, então, agrupar-se aos pares, formando “parceiros de trabalho”.

(iii) De seguida devem os participantes refletir sobre a lista de temas abaixo indicados, relacionando-os com cada uma das estratégias já mencionadas (também aqui a lista poderá ser copiada para cartões / fichas de trabalho ou projetada).

(a) As competências de que os pais precisariam para levar tudo isto à prática (seja concreto);

(b) Aspetos que os pais poderiam ter dificuldade em concretizar;

(c) Eventuais objeções dos jovens, caso esta estratégia seja levada à prática;

(d) Fator decisivo: Seria capaz de, por sua vontade, concretizar tudo isto, ou aconselhar alguém a fazê-lo? Se “sim”, responda à questão (e); se “não”, responda à questão (f), e volte ao texto que precede o presente capítulo;

(e) Como poderia eu próprio aplicar tudo isto, ou aconselhar alguém a fazê-lo; ou,

(f) De que informação/competências é que eu precisaria antes de tentar concretizar tudo isto ou aconselhar alguém a fazê-lo?;

(g) Finalmente, independentemente de ter respondido a e) ou f), responda ao seguinte: Que outros aspetos haverá que ter em consideração para recomendar/aplicar esta estratégia?

Atividade 3.8 – “Para compreender as preocupações e perspectivas dos pais acerca do cyberbullying”

Objetivo

Esta atividade foi concebida para um grupo de, aproximadamente, vinte a vinte e cinco participantes, e visa assegurar entre os participantes a compreensão efetiva das preocupações dos pais quanto ao cyberbullying. Em primeiro lugar, e no decorrer da primeira parte da atividade, os participantes deverão chegar à conclusão de que a maneira como os pais veem o cyberbullying não é, necessariamente, igual à definição dada pela investigação especializada ou pelos responsáveis pelas políticas escolares. Em segundo lugar, pede-se aos participantes que reflitam sobre o cyberbullying a partir do ponto de vista de um conjunto diverso de posições parentais.

Recursos

O dinamizador apenas necessitará das instruções desta atividade, de um quadro e de material de escrita apropriado para nele apresentar os resumos das respostas dos grupos.

Procedimento

Esta atividade divide-se em duas partes:

Primeira parte:

- i. Cada participante trabalhará, a princípio, sozinho, sendo-lhe pedido que apresente uma definição.
- ii. De seguida o grupo pode ser dividido em subgrupos mais pequenos (entre quatro a seis elementos cada). Os integrantes dos subgrupos comparam as suas definições e tentam chegar a um consenso sobre qual, na sua opinião, seria a definição de “cyberbullying” dada pelos pais de crianças e jovens em idade escolar.
- iii. Cada subgrupo nomeia um porta-voz que reporta as conclusões do subgrupo ao dinamizador, o qual por sua vez vai resumindo, no quadro, as conclusões de todo o grupo.

- iv. Então, o dinamizador apresenta a definição dos grandes especialistas da área do cyberbullying.

Por exemplo, alguns investigadores⁽³⁾ definem o cyberbullying como um “... ato de agressão deliberado e reiterado, cometido através de computadores, telemóveis e outros dispositivos eletrónicos.”

ou

Bill Belsey, presidente da Bullying.org (Canadá), define o cyberbullying da seguinte forma: “O cyberbullying implica a utilização de tecnologias de informação e comunicação – como sejam o correio eletrónico, as mensagens de texto via telemóvel e pager, as mensagens instantâneas, os sítios pessoais da Web com conteúdos difamatórios e as páginas pessoais de sondagens difamatórias online – como plataforma para uma conduta hostil, deliberada e reiterada, por parte de um indivíduo ou de um grupo, com o objetivo de fazer mal a outrem.”

Segunda parte:

- i. O dinamizador coloca o grupo perante cinco situações em que potencialmente os pais se venham a encontrar (e que aquele poderá eventualmente apresentar de maneira desenvolvida como casos hipotéticos, se isso contribuir para a aprendizagem):
- a) um pai cujo filho foi sujeito a cyberbullying;
 - b) um pai cujo filho foi inquestionavelmente identificado por cometer atos de cyberbullying contra terceiros;
 - c) um pai cujo filho foi acusado de vitimizar outros, embora não tenha a certeza de que a acusação tem fundamento;
 - d) um pai cujo filho assistiu a um episódio de bullying;
 - e) um pai que, apesar de o filho não se ter envolvido em cyberbullying na escola, continua preocupado com a existência desses problemas no meio escolar.
- ii. O grupo (isto é, o conjunto de todos os participantes) divide-se em cinco subgrupos, sendo a cada um atribuída uma das cinco “posições parentais” acima descritas.

iii. Cada subgrupo tem de debater como é que o “pai/mãe” que lhe coube poderia reagir aos seguintes estímulos:

- qual a função das autoridades externas na prevenção e combate ao cyberbullying nas escolas?
- qual a função das autoridades escolares na prevenção e combate ao cyberbullying nas escolas?
- qual a função do pessoal docente e dos funcionários na prevenção e combate ao cyberbullying nas escolas?
- qual a função dos pais dos alunos na prevenção e combate ao cyberbullying nas escolas?
- qual a função dos alunos na prevenção e combate ao cyberbullying nas escolas?
- que deve a escola fazer em relação a quem comete cyberbullying nas escolas?
- que deve a escola fazer em relação a quem testemunha/assiste a atos de cyberbullying nas escolas?
- que deve a escola fazer em relação às vítimas de cyberbullying nas escolas?

iv. Cada subgrupo nomeia então um porta-voz, que passa as conclusões do subgrupo ao dinamizador.

v. Depois de desfeitos os subgrupos e uma vez reconstituído o grupo com todos os participantes, o dinamizador deverá procurar resumir os resultados da atividade (utilizando o quadro) e refletir sobre o seu significado. Deverá, concretamente, procurar abordar a seguinte questão:

- Que há de constante nas preocupações dos pais nas diversas situações em que se podem encontrar?

Atividade 3.9 – “Tempo de reflexão”

Objetivo

Esta atividade visa apresentar aos pais os diversos tópicos de debate relacionados com o cyberbullying.

Procedimento

A presente atividade pode ser levada a cabo individualmente ou em ambiente de grupo. O objetivo da atividade é estimular o debate com base nas seguintes questões:

- **Problema:** O seu filho ou filha recebeu uma ameaça no telemóvel. O que é que faz?
- **Problema:** Descobre que o seu filho ou filha anda a utilizar o telemóvel e a Internet para agredir outros. O que é que faz?
- **Afirmação:** Os pais são responsáveis pelo que está escrito nas páginas Web dos filhos. Qual a sua opinião?
- **Problema:** Com um telemóvel, filmaram o seu filho ou filha no balneário e o vídeo foi publicado na Internet. O que é que faz?
- **Problema:** O seu filho ou filha recebeu no telemóvel/email/perfil uma mensagem que ridiculariza/ofende um amigo ou amiga. O que é que faz?

Referências

- ¹ O'Moore, A. M., Kirkham, C., & Smith, M. (1997). Bullying behaviour in Irish schools: A nationwide study. *Irish Journal of Psychology*, 18(2), 141–169.
- ² O'Moore, A. M., & Minton, S. J. (2009). Cyberbullying: The Irish experience. In Quinn, C., & Tawse, S. (Eds.), *Handbook of aggressive behaviour research*. U.S.: Nova Publishers.
- ³ Williams, J., Greene, S., Doyle, E., Harris, Latye, R., McCoy, S., McCrory, C., Murray, A., Nixon, E., O'Dowd, T., O'Moore, M., Quail, A., Smyth, E., Swords, L., Thornton, M. (2009). *Growing Up in Ireland: National Longitudinal Study of Children. The Lives of 9-year-olds*. Office for the Minister for Children and youth Affairs, Department of Health. Dublin, The Stationary Office.
- ⁴ O'Moore, A. M., & Minton, S. J. (2004a). Ireland: The Donegal primary schools anti-bullying project. In P.K. Smith, D. Pepler, & K. Rigby (Eds.), *Bullying in schools: How successful can interventions be?* (pp. 275-287). Cambridge: Cambridge University Press.
- ⁵ Rigby, K., & Slee, P. T. (1999). Australia. In P. K. Smith, Y. Morita, J. Junger-Tas, D. Olweus, R. Catalano, & P. Slee, P. (Eds.), *The nature of school bullying: A cross-national perspective* (pp. 324-339). London: Routledge.
- ⁶ Patchin, J. W., & Hinduja, S. (2006). Bullies move beyond the schoolyard: A Preliminary look at cyberbullying. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 4(2), 148-169.
- ⁷ Kowalski, R. M., Limber, S. P., & Agatston, P. W. (2008) *Cyber bullying*. Oxford: Blackwell.
- ⁸ O'Moore, A. M., & Minton, S. J. (2004b). *Dealing with bullying in schools: A training manual for teachers, parents and other professionals*. London: Paul Chapman Publishing.
- ⁹ Spears, B., Slee, P., Owens, L., & Johnson, B. (2008). Behind the scenes: Insights into human dimension of covert bullying. A short report. University of South Australia.
- ¹⁰ O'Moore, M & Corcoran, L.(2011). Cyberbullying: The situation in Ireland, Paper presented at Anti-Bullying-Centre in association with COST Conference: Bullying at School :Sharing Best Practice in Prevention and Intervention, Trinity College Dublin 10th Nov 2011

Leitura adicional e outros materiais

Livros

- Besag, V. E. (1994). Bullies and victims in Schools. Buckingham: Open University Press.
- Byrne, B. (1993). Coping with bullying in schools. Dublin: Columba Press.
- Byrne, B. (1996). Bullying: A community approach. Dublin: Columba Press.
- Cowie, H., & Jennifer, D. (2007). Managing violence in schools: A Whole-School Approach to best practice. London: Paul Chapman.
- Dore, S. (2000). Bullying. NSPCC: Egmont World Ltd.
- Elliot, M. (1996). 501 ways to be a good parent. London: Hodder & Stoughton.
- Elliot, M. (1997). 101 ways to deal with bullying: A guide for parents. London: Hodder.
- Elliot, M. (1997). 101 ways to deal with bullying: A guide for parents. London: Hodder & Stoughton.
- Ericsson, K., og Larsen, G. (2000). Skolebarn og skoleforeldre: Om forholdet mellom hjem og skole. Oslo: Pax.
- Hinuja, S. & Patchin, J. W. (2009). Bullying beyond the schoolyard: Preventing and responding to cyberbullying. California: Corwin Press.
- Humphreys, T. (1993). Self-esteem: The key to your child's education. Leasington, Co. Cork: T. Humphreys.
- Kowalski, R. M., Limber, S. P., & Agatston, P. W. (2008). Cyber bullying. Oxford: Blackwell & Stoughton.
- Kristiansen, T. (2004). Foreldrene – skolens nye ressurs: utfordringer til samtale mellom lærere og foreldre. Oslo: Damm.
- La Fontaine, J. (1991). Bullying: A child's view. London: Calouste Gulbenkian Foundation.
- Marr, N., & Field, T. (2001). Bullycide: Death at playtime. Oxford: Success Unlimited.
- O'Moore, M. (2010). Understanding School Bullying: A Guide for Parents and Teachers. Dublin: Veritas
- O'Moore, A. M., & Minton, S. J. (2004). Dealing with bullying in schools: A training manual for teachers, parents and other professionals. London: Paul Chapman Publishing. (Chapter Four).

- O'Moore, A. M., & Minton, S. J. (2009). Cyberbullying: The Irish experience. In Quinn, C & Tawse, S. (Eds.), *Handbook of aggressive behaviour research*. U.S.: Nova Publishers.
- Office for Internet Safety (2009). *Get with IT!:A Guide to Cyberbullying*. Dublin.
- Olweus, D. (1997). Bully/victim problems in school: Knowledge base and an effective intervention program. *Irish Journal of Psychology*, 18, 170-190.
- Olweus, D. (1999). Sweden. In P. K. Smith, Y. Morita, J. Junger-Tas, D. Olweus, R. Catalano, & P. Slee (Eds.), *The nature of school bullying: A cross-national perspective* (pp. 7-27). London: Routledge.
- Palfrey, J.(2008).Enhancing Child Safety &Online Technologies. Final report of the internet safety technical task force to the multi-sate working group or social networking of Satate Attorneys General of the United States. Berkman Centre for internet &society at Harvard University.
- Rigby, K. (2002). *New perspectives on bullying*. London: Jessica Kingsley.
- Roland, R. (1997). *Mobbing: Håndbok til foreldre*. Stavanger: Rebell forlag.
- Smith, P. K., & Thompson, D. (1991). *Practical approaches to bullying*. London: David Fulton Publishing.
- Smith, P. K., & Thompson, D. (1991). *Practical approaches to bullying*. London: David Fulton Publishing.
- Sullivan, K. (2000). *The anti-bullying handbook*. Oxford: Oxford University Press.
- Thomas, P. (2000). *Stop picking on me: A first look at bullying*. New York: Barron's Educational Series.
- Veleva, R., & Kolev, N. (Eds.) (2001). *How to protect children from violence*. Pazardgik.
- Voors, W. (2000). *The parent's book about bullying*. Center City, MN: Hazelden.
- Zlatanova, V. (1995). *Family and deviant behaviour of under age people*. *Sociological Problems*, 2, 133-141.
- Swick, Kevin: *Early Childhood Education Journal*, Vol. 33, No. 1, August 2005

DVD

- Silent Witnesses (2006). The Anti-Bullying Centre, Trinity College Dublin
- Breaking through the Cloud of Bullying (2009). www.antibullyingcampaign.ie

Videos

- Hands on Bullying. (1998). Tony Jewes Productions.
- The Trouble with Tom. (1991). Central Independent Television Productions.

Sítios úteis

- Anti-Bullying Research and Resource Centre, Trinity College Dublin. <http://www.abc.tcd.ie>
- Anti-Bullying Alliance. <http://www.anti-bullyingalliance.org.uk/>
- BBC1 Schools: Bullying. <http://www.bbc.co.uk/schools/bullying>
- Bullying in Schools and What to do About it. <http://www.education.unisa.edu.au/bullying>
- Bullying Online. <http://www.bullying.co.uk>
- Bully Online. <http://www.successunlimited.co.uk>
- Campaign to highlight cyber-bullying(Top ten tips for parents)
<http://www.carphonewarehouse.ie>
- Childline. <http://www.childline.org.uk>
- Department for Education and Employment. <http://www.parents.dfes.gov.uk>
- Foreldreutvalget for grunnskolen. <http://www.fug.no>
- Internet Safety for Parents. <http://www.internetsafety.ie>
- National Child Protection Helpline. <http://www.nspcc.org.uk>
- Net Safe. The Internet Safety Group. www.netsafe.org.nz
- Northern Ireland Anti-Bullying Forum. <http://www.niabf.org.uk/cms/>
- Parent Centre, The. <http://www.parentcentre.gov.uk>
- Parentline Plus. <http://www.parentlineplus.org.uk>

- Scotland's Anti-Bullying Service. <http://www.respectme.org.uk/>
- Scottish Anti-Bullying Network. <http://www.antibullying.net>
- Suler, J.(2005). The Psychology of Cyberspace(available online at <http://www-usr.rider.edu/~suler/psycyber/psycyber.html>)
- VISYON. <http://www.visyon.org.uk>



CT4P 510162-LLP-1-2010-1-DE-GRUNDTVIG-GMP

This project has been founded with support from the European Commission. This communication reflects the views only of the authors, and the Commission cannot be held responsible for any use which may be made of the information contained therein.

